


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

KAREN AFFONSO BEVILAQUA

**EMPODERAMENTO FEMININO E A
CONQUISTA POR MULHERES DE ESPAÇOS DE
LIDERANÇA: uma reflexão a partir da ética da
existência**



ARARAQUARA – S.P.
2023

KAREN AFFONSO BEVILAQUA

**EMPODERAMENTO FEMININO E A
CONQUISTA POR MULHERES DE ESPAÇOS DE
LIDERANÇA: uma reflexão a partir da ética da
existência**

Tese de Doutorado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título Doutor em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Sexualidade, cultura e educação sexual

Orientador: Profa. Dra. Maria Regina Momesso

ARARAQUARA – S.P.
2023

B571e

Bevilaqua, Karen Affonso

EMPODERAMENTO FEMININO E A CONQUISTA POR
MULHERES DE ESPAÇOS DE LIDERANÇA : uma reflexão a
partir da ética da existência / Karen Affonso Bevilaqua. -- Araraquara,
2023

108 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Maria Regina Momesso

1. Ética da existência. 2. Protagonismo feminino. 3. Cuidado de si.
4. Escrita. 5. Mídia digitais. I. Título.

KAREN AFFONSO BEVILAQUA

EMPODERAMENTO FEMININO E A CONQUISTA POR MULHERES DE ESPAÇOS DE LIDERANÇA: uma reflexão a partir da ética da existência

Tese de Doutorado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título Doutor em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Sexualidade, cultura e educação sexual

Orientador: Profa. Dra. Maria Regina Momesso.

Data da defesa/entrega: 21/07/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Maria Regina Momesso

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP

Membro Titular: Prof. Dr. Sebastião de Souza Lemes

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP

Membro Titular: Profa. Dra. Leny André Pimenta

Universidade de São Paulo - USP

Membro Titular: Prof. Dr. Acir de Matos Gomes

Faculdade de Direito de Franca - FDF

Membro Titular: Profa. Dra. Carla Andrea Pereira de Rezende

Faculdade Autônoma de Direito – FADISP

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

À Deus e a todos que me ajudaram a chegar até aqui.

E foram muitos.

Obrigada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e à espiritualidade que têm iluminado meu caminho e me guiado em cada etapa desta jornada. Sua presença divina tem sido uma fonte de força e inspiração constante, preenchendo meu coração com gratidão, disposição e esperança.

Ao meu amado noivo e melhor amigo, Danilo, expresse meu profundo agradecimento. Você sempre esteve ao meu lado, apoiando-me em cada desafio, incentivando-me a alcançar meus sonhos e proporcionando um amor e apoio incondicionais. Seu cuidado e presença são um verdadeiro tesouro que carrego em meu coração.

À minha querida família, deixo registrada minha gratidão por todo o apoio, compreensão e paciência que demonstraram durante essa jornada. Vocês estiveram presentes em cada momento importante, compartilhando minhas alegrias e me apoiando em meus momentos de inquietude.

Aos meus colegas de trabalho e superiores, meu sincero agradecimento por acreditarem em meu potencial, por me darem condições, me incentivarem a crescer e me proporcionarem oportunidades de aprendizado e desenvolvimento. A confiança e apoio destes foi fundamental para minha evolução.

Agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha jornada acadêmica. Seus ensinamentos, conselhos e encorajamentos foram de valor inestimável. Cada interação, cada conversa, cada troca de conhecimento deixou uma marca indelével em minha trajetória.

Por fim, agradeço a todos os professores, orientadores, mentores e pesquisadores que compartilharam seu conhecimento e experiência comigo ao longo desses anos. Com especial carinho a minha orientadora Professora Maria Regina Momesso, “Marre”, para mim mulher inspiradora e sempre Professora. Suas contribuições foram fundamentais para minha formação e enriqueceram meu trabalho e percurso de pesquisa.

Neste momento faço uma reflexão sobre toda a trajetória como Doutoranda e divido a alegria dessa conquista com todos vocês.

“Quem tem um “porquê” enfrenta qualquer “como”.

Friedrich Nietzsche (1889, sp.)

RESUMO

Este estudo aborda a emancipação das mulheres em busca da igualdade de gênero e o seu empoderamento no mundo dos negócios com o esforço de promover a disseminação de ações positivas, um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) destacados na Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). Mas, como impulsionar a representatividade feminina no mundo corporativo em posições de liderança? Quais modos de existência estão representados nas diversas mídias que abordaram e abordam as dimensões da existência feminina e suas relações sociais? De que forma as práticas discursivas e não discursivas contribuem para o processo de emancipação da mulher e o seu autocuidado na construção de uma ética da existência feminina que lhes permita conquistar um protagonismo e sucesso no mundo dos negócios? O objetivo desta pesquisa é observar e analisar discursivamente a construção de modos de existência de mulheres detentoras de posições de liderança no ambiente corporativo e como se dá a realização do cuidado de si na constituição do sujeito mulher nesse cenário. A pesquisa configura-se como bibliográfica e exploratória, na medida em que se objetiva ampliar a familiaridade com o problema de pesquisa com vistas a construção de hipóteses que estimulem a compreensão dos modos e da ética de existência de mulheres empoderadas. Teoricamente pauta-se na abordagem foucaultiana do terceiro domínio denominado “Genealogia da Ética”. Outrossim, os resultados demonstram a existência de mulheres que se tornaram modelos de empoderamento como, por exemplo, Clarice Lispector que, por meio da “escrita de si”, ilustrou e trouxe a vida, personagens femininas, condutas, comportamentos e práticas de si que trazem à tona situações que envolvem uma estética e ética de si. Evidencia-se, dessa forma, através do produto vinculado a essa tese, que o cuidado de si pode ser fomentado a partir de técnicas de “escrileitura”, as quais, permitem que essas mulheres investiguem, detectem e promovam transformações para a constituição da sua estética de existência, assumindo posições e ocupando espaços antes restrito ao masculino.

Palavras-chave: Ética da existência; Protagonismo feminino; Cuidado de si; Escrileitura; Mídia digitais.

ABSTRACT

This study addresses women's emancipation in pursuit of gender equality and their empowerment in the corporate world to promote positive action dissemination, one of the Sustainable Development Goals (SDGs) emphasized in the United Nations (UN) Agenda 2030. So, how to increase female leadership positions representation in the corporate world? What existence modes are represented in the various media that have addressed and continue to address the female existence dimensions and their social relations? In which way do discursive and non-discursive practices contribute to women's emancipation process and self-care in the female ethic existence construction that allows them to gain prominence and success in the business world? This research objective is to observe and analyze discursively existences modes construction of the women who occupy leadership positions in the corporate environment and how self-care occurs in the female subject constitution in this scenario. The research is bibliographic and exploratory because it aims to increase research problem familiarity to constructing hypotheses that favor the understanding of modes and ethics of empowered women's existences. The theory that supports this work is based on Foucault's third domain approach called the "Genealogy of Ethics". Furthermore, the results demonstrate that are women who have become empowerment models, such as, for example, Clarice Lispector who, through "self-writing", illustrated and gave life to female characters, conducts, behaviors, and self-practices that bring situations that involve aesthetic and ethical self. It is evident, therefore, through the product attached to this thesis, that self-care can be cultivated from "writing-reading" techniques, which allow these women to investigate, detect and promote transformations for their existence aesthetics constitution, assuming positions and occupying spaces previously restricted to men.

Keywords: Existence Ethics; Female protagonism; Self-Care; Written-reading; Digital media.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Página de Abertura da Revista Digital @mulhercompalavra	86
Imagem 2	Postagem e interação da Revista Digital @narrativafeminina	87
Imagem 3	Postagem e interação da Revista Digital @silviadoesdrawings	88
Imagem 4	Postagem e interação da Revista Digital @mosaiceye	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS.....	15
1.2 METODOLOGIA.....	17
2 – FOUCAULT QUEM FOI E O QUE NOS DEIXOU NO CAMPO DA ANÁLISE DO DISCURSO	23
2.1 Foucault: Vida e Obra	23
2.2 Michel Foucault e seus últimos escritos.....	27
2.3 Michel Foucault: Enunciado e Discurso	29
2.4 Michel Foucault: Moral, Subjetividade e Cuidado de si	32
3 – DO AUTOCONHECIMENTO AO EMPODERAMENTO: O CAMINHO PARA TOMAR O PODER SOBRE SI	37
3.1 Empoderamento, diversidade e liderança.....	37
3.2 A ascensão feminina: mercado de trabalho, escolaridade e enriquecimento	40
3.3 Estado, corpo, maternidade e sexualidade.....	45
4 – LITERATURA E EMANCIPAÇÃO	57
4.1 O movimento sufragista e sua influência na literatura feminina	57
4.2 A busca por referências em Clarice Lispector. Lugar de mulher é onde ela desejar.....	61
4.3 Mulheres protagonistas e líderes. Muito além da “dona de casa”	67
5 – CUIDADO DE SI, “ESCRILEITURA”, E FORMAÇÃO DO SUJEITO.....	70
5.1 Poder, estética da existência e verdade	70
5.2 Escrileitura como ferramenta para o cuidado de si	71
5.3 Experiência modernas de escrileitura e autocuidado.....	78
6 – O CUIDADO DE SI: A PROPOSTA DA REVISTA DIGITAL.....	83
6.1 Aspectos técnicos e criativos da sua elaboração	83
7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS	97
ANEXOS	104
ANEXO I - A Revista "Olhe pra Ela".....	105

1 INTRODUÇÃO

A mudança na estrutura social e familiar, a partir dos anos 1950 exige um olhar crítico frente à posição feminina com vistas a construção de sujeito feminino dotado de autonomia na escolha de suas possibilidades de existência diante das disparidades sociais, de raça e de gênero, das imposições culturais e biológicas.

Pretende-se neste trabalho refletir sobre os papéis impostos pela lógica patriarcal, de mercado e a alienação do pensar, e o quanto esses embates drenam a experimentação de vida e dificultam o desprendimento de situações imperativas e categóricas no ambiente de trabalho, em específico no que tange a mulheres que ocupam posições de gestão e liderança. Tal reflexão parte de textos circulantes na sociedade, na mídia e em textos bibliográficos que tratam do empoderamento¹ e do protagonismo da mulher especialmente no que chamaremos como consta no título desta Tese: “espaços de liderança”, lócus de análise esse, que abarca do universo corporativo, ou seja, o espaço no qual pessoas, independentemente do setor da economia a que estejam ligadas, direcionam e otimizam recursos diversos com o objetivo de multiplicação de capital.

Os textos a serem analisados neste trabalho são aqueles que apresentam o autorreconhecimento de mulheres desafiando os papéis tradicionalmente atribuídos ao gênero feminino, notadamente em posições de gestão e liderança em empresas e projetos. Nesse sentido, a obra e personalidade de Clarice Lispector surgem como um referencial significativo, uma vez que suas escritas refletem o processo de emancipação feminina e permitem explorar a construção de uma identidade própria, independente e verdadeira.

Sabe-se que o passado histórico da humanidade perpassa por cenários de intensa discrepância de acesso à educação, oportunidades no mercado de trabalho entre homens e mulheres, cabendo a estas exercer tarefas secundárias e restritas ao ambiente doméstico e maternal. Assim, a ascensão feminina nos ambientes corporativos, financeiros e de negócios, têm alçado as mulheres a assumir tarefas de protagonismo e tomada de decisão. No entanto, esta é uma conquista recente, assim recorta-se para este estudo o período pós 1950 até a contemporaneidade.

¹ Utilizamos aqui o termo empoderamento por ser essa uma categoria de análise tradicionalmente utilizada pela literatura especializada e de gênero apesar de partirmos do referencial foucaultiano, contudo, temos plena consciência das restrições que Foucault impõe no que tange a ideia de poder de modo sua utilização envolve muito mais a ideia de protagonismo feminino e autonomia do que a própria ideia de empoderar alguém, ou seja, a uma capacidade de agir sobre a realidade e produzir mudanças.

Sanches (2022) aponta a falta de representatividade feminina no mercado de trabalho brasileiro, argumenta que ainda se tem grandes desafios para a inclusão da liderança feminina amparada em dados de pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2021, em que 63% dos cargos gerenciais são ocupados por homens em detrimento de 37% de mulheres. O mais agravante na pesquisa do IBGE é que em 2018 as mulheres ocupavam 39%, o que demonstra um declínio da posição das mulheres em cargos executivos no mercado num curto período de apenas três anos. Já Nascimento (2018), em seu artigo “Gestão Feminina: A liderança feminina nas organizações brasileiras” possui um olhar mais positivo e esclarece que apesar da liderança feminina ter uma trajetória desafiante, na contemporaneidade, ela tem despertado interesse e olhares diferenciados no mundo empresarial e acadêmico. Neste sentido, afirma ainda que a presença e a participação das mulheres em cargos executivos em empresas de pequeno, médio e grande porte têm aumentado no Brasil.

Durante uma análise histórica da representatividade, do empoderamento e das principais conquistas femininas, utilizando pesquisas em blogs, sites e artigos acadêmicos, pode-se observar que as primeiras conquistas remontam a meados do século 19, entre 1852 e 1900, quando surgiram os primeiros jornais femininos no Rio de Janeiro, como o *Jornal das Senhoras*, *O Belo Sexo*, *A Família e Voz Feminina*, que foram criados por mulheres e voltados para um público feminino.

Um marco importante ocorreu em 1832, quando Nísia Floresta, uma figura republicana e abolicionista, traduziu o livro "Direitos das mulheres e injustiças dos homens", considerado o precursor do feminismo no Brasil. Durante o período de 1880 a 1890, operárias brasileiras foram contratadas para trabalhar em tecelagens, enfrentando jornadas de trabalho de até 16 horas e sendo alvo de assédio sexual, principalmente por parte de patrões e capatazes.

Em 1903, ocorreu a primeira greve da indústria têxtil no Rio de Janeiro, organizada por mulheres e desencadeada pela demissão de uma operária grávida por parte do mestre de obras. Em 1919, foi aprovada uma resolução que estabelecia salários iguais para homens e mulheres. Em 1916, surgiu o Primeiro Código Civil Brasileiro, substituindo as Ordenações Filipinas, leis que conferiam aos maridos poder de vida e morte sobre esposas suspeitas de adultério. No entanto, as mulheres ainda eram consideradas incapazes de exercer uma profissão sem o consentimento do marido.

O Brasil se destaca em 1932 como o segundo país latino-americano a admitir o voto feminino, proporcionando um marco importante para a participação política das mulheres. Na Europa, em 1949, Simone de Beauvoir causa um impacto significativo na sociedade francesa e mundial com a publicação de "O segundo sexo", obra que se tornou uma referência para o

movimento feminista e uma análise crítica das condições de opressão enfrentadas pelas mulheres.

No contexto brasileiro, em 1936, foi criado o primeiro Sindicato das Domésticas, um importante passo para a valorização e reconhecimento do trabalho doméstico feminino. Em 1950, nos Estados Unidos, foi iniciada a venda da pílula anticoncepcional, o que teve um impacto profundo na vida das mulheres, permitindo maior controle sobre sua saúde reprodutiva e abrindo caminho para a liberação sexual.

O ano de 1962 é marcado pelo Estatuto da Mulher Casada no Brasil, que permitia que as mulheres casadas pudessem exercer livremente uma profissão. Nesse mesmo período, a pílula anticoncepcional chegou às farmácias brasileiras, proporcionando às mulheres maior autonomia em relação à maternidade.

Em 1966, nos Estados Unidos, Betty Friedan organizou a National Organization for Woman (NOW) e deu início à segunda onda do movimento feminista, ampliando a luta pelos direitos das mulheres em várias frentes. Em agosto de 1970, aconteceu a Passeata de Mulheres, em diversas cidades americanas, reivindicando igualdade de oportunidades no trabalho e na educação, salários equitativos para tarefas equivalentes, legalização do aborto e abertura de creches em tempo integral.

No Brasil, em 1977, a Lei do Divórcio foi aprovada, garantindo às mulheres o direito de se divorciar legalmente. Lélia Gonzalez, antropóloga, filósofa e ativista dos movimentos feminista e negro, desempenhou um papel fundamental na luta pelos direitos das mulheres negras, participando da fundação do Movimento Negro Unificado em 1978 e do Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga em 1983.

Nos anos de 1987 e 1988, o movimento de mulheres conhecido como "lobby do batom" desempenhou um papel ativo na Assembleia Nacional Constituinte, pressionando direitos e garantias fundamentais para as mulheres. Em 1980, as Forças Armadas brasileiras passaram a aceitar mulheres e, em 1992, o Exército também abriu suas portas para a presença feminina.

Em 1985, foi inaugurada a primeira Delegacia da Mulher no Brasil, um espaço dedicado ao atendimento e proteção de mulheres vítimas de violência de gênero. Esses marcos históricos são indicativos do avanço das conquistas femininas ao longo das décadas, promovendo maior igualdade e garantias de direitos para as mulheres.

No ano de 1990 iniciou-se a terceira onda feminista, momento em que se destaca a filósofa Judith Butler lançando o livro "Problemas de Gênero", o qual, problematiza o gênero como fluído, não binário e performativo de modo que, a partir de então, gênero, sexo e sexualidade passam a ser entendidas como categorias que são socialmente construídas e, assim,

Butler torna-se a pioneira da teoria Queer. O ano de 1996 marca a reivindicação da participação ativa das mulheres na vida política. Em 2002 a falta de virgindade deixa de ser crime. A Lei Maria da Penha é criada em 2006.

A quarta onda surfa sob os protestos nas ruas, campanhas em redes sociais, surgimento de novos coletivos, blogs, sites femininos a partir dos anos 2010, neste ano é eleita a primeira Presidenta do Brasil, Dilma Roussef. O ano de 2011 é marcado pela Marcha das Vadias, já em 2012 Malala Yousafzai (1997) se tornou um símbolo do direito de meninas a estudar ao ser baleada na cabeça por desafiar o Talibã. O ano de 2015 é marcado pelas #MeuPrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto que evidenciam a onipresença velada do assédio no cotidiano das mulheres, ano também das mulheres que foram as ruas protestar, movimento denominado de Primavera Feminista. Já em 2017 as mulheres reagiram à eleição do então presidente Donald Trump. No Brasil 2018 ficou marcado pela ocorrência de diversos protestos com o levante inicialmente fomentado por mulheres da *hashtag* #elenão nas redes sociais contra o então candidato Jair Bolsonaro. É, também, em 2018, que pessoas *trans* podem alterar seus nomes comparecendo em qualquer cartório.

Nessa breve linha histórica da trajetória das conquistas femininas pode-se observar que o patriarcado prevaleceu por muito tempo e ainda existe “subterraneamente” em diversos setores da sociedade, essa presença trouxe grandes repercussões de ordem social, política, religiosa, econômica e cultural. Às mulheres permanece o desafio da luta constante contra alguns setores da sociedade em que ainda repousam pensamentos paternalistas, preconceituosos e discriminatórios. Recortando esse cenário para o mercado de trabalho, a luta pela representatividade e um espaço equânime de condições e direitos, se constitui também em mais um desafio a ser enfrentado por essas mulheres.

Embora muitas conquistas tenham se concretizado, algumas questões permanecem: Como impulsionar a representatividade feminina em papéis de gestão e liderança, diante de uma realidade ainda conservadora em pleno Século XXI? Quais modos de existência apresentam-se nas diversas mídias produzidas e/ou direcionada para mulheres no ambiente de liderança e que visam promover o seu protagonismo no mercado de trabalho? Que práticas discursivas e não discursivas contribuem para o processo de emancipação e empoderamento da mulher e do cuidado de si na construção de uma ética da existência feminina quando direcionado ao contexto dos negócios e ao empreendedorismo feminino?

Isto posto, tem-se que o presente estudo se justifica em razão da necessidade de buscar a equidade de direitos entre homens e mulheres, pela promoção e garantia de sua autonomia financeira e de pensamento, bem como, com vistas a garantir a representatividade feminina no

universo corporativo é urgente. Portanto, este estudo, diante da realidade hodierna, de posturas e posições polarizadas não só no âmbito político, religioso, cultural, mas também, no mundo corporativo, se propõe a pensar e fletir sobre a necessidade de se voltar para uma educação mais humanizada, que possa olhar para o sujeito em sua plenitude, que possa compreendê-lo em sua construção histórica, simbólica, psicológica e, especialmente, na constituição de sua(s) subjetividade(s).

1.1 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

De maneira geral, o que buscamos na presente tese é a partir dos discursos e práticas circulantes em referenciais bibliográficos, dados públicos e escritos de mulheres na publicidade, na mídia e na literatura, observar e analisar discursivamente a construção de modos de existência de mulheres empoderadas no universo dos negócios e como se dá o cuidado de si na constituição do protagonismo emancipatório feminino em posições de liderança e os reflexos decorrentes desse cenário. Especificamente busca-se com isto:

- 1) A partir do levantamento e recorte bibliográfico, midiático e literária de textos, discursos e práticas discursivas, não discursivas e de si circulantes na sociedade, contextualizar e problematizar a representatividade feminina no universo corporativo, em posições de liderança demonstrando aspectos positivos para as organizações e sua cadeia de produção, tanto no que tange aos aspectos financeiros quanto sociais implicados;
- 2) Analisar as práticas discursivas, não discursivas e de si, bem como os jogos de verdade que constroem os modos de existência de mulheres empoderadas no ambiente corporativo e que são tomadas como revolucionárias por romperem com estereótipos femininos de um dado momento histórico, tal como Clarice Lispector que adentrou e se tornou referência no mercado editorial tipicamente masculino há 60 anos e até hoje contribui e inspira outras mulheres a partir de seus textos;
- 3) Problematizar o “cuidado de si” e a possibilidade de uma ética da existência por meio da “escrileitura” como dispositivo de transmutação do estado posto das coisas, permitindo que as mulheres rompam estigmas socialmente convencionados e alcancem espaços até então ocupados por homens;
- 4) Desenvolver uma proposta de revista digital, direcionada ao público feminino, a ser disponibilizada em plataforma digital. Tal produto tem o intuito de apresentar conteúdo específico para que a leitora tenha neste um lugar seguro para obtenção de informações, enriquecimento pessoal e exercício do cuidado de si.

Assim, sendo, o que se busca aqui é analisar as práticas que levam os indivíduos a voltar a atenção para si mesmos, reconhecer-se como sujeitos de desejo e estabelecer uma relação consigo mesmos, permitindo-lhes descobrir, no desejo, a verdade de seu ser, seja ele natural ou decaído (FOUCAULT, 2004, p. 195). Nesse contexto, a educação tem um papel fundamental na provisão de ferramentas e questionamentos que permitam ao sujeito analisar sua realidade de forma crítica e construtiva, contribuindo assim para o processo de autodeterminação da

consciência e a conquista da liberdade. O norte deste trabalho reside, portanto, em compreender as representações sociais presentes em textos produzidos por mulheres em espaços virtuais de comunicação, como blogs, revistas e publicações em redes de domínio público. Essa abordagem permite identificar as formas como essas mulheres se posicionam em relação às suas experiências, bem como as estratégias discursivas utilizadas para construir essas representações.

1.2 METODOLOGIA

Para pensar o processo de empoderamento feminino e o lugar ocupado por mulheres no universo corporativo, parte-se dos estudos foucaultianos denominado de terceiro domínio, qual seja: “A genealogia da ética”.

A metodologia adotada para este trabalho configura-se como qualitativa, bibliográfica e exploratória, uma vez que tem por objetivo ampliar a familiaridade com o problema de pesquisa com vistas a construção de hipóteses a partir da análise discursiva de exemplos que estimulem a compreensão dos modos e da ética de existência de mulheres empoderadas no “universo corporativo”.

Ademais tem-se que a coleta de dados será realizada por meio de uma análise de conteúdo, com o objetivo de identificar as informações presentes nos textos selecionados em revistas, blogs, grupos e em redes sociais onde a interação seja por meio da comunicação escrita. Posteriormente, será realizada uma análise interpretativa dos dados, utilizando técnicas de análise de discurso.

A análise de discurso foucaultiana pode ser considerada uma ferramenta inter e multidisciplinar, pois envolve o diálogo transversal com vários campos epistemológicos, dos quais se construirá as ferramentas e categorias de análise. Assim, ao modo de Foucault (2010, p. 289-290) procura-se pensar diferente, não pensar sempre a mesma coisa. Toma-se a escrita como um tipo de experiência, a qual envolve o pensamento, e esse processo de “escrileitura”, e dela se sai dele transformado. Acorda-se com Foucault (2010) que a escrita é uma experiência que tempo por objetivo mudar a si mesmo e não pensar sempre da mesma forma, e atendendo a padrões impostos por situações alheias à vontade do sujeito.

Desta feita, tem-se que essa análise permitirá compreender como as mulheres se posicionam em relação às suas experiências e as estratégias discursivas utilizadas para construir essas representações. Pois, a análise de discurso é uma técnica que permite analisar como a linguagem é utilizada para construir sentidos e significados, e como esses sentidos e significados estão relacionados às relações de poder.

Diante do exposto, é fato que a metodologia de investigação de análise discursiva não é simples, ela apresenta a amplitude de abordagens com diferentes origens teóricas, logo passeia por diferentes enfoques metodológicos, desde a História, a Filosofia, a Psicanálise, a Linguística, a Sociologia, a Educação e outros campos do saber que podem contribuir para se pensar diferente do que se pensa. A análise aqui proposta procura descrever as qualidades performativas do discurso, demonstrando como as práticas discursivas, não discursivas e de si

constituem a(s) subjetividade(s) da mulher empoderada no mundo corporativo e estas práticas constroem em cada momento histórico direciona um tipo de educação da/para mulher em sociedade. O ponto de encontro entre as diferentes abordagens é a noção de que a linguagem/discurso não é transparente e não é neural para descrever e analisar o mundo social. Em acordo com Azevedo (s/d, p. 108)²,

“a investigação discursiva” é assim a de salientar as formas em que a linguagem constrói, regula e controla o conhecimento, as relações sociais e as instituições, e de examinar as formas pelas quais as pessoas utilizam ativamente a linguagem na construção do significado da vida quotidiana.

Em seus estudos, Foucault compreende o sujeito como histórico, em seu processo de subjetivação constante, ou seja, em diferentes momentos da história o sujeito é constituído de diferentes formas. Em seus últimos textos, Foucault (1984, p. 8) propõe observar quais são as formas e as modalidades da relação consigo através das quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito. Ato contínuo, Foucault volta-se para o homem da Antiguidade Clássica e constata que o elemento essencial constituinte do homem grego é a ética (relação consigo). No entanto, o filósofo aponta que o sujeito moderno diferentemente é resultado de práticas de poder, as quais impedem as práticas em relação a si, ou seja, impedem o exercício da liberdade.

A partir desse prisma o sujeito encontra-se em constante movimento, é suscetível de transformação, que está em processo de construção a partir de regras de existência e conduta, que se forma por meio de exercícios, de práticas e técnicas de si (FOUCAULT, 2004).

Olhar para o processo de empoderamento da mulher no mundo corporativo, implica observar quais são as formas e as modalidades da relação consigo essa mulher empoderada, líder e, como ela representa a si e as outras no tempo presente. E mais, que práticas, tecnologias de si tem transformado e impulsionado a ocupação de um espaço representativo feminino num mundo tipicamente masculino.

Os resultados obtidos serão apresentados e discutidos a partir de teorias e conceitos relevantes para o estudo, como a teoria da subjetividade e a estética da existência de Michel Foucault. A finalidade é contribuir para o entendimento da dinâmica das trocas de experiências em espaços virtuais de comunicação, especificamente entre mulheres.

Para tanto, parte-se, num primeiro momento, da análise da “escrita de si” nos textos produzidos por uma mulher empoderada, que fez rupturas e galgou espaço, num momento

² Ver Metodologias qualitativas Análise do Discurso. Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Sociologia). Sem data. Não paginado.

histórico em que a mulher dependia do homem para ter representatividade e espaço no mundo do trabalho editorial, jornalístico e literário, tipicamente masculino: a escritora Clarice Lispector.

Lispector segundo Zilberman (1998, p. 7) é “Judia, mas não sionista, do sexo feminino, mas não feminista militante, escritora recatada, mas mulher vaidosa, Clarice Lispector constitui hoje um dos portos seguros da crítica e da história da literatura”. Em outro texto Zilberman (2007, p. 22) afirma que a obra clariceana “reflete a difícil situação da mulher brasileira, no enclausuramento das senhoras burguesas, em A paixão segundo GH, seja a opressão e a falta de horizontes dos emigrantes nordestinas, achatados pela grande cidade, em A hora da estrela”. Mas, além de desnudar e problematizar a situação das mulheres nos anos 1950, 1960, 1970 e 1980 em seus romances, crônicas, cartas e contos, Clarice por meio da “escrita de si” se transformou, se constituiu em uma representante de uma mulher bem-sucedida no sentido do reconhecimento profissional e artístico na roda literária, num momento histórico em que o lugar da mulher era dentro de casa e quase sempre submissa ao marido.

A leitura e a apreciação dos escritos de Clarice se fazem presentes até hoje e influenciam os modos de existência tanto de mulheres quanto de homens.

Clarice Lispector fez da escrita uma ferramenta para constituir-se enquanto sujeito, para trabalhar-se, para compreender-se no mundo. Além disso, a escrita desde tenra idade foi um dispositivo usado pela autora para colocar-se no mundo e fazer-se existir, como na carta enviada ao Presidente Getúlio Vargas em 3 de junho de 1942, na qual solicitava a antecipação de seu pedido de naturalização, em razão de ter nascido na Ucrânia em 10 de dezembro de 1920, e ingressado ao Brasil quando ainda muito criança. Por meio da escrita feminina, tida por Clarice como sua profissão, ou seja, o meio de tornar-se mulher, de representar-se como mulher num mundo masculino. A escrita e a linguagem possibilitaram a Lispector recriar o lugar da mulher, a escrita feminina se sobrepôs ao autoritarismo, ao paternalismo, à linearidade, à submissão, à opressão. A “escrita feminina” da carta, ao então Presidente, é firme, clara e objetiva, apresentando-se como uma russa³ de 21 anos de idade e o mesmo tempo residindo no Brasil:

³ Conveniente uma explicação sobre a relação Rússia e Ucrânia, não só em razão da compreensão das origens de Lispector para como gancho a um entendimento da geopolítica local que se desdobraram em um triste conflito militar atual. A Ucrânia, que era parte da União Soviética, declarou sua independência em 21 de agosto de 1991. Durante o período soviético, o país era considerado uma região estratégica devido à sua alta população e à concentração de atividades agrícolas, industriais e militares. No entanto, as tensões entre a Rússia e a Ucrânia aumentaram após o posicionamento de soldados russos nas fronteiras ucranianas, o que suscitou temores de uma invasão russa. Essa movimentação inusual começou em novembro de 2021 e se intensificou em janeiro de 2022. O conflito geopolítico também se relaciona com o desejo da Ucrânia de se aliar à OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), uma aliança militar que, nos últimos anos, incorporou países que anteriormente faziam parte

“Que não conhece uma só palavra de russo, **mas que pensa, fala, escreve e age em português, fazendo disso sua profissão**⁴ e nisso pousando todos os projetos do seu futuro, próximo ou longínquo (LISPECTOR, 2002, p. 33)”.

O *corpus* de análise discursiva foucaultiana compõe-se de textos clariceanos que serão recortados em função do objeto de estudo dessa tese, bem como de recortes de textos diversos circulantes na mídia, na academia, em redes sociais de mulheres representantes de empoderamento e que são de domínio público.

A análise do processo de emancipação, empoderamento e autoconhecimento feminino que permitiu a essas mulheres lapidarem-se de modo a conquistarem papéis de destaque na gestão e liderança no mundo dos negócios, será feita com base nas teorias do cuidado de si e estética da existência desenvolvidas por Michel Foucault em sua terceira fase de produção acadêmica, especificamente em obras como "As Palavras e as coisas", "A Vontade de Saber" e "O cuidado de si". Foucault é de fundamental importância para este trabalho, visto que será a base para o conceito de "escritura-leitura" que será abordado em destaque nesta tese, e as ferramentas do "Cuidado de si".

A partir da obra de Foucault traçaremos as diretrizes definidas por ele para perseguir a ética da existência em busca da autocompreensão da própria verdade, desejos e valores, que fizeram com que muitas mulheres seguissem na contramão daquilo que lhes era imposto pela sociedade e pelos mecanismos de poder que as rodeavam.

É importante lembrar que o conhecimento não é algo dado e inerente ao sujeito, mas é construído em relações de poder que permeiam todas as esferas da vida. Nesse sentido, a análise do discurso é uma ferramenta essencial para se compreender as práticas sociais e históricas que constituem o mundo em que vivemos.

Ao analisar o discurso sobre o aumento da escolaridade das mulheres brasileiras, por exemplo, seria preciso levar em conta não apenas os dados em si, mas também as relações de poder que moldam a forma como esses dados são produzidos e interpretados. Isso significa questionar quem tem acesso aos recursos para produzir esses dados, quem tem o poder de definir as categorias utilizadas para classificar as mulheres, e como essas categorias podem estar sendo usadas para reforçar relações de poder existentes.

Em relação ao cuidado de si, Foucault se concentrou em analisar as práticas cotidianas pelas quais as pessoas buscam moldar suas próprias vidas, e que, para ele, são fundamentais

da União Soviética e hoje conta com 30 membros. O presidente da Rússia, Vladimir Putin, argumenta que a adesão da Ucrânia à OTAN representaria uma ameaça à Rússia.

⁴ Grifo nosso.

para a construção da subjetividade. Ele argumentou que, na Antiguidade, havia uma série de práticas relativas ao cuidado de si, que eram vistas como uma forma de cultivar a sabedoria e a virtude. No entanto, ao longo da história, essas práticas foram esquecidas ou relegadas a um segundo plano, enquanto o lema "conhece-te a ti mesmo" se tornou a grande referência para tratar da relação entre o sujeito e a verdade. Para Foucault, essa mudança na ênfase reflete a forma como o poder se manifesta no discurso, moldando a forma como concebemos a nós mesmos e ao mundo ao nosso redor.

Assim será demonstrado neste trabalho a partir da base teórica foucaultiana como se deu o processo de emancipação feminina que permitiu o acesso destas mulheres ao mercado de trabalho e, por consequência, a que estas passassem a ocupar cargos de liderança, evidenciando como o aumento da igualdade de gênero tem um efeito positivo no desempenho financeiro de uma empresa e na sua participação em investimentos sustentáveis, direcionados a aspectos sociais mitigadores de desigualdades.

Pretende-se, também, abordar de forma crítica e conceitual, movimentando análises históricas e sociais por meio da identificação da formulação dos discursos, quais os momentos da existência feminina em suas generalidades e também particularidades em que foi preciso lutas e embates sociais, políticos e filosóficos, para que pudessem galgar direitos, visibilidade e espaços. Analisa-se de forma sobreposta os recursos descritos por Foucault para que a partir dos cenários autoritários e combativos possam emergir mulheres em equilíbrio com sua existência, verdade e autonomia de agir e pensar. Esse foi o percurso proposto para este estudo de Doutorado.

Se como educação primeira, existe aquela em que o indivíduo se reconhece enquanto corpo e matéria, adquire consciência e disciplina para controle dos impulsos e com isso passa a adequar-se às exigências que a vida e seu contexto social lhe apresentam. Nesse sentido, o presente trabalho, por importar-se com o tema da apropriação pelas mulheres do controle das possibilidades de construção de vida e identidade a partir de uma ética da existência, se mostra aderente ao Programa de Educação Escolar da Unesp Araraquara no qual se insere e é muito grato pelo acolhimento e generosidade de saberes.

Ademais, tem-se que a presente tese está dividida em quatro capítulos. No primeiro alinhava-se a teoria foucaultiana e os principais conceitos e categorias de análise a contextualização e apresentação do objeto de estudo. O segundo trata da representatividade da mulher e o empoderamento feminino ao longo da história, suas conquistas, suas práticas discursivas e não discursivas que, ao longo do tempo, constituíram o sujeito mulher empoderada no universo corporativo. No terceiro apresenta-se a análise discursiva do corpus constituído dos

recortes de textos e práticas discursivas, não discursivas e de si que constituem a(s) subjetividades de mulheres empoderadas e com representatividade no mundo corporativo na contemporaneidade. E, no quarto e último capítulo, explica-se a proposta de revista digital e sua intenção como ferramenta prática e atualizada para o cuidado de si na contemporaneidade, após o qual, encerra-se a presente tece expondo-se as nossas considerações finais.

E, por fim, espera-se que este trabalho contribua para o despertar e o desenvolvimento de mulheres profissionais críticas e seguras em liderar projetos capazes de gerar renda e lucro ao passo que fornece soluções inovadoras e criativas para problemas sociais. Além disso, a revista digital que será apresentado ao final como anexo ao presente trabalho, se constitui num desdobramento material por assim dizer, como forma de apresentar algo prático e efetivo ao cuidado de si na contemporaneidade, e que também pode ser utilizado como uma ferramenta pedagógica em outros cursos e instituições, contribuindo para a formação de indivíduos mais críticos e conscientes sobre seus próprios cuidados e sua relação com a sociedade.

2 – FOUCAULT QUEM FOI E O QUE NOS DEIXOU NO CAMPO DA ANÁLISE DO DISCURSO

2.1 Foucault: Vida e Obra

Ocupar-se consigo é conhecer-se.
(FOUCAULT, 2006, p. 87)

Paul-Michel Foucault, nascido em Poitiers, no oeste da França em 1926, foi um pensador francês cujo trabalho revolucionou a Filosofia do século XX. Embora tenha nascido em uma família de médicos famosos, Foucault não seguiu a carreira médica, mas sua compreensão dos discursos médicos, biológicos e psiquiátricos foi profundamente influente em sua obra. Graduado em Filosofia e Psicologia na Sorbonne, ele publicou seu primeiro livro, "Doença Mental e Psicologia", em 1954.

Foucault trabalhou como diplomata cultural em vários países antes de se tornar professor de Filosofia na Universidade de Clermont-Ferrand em 1960. Em 1961, ele publicou sua obra-prima, "História da Loucura na Era Clássica". Lecionou na Universidade de Tunis em 1966, antes de retornar à França em 1968 e se tornar o chefe do Departamento de Filosofia da nova universidade experimental de Paris. Em 1970, foi convidado a lecionar História do Pensamento no prestigioso *Collège de France*.

Além de sua carreira acadêmica, Foucault foi um ativista político e esteve envolvido em vários grupos de campanha contra o racismo, abusos dos direitos humanos e reforma penal. Ele esteve no Brasil cinco vezes, a primeira em 1965, e foi convidado a dar palestras e seminários na Universidade de Berkeley, na Califórnia, no final dos anos 70. Seus trabalhos foram profundamente influenciados por Nietzsche, Marx, Freud e seu amigo e filósofo Gilles Deleuze. Foucault faleceu em 1984, deixando um legado duradouro na Filosofia e nas Ciências Sociais.

Durante sua carreira, Foucault escreveu várias obras influentes que desafiaram as concepções tradicionais de poder, conhecimento e subjetividade. Entre suas obras mais conhecidas estão "Vigiar e Punir", que aborda a história da punição e do controle social, e "A Arqueologia do Saber", que explora a produção do conhecimento e a relação entre o discurso e o poder.

Foucault também foi uma figura importante no movimento gay francês, tendo se envolvido em questões relacionadas à sexualidade e à identidade de gênero. Ele faleceu em 1984, em decorrência de complicações causadas pelo HIV.

Apesar de ter sido alvo de críticas e controvérsias, a obra de Michel Foucault continua sendo estudada e debatida em todo o mundo, sendo considerada uma das mais influentes da

Filosofia Contemporânea. Sua abordagem única para o estudo do poder e do conhecimento desafiou as formas tradicionais de pensar e trouxe novas perspectivas para a compreensão da sociedade e do indivíduo.

Michel Foucault foi um intelectual que exerceu uma ação e influência consideráveis em vários ramos do saber: na filosofia, na psiquiatria, na psicologia, na história, na sociologia, na antropologia, nas artes e na política. Teve uma trajetória acadêmica brilhante e uma atuação militante política expressiva. Foi uma das cabeças mais lúcidas que nosso século passado produziu (GIACOIA, 2019)⁵.

Todo esse conjunto de influências, vivências e estadias em diversos lugares e Universidades ao redor do mundo, foi fundamental em seu pensamento e produção acadêmica e literária, que se desdobrou no que se determina como três fases do pensamento foucaultiano.

A trajetória intelectual de Michel Foucault é notável por suas contribuições significativas em diversos campos do conhecimento, especialmente em Filosofia, História, Sociologia e Psicologia. Seus trabalhos são frequentemente classificados em momentos, fases ou domínios, pelos quais se destacam a arqueológica, a genealógica e a ética/estética da existência.

A fase arqueológica de Foucault é caracterizada pela análise da constituição do saber, na qual ele investigou os discursos e as práticas que moldaram o conhecimento em diferentes épocas históricas. Entre as principais obras dessa fase está "A Arqueologia do Saber", publicada em 1969.

Na fase genealógica, Foucault se voltou para a análise das formas de exercício do poder, explorando como as estruturas de poder moldam a sociedade e as relações humanas. As obras mais representativas dessa fase são "Vigiar e Punir" (1975) e "História da Sexualidade, Volume 1: A Vontade de Saber" (1976).

Por fim, na fase ética/estética da existência, Foucault analisou o sujeito como portador e criador de uma conduta ética ou moral. Nessa fase, ele explorou as dimensões subjetivas da vida, incluindo questões como sexualidade, prazer e cuidado de si. As obras mais importantes dessa fase incluem "História da Sexualidade, Volume 2: O Uso dos Prazeres" (1984) e "História da Sexualidade, Volume 3: O Cuidado de Si" (1985).

Vale ressaltar que essas classificações são apenas uma forma didática de abordar a produção intelectual de Foucault. Na verdade, seus trabalhos são caracterizados por um

⁵ GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. Quem Somos Nós: Michel Foucault. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5XcxVHo4ozc>>>. Acesso em 29 set 2021.

entrelaçamento de ideias e conceitos, o que torna difícil estabelecer uma divisão clara entre as diferentes fases.

Michel Foucault, em sua vasta produção acadêmica, dedica especial atenção ao tema do discurso. Segundo sua perspectiva, os discursos não têm uma justificativa intrínseca, mas surgem dentro de um campo enunciativo em constante construção. Essa discussão é amplamente explorada em sua obra "A Arqueologia do Saber", na qual ele conceitua o discurso como um conjunto de enunciados que se fundamentam em uma formação discursiva compartilhada. Essa abordagem revela a importância da análise dos discursos como forma de compreender as estruturas e relações de poder presentes na sociedade.

Além das obras já mencionadas, Foucault também produziu vários outros trabalhos importantes, como "As Palavras e as Coisas" (1966), "A Ordem do Discurso" (1971) e "Microfísica do Poder" (1979). Sua vasta produção acadêmica tem sido objeto de inúmeras discussões e debates em diversas áreas do conhecimento, tornando-se uma referência importante para estudiosos e pesquisadores em todo o mundo.

Chamaremos enunciado a modalidade de existência própria desse conjunto de signos: modalidade que lhe permite ser algo diferente de uma série de traços, algo diferente de uma sucessão de marcas em uma substância, algo diferente de um objeto qualquer fabricado por um ser humano; modalidade que lhe permite estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer jeito possível, estar situado entre outras performances verbais, estar dotado, enfim, de uma materialidade repetível (FOUCAULT, 2012, p. 130).

Se não houvesse enunciados, a língua não existiria; mas nenhum enunciado é indispensável à existência da língua. A língua só existe a título de sistema de construção para enunciados possíveis; mas, por outro lado, ela só existe a título de descrição obtida a partir de um conjunto de enunciados reais (FOUCAULT, 2012, p. 103).

De acordo com Foucault, o poder não é algo que se tem ou se possui, mas algo que é exercido, ou seja, é uma relação que se estabelece entre indivíduos ou grupos. Essa relação de poder é, portanto, uma relação de forças em constante disputa e movimento. O poder não é um objeto fixo e determinado, mas sim uma prática em constante transformação, que se manifesta de diferentes formas e em diferentes contextos sociais. Dessa forma, Foucault propõe uma visão dinâmica e relacional do poder, que rompe com as concepções tradicionais que o veem como algo que se concentra em uma instituição, indivíduo ou classe.

Para Foucault, o poder não é apenas um instrumento de dominação e repressão, mas também um mecanismo que produz efeitos positivos e transformadores na sociedade. O poder não é apenas um constrangimento, mas também uma capacidade de agir sobre a realidade e

produzir mudanças. Foucault chama a atenção para o fato de que o poder está presente em todas as esferas da vida social, desde as relações interpessoais até as estruturas políticas e econômicas. Por isso, é importante estudar as dinâmicas de poder e resistência em todos os níveis da sociedade, para compreender como essas relações se constituem e se transformam ao longo do tempo.

Além disso, Foucault destaca que as relações de poder não são apenas exercidas por instituições e autoridades formais, mas também são disseminadas por meio de práticas cotidianas e discursos sociais. Por exemplo, a mídia, a educação, a religião e a ciência são campos em que o poder é exercido de forma difusa e sutil, influenciando a percepção e a compreensão que as pessoas têm da realidade. Dessa forma, Foucault propõe uma análise crítica dos discursos e das práticas sociais, buscando compreender como o poder se manifesta em todas as esferas da vida social, e como as pessoas resistem e se mobilizam contra ele.

Michel Foucault defende que o poder não é algo que um indivíduo ou grupo possua, mas sim algo que se exerce, e que está presente em todas as relações sociais. O saber, por sua vez, não é algo neutro e objetivo, mas sim construído historicamente e moldado pelos interesses de quem detém o poder. Portanto, é impossível falar de poder sem falar de saber, e vice-versa.

A teoria foucaultiana tem grande importância para a compreensão da construção das identidades de gênero. A forma como as mulheres são vistas e tratadas na sociedade é moldada pelo poder e pelo saber que permeiam as relações sociais. As mulheres são objeto de discurso e, como tal, sua identidade é construída em torno de estereótipos e expectativas sociais que são reforçados pelos mecanismos de poder e saber que estão presentes na cultura e na história. Portanto, a análise da posição feminina frente a essas imposições e historicidades deve partir de um olhar crítico sobre os discursos que produzem essas identidades.

Foucault também chama a atenção para o papel da resistência e da subversão na luta contra o poder. As mulheres têm sido capazes de resistir às imposições culturais e históricas que lhes foram impostas ao longo dos séculos, e muitas vezes são as próprias mulheres que criam espaços de resistência e subversão. A construção da vida como obra de arte, proposta por Foucault, pode ser vista como uma forma de resistência, uma vez que implica em uma ruptura com os modelos e expectativas impostos pelo poder e pelo saber dominantes. Portanto, é importante que a análise da posição feminina leve em consideração não apenas as imposições e sujeições a que as mulheres são submetidas, mas também as formas de resistência e subversão que são desenvolvidas por elas.

Em uma entrevista realizada na década de 1980, antes de sua morte, Michel Foucault elaborou uma espécie de síntese de seu programa filosófico, que se baseia em uma genealogia

composta por três eixos. Primeiramente, uma ontologia histórica que relaciona a verdade com a construção do sujeito do conhecimento. Em seguida, uma ontologia histórica que se relaciona com o campo de poder e a construção do sujeito como agente ativo na relação com o outro. Por último, uma ontologia histórica relacionada à ética e à construção do sujeito moral (DREYFUS e RABINOW, 1995).

Adicionalmente, Foucault nos questiona sobre a edificação do sujeito a partir do ideal de construção artística e satisfatória de si para si. Ele se surpreende com o fato de que a arte se relaciona apenas com objetos e não com indivíduos ou a vida, e também que ela é um domínio especializado, que pertence aos artistas. Foucault (1941) propõe que a vida de todo indivíduo poderia ser uma obra de arte. Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas nossas vidas não são?

É notável que, em suas investigações exploratórias, Foucault trabalha com os mais diversos sistemas de pensamento, tais como cínicos, epicuristas, estoicos, platônicos, neoplatônicos, entre outros, com o objetivo de extrair deles elementos que retratem o que ele conceitua como sendo “artes de existência”, “tecnologias de si” e “práticas de si”, ou seja, “estéticas da existência”.

Assim sendo, neste estudo, buscar-se-á delinear o projeto foucaultiano de uma ética a partir da concepção de que a vida deve ser avaliada de uma perspectiva eminentemente artística e consciente, produzida a partir de interações e sujeições que resultam em sujeitos com subjetividades diversas, ricas e autênticas.

2.2 Michel Foucault e seus últimos escritos

É inegável que Foucault ocupa uma posição de destaque entre os pensadores mais influentes do século XX. Seus estudos e teorias sobre a história da sexualidade e o poder são amplamente reconhecidos e discutidos. A "História da Sexualidade" é uma de suas obras mais famosas, na qual ele analisa a evolução da sexualidade ocidental desde a Antiguidade até o século XX.

Publicado originalmente em 1976, o livro é dividido em quatro volumes, mas Foucault só conseguiu completar três deles antes de sua morte, em 1984. O primeiro volume, intitulado "A vontade de saber", explora a evolução da sexualidade ocidental e como ela se tornou objeto de controle e repressão.

O segundo volume, "O uso dos prazeres", é uma análise dos textos gregos e romanos que abordam o tema da sexualidade e como a sociedade antiga entendia e regulava a

sexualidade. Já o terceiro volume, "O cuidado de si", foca na relação entre a sexualidade e a ética e como o indivíduo deve cuidar de si mesmo para alcançar a liberdade.

Para Foucault, a sexualidade não é uma característica inata do indivíduo, mas sim uma criação cultural que é moldada por fatores externos ligados a Religião, a Medicina, a Psicologia e a Política. Neste contexto, para Foucault, o poder desempenha um papel fundamental na criação e manutenção das normas sexuais de modo que para ele o poder não é algo que se possui, mas sim uma relação social que se manifesta em instituições e práticas cotidianas. O poder é, portanto, algo que se exerce sobre os indivíduos e se reflete em suas escolhas e comportamentos.

Foucault também discute a relação entre sexualidade e gênero, argumentando que a sexualidade é uma forma de poder que é exercida sobre o corpo feminino. Ele argumenta que o patriarcado e o capitalismo têm trabalhado juntos para controlar e explorar o corpo feminino, tornando-o objeto de um discurso moralizador e repressor. Assim, a sexualidade é uma forma de controle social que é exercida através de normas e discursos que moldam a forma como os indivíduos se relacionam entre si.

Embora o livro tenha sido escrito há mais de quarenta anos, sua influência ainda é forte no debate sobre sexualidade, gênero e poder. Foucault desafia a ideia de que a sexualidade é uma característica inerente do ser humano, e mostra como ela é construída socialmente e moldada por relações de poder.

Os últimos dez anos de vida de Foucault foram marcados por sua luta contra a AIDS. Ele descobriu que estava infectado em 1983, quando a doença ainda era pouco conhecida e muitas vezes considerada uma sentença de morte. Foucault manteve sua condição em sigilo, mesmo para seus amigos mais próximos, até pouco antes de sua morte.

Sua experiência com a AIDS o levou a questionar ainda mais as normas sociais que moldam a sexualidade e o corpo. Em uma entrevista concedida pouco antes de sua morte, Foucault falou sobre como a AIDS havia mudado sua percepção da sexualidade e do poder. Ele disse: "Eu sempre estive interessado na relação entre sexo e poder, mas agora, com a AIDS, essa relação é mais clara do que nunca. A AIDS não é apenas uma doença física, é uma questão política".

Além de sua obra sobre a sexualidade, Foucault também é conhecido por seus estudos sobre o poder. Ele argumenta que o poder não é algo que está nas mãos de um grupo específico de pessoas, mas sim algo que está presente em todas as relações sociais e pode ser exercido por qualquer indivíduo.

Foucault teve uma vida pessoal bastante discreta. Ele foi casado com Daniel Defert, com quem manteve um relacionamento por mais de 20 anos até sua morte. Foucault também teve alguns casos extraconjugais, mas nunca falou muito sobre sua vida amorosa em público.

Apesar de sua morte prematura, Michel Foucault deixou um legado duradouro na Filosofia, na Teoria Social e nos Estudos de Gênero e Sexualidade. Seu trabalho continua a ser objeto de debate e discussão, e sua influência é sentida em todo o mundo.

2.3 Michel Foucault: Enunciado e Discurso

Foucault argumenta que os discursos não são justificáveis por si mesmos, mas surgem dentro de um campo enunciativo no qual são construídos. Compreender a origem, intenção e destinação dos enunciados emitidos é fundamental para entender o papel que eles desempenham na construção do mundo.

Para ele, o enunciado é uma modalidade de existência própria desse conjunto de signos, que está em relação com um domínio de objetos, prescreve uma posição definida a qualquer jeito possível e está situado entre outras performances verbais. A língua só existe como um sistema de construção para enunciados possíveis e, ao mesmo tempo, como uma descrição obtida a partir de um conjunto de enunciados reais.

Segundo Foucault, o discurso é um conjunto de enunciados que se originam de um campo enunciativo no qual são construídos e utilizados de forma prática para atender a agendas sociais e necessidades pessoais, levando em conta a interpretação do sujeito que emite o enunciado e o contexto ao seu redor. Os discursos vão além da linguagem e do ato de falar, transcendendo o som emitido e passando a ser uma prática social direcionada por um conjunto de regras e relações sociais, tanto discursivas como não discursivas. Cada enunciado dentro de um discurso é mais do que uma simples frase, pois está inserido em um campo de relações de vários outros enunciados e dentro de um controle de regras que o constituem.

Os lugares onde os discursos emergem desempenham um papel fundamental na atribuição de legitimidade a eles, conforme destacado por Foucault. Além disso, a posição ocupada pelo sujeito dentro desses discursos é de extrema importância para determinar a credibilidade do enunciado proferido. O enunciado representa o conhecimento do sujeito, apresentando-se na forma de um discurso concreto, situado em um contexto específico de tempo e espaço. Contudo, a validade desse enunciado está intrinsecamente ligada à posição ocupada pelo sujeito dentro do campo discursivo em que está inserido, determinando sua seriedade e relevância. Partindo da análise foucaultiana, podemos compreender que cada enunciado está

sujeito a um conjunto de regras e que a análise do discurso é uma tentativa de compreender o enunciado em sua singularidade. Em outras palavras, segundo Foucault (2011) em “A ordem do discurso”, todo discurso é um domínio de enunciados que se forma como uma prática social governada por regras, que podem ser específicas para cada contexto histórico, social e espacial. Assim, um enunciado se torna um conjunto de ideias no qual o sujeito dá sentido às suas relações cotidianas e a situações sociais específicas.

De acordo com Foucault, a descontinuidade é um dos elementos fundamentais para a análise histórica, pois permite romper com as noções essencialistas que permeiam muitas interpretações históricas. Além disso, Foucault afirma que analisar a história sob a lógica da continuidade é negar sua própria natureza, já que a história é composta por uma série de eventos descontínuos e não lineares.

Nesse sentido, Foucault propõe uma atenção minuciosa aos começos, às suas particularidades e desvios, para compreender as batalhas sociais em toda sua complexidade temporal. É por meio dessa análise detalhada dos acontecimentos que é possível questionar as noções de verdade e poder que permeiam os saberes, muitas vezes ocultos pelo discurso do conhecimento.

A descontinuidade passa a ser uma ferramenta essencial para a análise histórica e para desconstruir os discursos que mantêm o status quo, permitindo que sejam visibilizados os mecanismos de poder e as relações sociais que estão em jogo em determinado momento histórico.

Foucault criticava a tendência da história em buscar continuidade e essencialismo, baseada na ideia de uma origem fundamental que governa de maneira determinística a história humana. Essa crítica se opõe diretamente à tradição do pensamento que defendia o progresso, que era enfatizado pelo discurso capitalista e que acreditava que o estado atual da sociedade era referência de evolução. Foucault questionava o quanto esse "progresso" era tendencioso e duvidoso. Essa perspectiva de Foucault é influenciada pelo pensamento de Nietzsche, como descrito em seu artigo "Nietzsche, genealogia e a história" de 1971.

Na verdade, a supressão sistemática das unidades inteiramente aceitas permite, inicialmente, restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimento e mostrar que a descontinuidade não é somente um desses grandes acidentes que produzem uma falha geológica da história, mas já no simples fato do enunciado (FOUCAULT, 2012, p. 34).

A partir das ideias apresentadas, podemos afirmar que os enunciados não seguem uma linha temporal contínua, ou seja, não possuem uma sequência lógica que os ligue uns aos outros.

Cada enunciado é um evento singular que pode ser repetido, transformado e disperso em diferentes contextos. Portanto, é necessário considerar os discursos e enunciados como práticas descontínuas, ou seja, eventos que ocorrem de forma fragmentada e não linear.

Um Princípio de descontinuidade: o fato de haver sistemas de rarefação não quer dizer que por baixo deles e para além deles reine um grande discurso ilimitado, contínuo e silencioso que fosse por eles reprimido e recalcado e que nós tivéssemos por missão descobrir restituindo-lhe, enfim, a palavra. Não se deve imaginar, percorrendo o mundo e entrelaçando-se em todas as suas formas e acontecimentos, um não-dito ou um impensado que se deveria, enfim, articular ou pensar. Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem (FOUCAULT, 2011, p. 52).

De fato, como já mencionado anteriormente neste texto, o discurso é resultado da soma de diversos conhecimentos que são colocados em um campo discursivo e que se estabelecem com uma certa regularidade ao longo do tempo, mesmo que se apresentem de forma descontínua. No entanto, é importante destacar que a ordem do discurso é produzida a partir de mecanismos que regulam sua organização e garantem o controle de seus poderes e perigos.

Esses mecanismos são classificados de acordo com sua atuação na interioridade ou exterioridade do discurso e merecem atenção especial para identificar as relações que articulam a organização dispersiva das formações discursivas com seu princípio organizador. A interferência desses mecanismos nas formações discursivas é amplamente aplicada nas práticas dos enunciados e, por isso, é fundamental compreendê-los em detalhes.

De acordo com a teoria foucaultiana, a interdição é um dos mecanismos mais comuns de controle externo que é exercido pela exclusão. No entanto, essa relação entre desejo e poder está cada vez mais estreita. Outro mecanismo é a segregação, que desqualifica o discurso, neutralizando seu perigo. Isso ocorre com discursos como o do louco, das mulheres e homens sobre realidades específicas de gênero e sexualidade e com aqueles que não têm "argumento de autoridade". Esse tipo de discurso é impedido de circular e fazer laços com outros discursos.

O terceiro mecanismo é o da "vontade de verdade", que exclui todos aqueles que se opõem a ela de diferentes formas. Na era moderna, houve uma mudança na forma como a verdade é compreendida, passando de um ato ritualizado de enunciação para o enunciado em si. Isso ocorreu porque houve um adestramento do sujeito cognoscente para lidar com objetos específicos, recortes, instrumentos e suportes institucionais, como bibliotecas, laboratórios e pedagogia, que foram orientados para usos específicos do conhecimento.

Esse adestramento do sujeito cognoscente é feito através do poder disciplinar, que se estende por diversas instituições, como a escola, o exército, a prisão, entre outras. O poder

disciplinar é responsável por estabelecer uma relação de controle e sujeição do indivíduo em relação ao poder, moldando seus comportamentos e pensamentos de acordo com as normas e valores estabelecidos pela sociedade.

Outro mecanismo importante de controle do discurso é o da hierarquização, que estabelece uma ordem de importância e valor aos diferentes discursos e saberes, de acordo com critérios sociais e políticos estabelecidos pelas elites dominantes. Assim, alguns discursos são valorizados e considerados mais verdadeiros e legítimos do que outros, criando uma hierarquia de saberes que contribui para a manutenção do poder e da dominação.

Foucault também destacou a importância da noção de poder como uma relação social presente em todas as esferas da vida, e não como uma propriedade ou atributo de indivíduos ou grupos específicos. Ele propôs a ideia de que o poder não é algo que se possui, mas algo que se exerce em relação aos outros, e que pode ser encontrado em diversas relações sociais, como nas relações de gênero, raça, classe, entre outras.

Esse último mecanismo, para Foucault, é o mais silenciado, embora predominante e modificador dos outros dois no nosso tempo, visto que é bastante favorecido pela estrutura social visando manutenção de valores e regras e valores a exemplo dos textos religiosos e jurídicos.

2.4 Michel Foucault: Moral, Subjetividade e Cuidado de si

A obra de Foucault se destaca por apresentar uma crítica contundente às estruturas sociais que moldam e controlam os indivíduos. Em suas pesquisas sobre o cuidado de si, o filósofo francês se debruçou sobre os estudos de pensadores antigos como os estoicos, epicuristas e cínicos, que problematizaram a subjetividade humana em sua constituição enquanto corpo atravessado por forças diversas.

Um dos pontos de partida metodológicos das pesquisas de Foucault é a diferenciação entre as noções de moral e relação consigo. Enquanto a moral se refere a um conjunto sistemático de regras e valores que são prescritos e impostos por aparelhos sociais como a Família, a Escola, o Estado e a Igreja, a relação consigo diz respeito às formas de atividade sobre si que um indivíduo desenvolve para cuidar de si mesmo.

Para Foucault, é preciso distinguir a intervenção direta dos aparelhos prescritivos da moral, que operam por meio de códigos jurídicos, e a ocorrência de condutas que podem ser aceitas ou não pelos indivíduos em seu ambiente social. A relação consigo, por sua vez, envolve um conjunto de práticas que visam cuidar do próprio corpo, da própria mente e das emoções.

Nesse sentido, os estudos de Foucault sobre o cuidado de si se concentram na investigação de como os indivíduos podem exercer o controle sobre si mesmos e se constituir como sujeitos autônomos, capazes de resistir às pressões e influências que vêm de fora. A ideia é que o cuidado de si não se limita a uma simples questão de saúde física ou mental, mas engloba também aspectos éticos, políticos e filosóficos.

Os pensadores antigos, como Sêneca, Marco Aurélio e Epiteto, foram importantes para Foucault porque se dedicaram a refletir sobre as formas de cuidado de si que permitiam aos indivíduos alcançar a virtude e a sabedoria. Eles entendiam que o cuidado de si era uma prática contínua e constante, que envolvia a busca pelo autoconhecimento, a reflexão sobre as próprias ações e escolhas, e a adoção de uma postura crítica em relação às normas e valores impostos pela sociedade.

Por moral, diz Foucault;

Entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as igrejas etc. Acontece dessas regras e valores serem bem explicitamente formulados numa doutrina coerente e num ensinamento explícito. Mas acontece também delas serem transmitidas de maneira difusa e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituírem um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitindo, assim, compromissos ou escapatórias. Com essas reservas podemos chamar código moral esse conjunto prescritivo (FOUCAULT, 1984, p. 26).

A teoria foucaultiana considera a moral como um conjunto de regras normativas que integram relações de poder. Essas relações são estabelecidas por meio do discurso, dos valores e das normas que prescrevem as condutas aceitáveis na sociedade. As práticas de saber, tanto discursivas quanto ações e paixões formalizadas, determinam as relações difusas de forças que constituem as estratégias dos poderes vigentes. Para Foucault, não há saber sem poder, sendo que o saber é a norma e o poder é o exercício.

Nesse sentido, o código moral se apresenta no cruzamento do complexo saber-poder que se encontra em pressuposição recíproca no interior de um dispositivo. É importante ressaltar que Foucault também entende a moral como o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostos. Assim, o comportamento moral é influenciado tanto pelas normas prescritas quanto pelas práticas sociais em que o indivíduo está inserido.

Foucault argumenta que as relações de poder estão presentes em todas as esferas da sociedade e que a moral é uma das formas pelas quais essas relações são exercidas. A moral se

configura, portanto, como um dispositivo que permite a organização e o controle social por meio das normas que são prescritas aos indivíduos.

Além disso, Foucault enfatiza que as práticas de saber e poder são mutuamente constitutivas. O saber é produzido e reproduzido por meio das relações de poder, que por sua vez são influenciadas pelo saber. Esse cruzamento entre saber e poder ocorre em dispositivos, que são conjuntos de instituições, práticas e discursos que se interconectam para produzir e reproduzir as relações de poder em uma determinada sociedade.

Designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição ; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que maneira, e com que margens de variação ou de transgressão, os indivíduos ou os grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, do qual eles tem uma consciência mais ou menos clara. Chamemos a esse nível de fenômenos a "moralidade dos comportamentos (FOUCAULT, 1984, p. 26).

Dessa forma, a moral é entendida tanto como um código de regras e normas que integram as relações de poder, quanto como o comportamento real dos indivíduos em relação a essas regras e valores. Em ambos os casos, a moral reflete os saberes e poderes como práticas determinantes da história. No entanto, a constituição de um sujeito moral também pressupõe uma análise das referências e elementos prescritos no momento em que o sujeito opta por uma ou outra conduta. Ou seja, o sujeito não apenas reproduz as normas morais, mas também as negocia e as adapta à sua própria subjetividade em um processo contínuo de construção de si. Nesse sentido, a moral é uma prática que se entrelaça com outras práticas, tais como a ética, a estética e a política, a qual, encontra-se em constante transformação ao longo do tempo.

Com efeito, uma coisa é uma regra de conduta; outra, a conduta que se pode medir a essa regra. Mas, outra coisa ainda é a maneira pela qual é necessário "conduzir-se" - isto é, a maneira pela qual se deve constituir a si mesmo como sujeito moral, agindo em referência aos elementos prescritivos que constituem o código. Dado um código de ação, e para um determinado tipo de ações (que se pode definir por seu grau de conformidade ou de divergência em relação a este código), existem diferentes maneiras de "se conduzir" moralmente, diferentes maneiras para o indivíduo que age, de operar não simplesmente como agente, mas sim como sujeito moral dessa ação (FOUCAULT 1984, p. 26).

A ideia de "cuidado de si" envolve um olhar reflexivo do indivíduo para si mesmo, com o objetivo de compreender sua própria conduta e como esta se relaciona com os outros. Essa prática tem suas raízes na Filosofia Antiga, como no caso de Alcibíades de Platão, que propõe uma pedagogia e um conhecimento de si como base para uma vida ética. No entanto, Foucault

vai além dessa proposta inicial e busca entender como os indivíduos são moldados e influenciados a se tornarem sujeitos éticos, em conformidade com as verdades e padrões impostos pela sociedade.

Assim, o "cuidado de si" não é apenas uma prática individual, mas é também um objeto de disputa na sociedade, onde diferentes modelos são propostos para a constituição de um sujeito moral. Essa história da subjetividade é marcada pela busca por uma verdade pessoal e pela transformação de si mesmo, por meio de práticas como reflexão, autoconhecimento e autotransformação. A estética da existência, nesse contexto, é a maneira como o indivíduo escolhe viver sua vida em consonância com sua própria verdade e ética pessoal.

Partindo desse viés de pensamento e metodologia de Foucault, podemos observar que essa abordagem ética propõe uma forma do sujeito pensar em sua própria capacidade de variação dentro de um campo subjetivo, buscando compor um modo de vida potente.

Nesse sentido, a leitura proposta por Foucault não se restringe a um dispositivo de poder, mas sim a uma prática de si. Isso implica em uma função crítica, em que o sujeito procura novos modos de vida; uma função de luta, em que o sujeito busca afirmar o modo de vida encontrado; uma função terapêutica e curativa, em que a subjetividade se torna dona de si mesma; e uma função criativa, em que o sujeito busca experimentar, conhecer e se formar pautado em uma ética e verdades próprias e singulares. Em resumo, essa abordagem propõe uma forma de cuidado de si que valoriza a singularidade e a autodeterminação do sujeito.

Podemos afirmar que o que caracteriza a Filosofia de Michel Foucault é, acima de tudo, sua inquietação. Ele evita formulações rígidas e está em constante reformulação de seu pensamento, levando em conta suas vivências, experimentações e questões empíricas. Seu pensamento está constantemente em crise, se debruçando sobre a crise do próprio pensamento e reinventando-se continuamente, oferecendo valiosas contribuições para o saber, o pensamento e a existência.

Foucault enfatiza que a sociedade apresenta um sistema de exclusão, que ele denomina de interdição, baseado em procedimentos de controle e delimitação. É comum que não se tenha o direito de falar sobre tudo em qualquer circunstância e que certos temas sejam proibidos para alguns indivíduos, evidenciando a interdição na sociedade.

Foucault, com sua habilidade característica, realiza uma análise minuciosa sobre a relação da civilização com o discurso, deslocando nosso olhar da percepção de que certos discursos são permitidos ou tolerados. Ele nos convida a refletir sobre a supervalorização do discurso, justificada pela busca pela verdade, pelas imposições das instituições, naturalização do acontecimento e apego à estrutura linguística.

O filósofo mostra que as práticas discursivas e sociais são construídas e adequadas às regras dos discursos dominantes. Ele propõe uma compreensão das regras que comandam as práticas discursivas dentro do quadro das ciências e instituições sociais para chegar aos discursos e às formações de seus objetos nas suas especificidades. Nessa perspectiva, o sujeito não é visto como o "dono" de um determinado discurso, mas é "assujeitado". Portanto, tem-se que a análise deve focar na "descrição sistemática" do discurso em seu acontecimento.

Além disso, Foucault explora as relações sociais através das relações do sujeito e do corpo com as imposições externas a ele. Ele mostra que mecanismos e estratégias de discurso são usados para estar presente em vários campos do corpo social, justificando a emergência de discursos sobre loucura, doença, morte, sexualidade, crime, entre outros.

3 – DO AUTOCONHECIMENTO AO EMPODERAMENTO: O CAMINHO PARA TOMAR O PODER SOBRE SI

3.1 Empoderamento, diversidade e liderança

Digo-lhes que é esclarecida a mulher que se instrui, que acompanha o ritmo da vida moderna, buscando ser útil em seu campo de atuação, que faz com que seja respeitada por seu próprio valor, que é companheira do homem e não sua escrava, que é mãe e educadora e não uma boneca a ser mimada para criar outros bonequinhos mimados⁶.

O conceito de empoderamento feminino – entendido em termos foucaultianos como a uma capacidade de agir sobre a realidade e produzir mudanças – tem sido amplamente estudado na Sociologia como um processo que busca promover a autonomia e a capacidade de agência das mulheres.

A mudança cultural é fundamental para o empoderamento feminino, pois as estruturas sociais e as normas de gênero desempenham um papel importante na reprodução da desigualdade. De acordo com a teoria da construção social do gênero, as representações sociais das mulheres são construídas e perpetuadas por meio de mecanismos sociais diversos, com especial destaque para a Educação, a Mídia e a Política. Essas representações, por sua vez, influenciam as expectativas e as oportunidades das mulheres e, portanto, precisam ser questionadas e transformadas para que as mulheres possam ter as mesmas oportunidades e direitos que os homens.

O empoderamento feminino é um processo pelo qual as mulheres adquirem e usam competências, habilidades e autoconfiança para tomar decisões, exercer escolhas, influenciar eventos e acessar recursos, tanto dentro quanto fora do espaço público. Isso requer mudanças nas estruturas sociais e econômicas que criam desigualdades de gênero e nas atitudes e comportamentos que perpetuam essas desigualdades (KABEER, 2005, p. 5).

Como contribuição fundamental a este tópico sobre a aplicação do conceito de “empoderar-se”, a análise crítica presente na obra "Empoderamento" de Joice Berth assume um papel de destaque na compreensão das dinâmicas de poder e emancipação. Berth, uma feminista interseccional negra, oferece uma perspectiva única ao abordar o conceito de empoderamento de maneira sofisticada e profunda. A autora não apenas traça o histórico do termo, mas também o relaciona às opressões estruturais, à participação social e ao Feminismo Negro, inserindo-o em um contexto mais amplo de estética e afetividade.

⁶ Trecho escrito no “Correio Feminino”, por Helen Palmer, no jornal Correio da Manhã, entre agosto de 1952 e fevereiro de 1961.

Uma das principais contribuições da obra está na crítica ao empoderamento superficial, muitas vezes associado apenas à acumulação de recursos financeiros e prestígio individual. Berth destaca a importância de entender o empoderamento como um instrumento de erradicação das estruturas opressivas, indo além de uma visão individualista. Essa perspectiva desafia concepções tradicionais e oferece uma visão mais abrangente e coletiva do empoderamento, que envolve dimensões cognitivas, psicológicas, políticas e econômicas, o que reforçamos aqui neste trabalho, com direcionamento ao olhar para liderança, trabalho e emancipação.

Além disso, a análise da relação entre raça e gênero no cotidiano, especialmente para as mulheres negras, ressalta a importância de considerar as interseccionalidades na compreensão do empoderamento. A obra de Berth evidencia a necessidade de uma conscientização quanto à posição social e política das pessoas, enfatizando que o verdadeiro empoderamento é um trabalho essencialmente político e coletivo, capaz de promover transformações profundas na sociedade e valorizar a diversidade. Portanto, a perspicaz análise de Berth é uma contribuição significativa para a discussão acadêmica sobre o empoderamento e suas implicações nas lutas por emancipação e igualdade.

Consenso comum a todas as teorias é que a Educação é uma ferramenta crucial para o empoderamento feminino. De acordo com a teoria da reprodução social, a educação formal e não formal desempenha um papel importante na reprodução das desigualdades sociais, pois ajuda a transmitir habilidades, conhecimentos e valores que reproduzem as desigualdades de gênero. A Educação, portanto, precisa ser utilizada como uma estratégia para mudar as representações sociais das mulheres e para desafiar as normas de gênero desiguais.

A economia também é importante para viabilizar a emancipação feminina. Sabe-se que as mulheres enfrentam desvantagens econômicas devido à discriminação de gênero, que se manifesta em diferentes formas, como a desigualdade salarial, a precariedade do emprego e a falta de acesso a recursos econômicos. O emprego e a renda são fundamentais para a segurança econômica das mulheres, e a propriedade, é essencial para a independência financeira.

A participação política é outra dimensão fundamental para dar voz e visibilidade a essas pautas, visto que as mulheres enfrentam desvantagens na participação política devido à discriminação de gênero e à falta de representação política. A participação política das mulheres é essencial para garantir que as perspectivas e as necessidades das mulheres sejam levadas em conta nas políticas públicas e para assegurar que as mulheres tenham voz e poder nas decisões que afetam suas vidas.

O empoderamento feminino é uma dimensão fundamental para o sucesso da democracia e a construção de sociedades justas e equitativas. A igualdade de gênero é uma condição essencial para alcançar a cidadania plena e a plena participação política das mulheres. Isso exige a eliminação de barreiras legais e institucionais que impedem a participação das mulheres e a garantia de sua representação equitativa em todos os níveis de decisão (BEIJING DECLARATION AND PLATFORM FOR ACTION [1995]/FOURTH WORLD CONFERENCE ON WOMEN, UNITED NATIONS).

Importante cruzar esses entendimentos com os estudos de Michel Foucault sobre poder e disciplina pois, estes, contribuem significativamente para o entendimento do empoderamento feminino. Foucault argumenta que o poder é difuso e operacional em todas as relações sociais, e não apenas nas instituições formais do Estado. Ele também argumenta que o poder é exercido através de práticas disciplinares, como a Educação e a Medicina, que moldam o comportamento e a subjetividade das pessoas. Assim, é importante considerar como as práticas disciplinares contribuem para a reprodução da desigualdade de gênero e como o empoderamento feminino pode ser alcançado através da subversão dessas práticas.

A questão do poder é, portanto, inseparável da questão da liberdade. Não se trata de um poder oprimindo os indivíduos, mas de um poder que os constitui como sujeitos. E essa constituição do sujeito é, ao mesmo tempo, uma constituição do poder. O empoderamento dos indivíduos é, portanto, indissociável do poder que os constitui (FOUCAULT, 1979, p. 100).

No mercado de trabalho, uma das barreiras mais comuns que as mulheres enfrentam é a desigualdade salarial. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres ainda ganham, em média, 22,2% menos que os homens no Brasil. Além disso, as mulheres também são menos propensas a ocupar posições de liderança e a serem promovidas. Isso é conhecido como "teto de vidro", uma barreira invisível que impede as mulheres de alcançar a liderança em suas carreiras.

Outro entrave enfrentado por mulheres é a discriminação de gênero, tanto consciente quanto inconsciente. Isso pode incluir julgamentos baseados em estereótipos de gênero, como a crença de que as mulheres são menos capazes de liderar ou menos interessadas em carreiras de negócios. Esses estereótipos podem levar a discriminação no recrutamento e na promoção, e podem afetar, também, a forma como as mulheres são tratadas em seus empregos.

O empoderamento feminino é importante porque permite que as mulheres tenham mais controle sobre suas vidas e suas carreiras. Isso inclui oportunidades para o desenvolvimento de habilidades e carreiras, bem como a possibilidade de alcançar posições de liderança. Além disso, também pode levar a mudanças positivas na sociedade, como uma maior igualdade de gênero e a diminuição da discriminação de gênero. Nas palavras da Foucault:

A história do sujeito é, sem dúvida, uma história dos mecanismos de sujeição, mas também é uma história das resistências, das lutas, das libertações, das conquistas de liberdade. A história do sujeito é, portanto, a história de um empoderamento (FOUCAULT, 1979, p. 98).

Uma forma de promover o empoderamento feminino e a ascensão das mulheres em posições de liderança é oferecer mais oportunidades para o desenvolvimento de habilidades e carreiras. Isso pode incluir programas de treinamento e mentorias, bem como a criação de oportunidades de networking e parcerias com outras mulheres. Além disso, é importante que as empresas tenham políticas e práticas inclusivas que promovam a igualdade de gênero e a diversidade. Isso pode incluir medidas como licença parental igualitária e flexibilidade no horário de trabalho para ajudar as mulheres a equilibrar suas responsabilidades profissionais e pessoais.

De igual forma, promover oportunidades para alcançar posições de liderança é medida essencial para o sucesso em políticas voltadas ao desenvolvimento feminino. Isso pode incluir programas de desenvolvimento de liderança específicos para mulheres, bem como a criação de metas de diversidade para garantir que as mulheres estejam representadas em todos os níveis da organização. Também é importante que as empresas tenham políticas de igualdade salarial e promovam a igualdade de oportunidades para as mulheres.

Além disso, é importante reconhecer e valorizar a diversidade entre as mulheres. Isso inclui dar às mulheres de diferentes etnias, orientações sexuais, idades e habilidades físicas as mesmas oportunidades de desenvolvimento e de liderança. A diversidade é fundamental para o sucesso de qualquer organização, e é importante que as empresas promovam a diversidade para garantir que todas as perspectivas e habilidades sejam levadas em conta.

3.2 A ascensão feminina: mercado de trabalho, escolaridade e enriquecimento

A chegada da mulher no mercado de trabalho, ocorrida no século XIX como resultado da Revolução Industrial, representou um passo importante na luta por igualdade de gênero. No entanto, apesar de terem sido incluídas na linha de produção industrial, as mulheres ainda enfrentam desafios significativos no que diz respeito ao reconhecimento e gozo de direitos e garantias fundamentais para os trabalhadores. Além disso, a reorganização da rotina familiar de forma igualitária e a distribuição de cargos, principalmente de liderança, ainda não foram incorporados de forma proporcional na realidade e experiência dessas mulheres.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada pelo IBGE, as mulheres têm tido um desempenho escolar superior aos homens, com maior frequência escolar e maiores taxas de conclusão de cursos de nível superior. Apesar disso, elas ainda enfrentam barreiras significativas para sua participação em posições de poder, tanto na política – ocupando apenas 10,5% dos assentos da Câmara dos Deputados –, quanto em cargos gerenciais – ocupando apenas 39,1% das posições disponíveis. Além disso, quando se compara especificamente a remuneração de homens e mulheres em cargos de direção e gerência, há uma clara disparidade salarial, com mulheres recebendo em média R\$ 4.435, enquanto homens recebem R\$ 6.216 pelo mesmo trabalho (IBGE, 2018). Essas desigualdades refletem as expectativas contraditórias da sociedade em relação às mulheres, que têm sido pressionadas tanto para ingressar no mercado de trabalho quanto para permanecer no ambiente doméstico, em uma cultura patriarcal que ainda se mantém presente.

Essas incoerências permaneceram e foi exigido da mulher que conciliasse papéis ativos em dois cenários: o doméstico (familiar) e o do trabalho (geração de renda), provocando uma injusta e ainda longe de ser superada divisão sexual do trabalho que impõe uma hierarquização fundamentada no gênero, desconsiderando competências valiosas e singulares de indivíduos diversos.

Segundo Rute Baquero (2012), a cultura e a história desempenharam um papel significativo na limitação das mulheres a papéis domésticos e maternos, o que reforçou a desigualdade de gênero. A busca pela igualdade de gênero e a emancipação das mulheres têm incentivado mudanças significativas na sociedade, no mercado de trabalho e na família. A participação feminina no mercado de trabalho não só garante autonomia financeira, mas também promove a liberdade e a autenticidade, bem como serve como medida de proteção contra a pobreza, a viuvez e as relações abusivas.

No entanto, de acordo com Cristiane Lopes (2006), até a promulgação da Constituição de 1988, o sistema jurídico brasileiro utilizou argumentos morais, históricos, econômicos, biológicos e utilitaristas para proteger a mulher em seu ambiente de trabalho, mas essas normas apenas perpetuaram a discriminação feminina. Segundo a análise da autora, essas leis são ineficazes e inúteis na promoção da igualdade de gênero, servindo apenas para reforçar a estrutura patriarcal da família e manter a hierarquização de gênero presente no mercado de trabalho e no ambiente doméstico.

A Constituição Federal de 1988 foi um divisor de águas para a igualdade entre homens e mulheres no Brasil, apesar de enfrentar desafios legislativos e pressões sociais. As regras jurídicas foram adaptadas para reduzir a discriminação e tratar as mulheres como seres

competentes e capazes. Além disso, foram promulgadas leis para promover a inserção das mulheres no mercado de trabalho, como as Leis nº 9.029/95 e 9.799/99, que protegiam a maternidade e o regime especial de previdência das mulheres e visavam equilibrar o trabalho doméstico, familiar e formal. A igualdade salarial entre pessoas de diferentes sexos no mesmo cargo de trabalho também foi defendida, segundo Lopes (2006).

Historicamente, as mulheres têm sido vistas como observadoras da vida pública e excluídas das discussões e decisões que as afetam. Mesmo sendo onipresentes na sociedade, as mulheres são frequentemente silenciadas, segundo Perrot (2003). A autora argumenta que o corpo feminino sempre foi associado à procriação, o que limitou o acesso das mulheres a garantias e direitos em igualdade de condições, uma ideia reforçada por discursos médicos e políticos.

A socialização de gênero, que ensina as mulheres a serem cuidadoras desde muito jovens, reforça estereótipos e preconceitos de gênero que acabam naturalizando a desigualdade de gênero na sociedade. Esse comportamento restringe o papel do homem como cuidador e coloca a sobrecarga da responsabilidade doméstica nas mulheres, resultando em estresse, fadiga e divisão injusta de trabalho doméstico. Além disso, essa divisão de gênero no trabalho também é responsável pela menor remuneração das mulheres, bem como sua exclusão de funções de liderança. Embora a Constituição de 1988 tenha promovido avanços na igualdade de gênero, ainda existe uma disparidade significativa de mulheres em cargos de liderança, fenômeno conhecido como "teto de vidro". Essa barreira sutil, mas consolidada, limita a progressão profissional das mulheres, influenciando diretamente na oferta de oportunidades de carreira. Portanto, é fundamental que as organizações trabalhem ativamente para eliminar o teto de vidro e promover a igualdade de gênero (ROCHA, SILVA, SÉ, FLORIANO e MELO, 2014).

A busca pela promoção do empoderamento feminino tem emergido como uma temática central no contexto contemporâneo, abarcando esferas sociais, políticas e econômicas. Essa prioridade reflete um esforço global para mitigar as disparidades de gênero e fomentar a equidade entre homens e mulheres. Nesse contexto, o quinto Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS 5), definido pela Organização das Nações Unidas (ONU), assume um papel preponderante ao focar a igualdade de gênero e o empoderamento de mulheres e meninas como pilares cruciais na concretização da Agenda 2030.

Assim destacamos a interligação entre o empoderamento feminino e o ODS 5, a partir da intrínseca relação entre os esforços de empoderamento das mulheres e os objetivos delineados pelo referido ODS. Uma análise metódica da representatividade feminina em

posições de liderança no ambiente corporativo, por exemplo, evidencia a presença de estruturas desigualitárias que restringem o acesso e a progressão das mulheres nesse cenário.

Adicionalmente, o exame das práticas discursivas e não discursivas que moldam o empoderamento feminino e a promoção da igualdade de gênero é crucial. A análise crítica das estratégias adotadas por mulheres para conquistar posições de liderança e confrontar estereótipos de gênero delineia a necessidade de uma abordagem holística para alcançar o pleno empoderamento. A abrangência do ODS 5, que abarca metas que variam desde a erradicação de práticas prejudiciais até o fomento de políticas igualitárias, ressoa com a complexidade da jornada das mulheres rumo à igualdade e ao empoderamento.

Ademais, a autonomia econômica das mulheres, evidenciando o empreendedorismo feminino como um caminho viável para alcançar independência financeira e autossuficiência. Essa análise se coaduna harmoniosamente com o ODS 5, que busca garantir o acesso das mulheres a recursos econômicos e igualdade de oportunidades para a liderança. Ao examinar as estratégias adotadas por mulheres empreendedoras para atingir autonomia financeira, o estudo contribui para a materialização dos princípios essenciais do ODS 5.

Ao investigar representatividade, práticas discursivas, autonomia econômica e outras dimensões pertinentes, esta pesquisa realça a relevância de ações concretas para atingir a igualdade de gênero e resistência feminina.

Trazendo dados mais recentes para retratar o processo de ascensão feminina, bem como um *status* atual da posição das mulheres no mercado de trabalho e na apropriação de renda, de acordo com o Boston Consulting Group, entre 2010 e 2015, a riqueza privada detida por mulheres cresceu de US\$ 34 trilhões para US\$ 51 trilhões e, em 2020, espera-se que as mulheres detenham US\$ 72 trilhões, o que equivaleria a um total de 32% de toda a riqueza privada. Percebe-se que ocorreu um crescimento dos ganhos, o que se atribui diretamente a atenção global no fechamento da diferença salarial entre os sexos. Contudo, espera-se que no decorrer dos próximos anos esses ganhos continuem aumentando.

Outro dado interessante é o trazido por Eva Lindholm, Chefe da UBS Wealth Management no Reino Unido⁷ que observou que as mulheres têm por olhado para a riqueza de forma diferente, fazendo relação e multiplicando valores e saberes por meio de envolvimento em causas sociais, filantropia e comunidade local. Pesquisas publicadas pelo Stanford Graduate School of Business (2019) também sugerem que empresas com mulheres no conselho

⁷ <https://www.bitc.org.uk/eva-lindholm/>

de administração são mais propensas a investir em projetos de impacto, ou focados em diversidade e gênero.

Sobre a atuação das mulheres no mercado de trabalho sob uma perspectiva de resultados, essa pesquisa mostrou que a atuação das mulheres no processo de criação e gestão de riquezas tem efeitos positivos nos desempenhos de uma empresa. Assim as empresas que aumentam a igualdade de gênero estão susceptíveis a obter benefícios econômicos, significando que o avanço da igualdade de gênero pode aumentar o PIB global em 26% até 2025 (ONU MULHERES).

Outro tema que merece atenção refere-se a questão da obrigação de cotas para cargos de direção, que foram objeto de amplos debates na Europa que ficaram mais acalorados a partir de 2012, quando a Comissão Europeia propôs um pacote de medidas visando promover a diversidade e o acesso a mulheres para conselhos diretores e de gestão⁸. Em 2003, a Noruega tornou-se o primeiro país a aprovar uma lei que exige que pelo menos 40% dos diretores sejam de cada gênero, e essa lei foi implementada em 2008. Em 14 de dezembro de 2012, a Comissão Europeia aprovou uma proposta de diretiva que estabelece um objetivo mínimo de que as empresas listadas na Europa deveriam ter, no mínimo, 40% do gênero sub-representado do ocupando cargos não-executivos a partir de 2020. Esta diretiva está em debate. Além disso, vários países europeus adotaram regulamentos relativos às mulheres em cargos de liderança (Itália, Espanha, Holanda, Bélgica, Áustria).

Isso porque a nomeação de mulheres para cargos de liderança melhora o diálogo e a qualidade do processo de tomada de decisão, o que, em última análise, favorece a implementação de estratégias de negócios inovadoras e competitivas (ROMANO et AL., 2020). Ademais, destaca-se ainda que as empresas que se abrem para programas de diversidade de gênero em equipes executivas são 25% mais propensas a ter rentabilidade acima da média em

⁸ Os debates advêm da proposta apresentada pela Comissão Europeia que buscou estabelecer uma legislação que impusesse uma cota de 40% de mulheres nos conselhos de administração de empresas de capital aberto. Essa proposta encontrou resistência entre os membros dos 27 países da União Europeia. O governo britânico, em particular, expressou sua oposição, solicitando que a questão fosse tratada como um assunto de competência nacional. No entanto, é improvável que a posição britânica tenha obtido o apoio necessário de 10 Estados membros para rejeitar a proposta da Comissão Europeia. A discussão em torno da implementação de cotas obrigatórias para aumentar a representatividade feminina em cargos de liderança tem sido objeto de debates relevantes em vários países, visando combater a disparidade de gênero nessas posições. Essa iniciativa refletiu o compromisso da União Europeia em promover a igualdade de gênero e buscou estimular uma maior participação das mulheres em cargos de direção, reconhecendo os benefícios que a diversidade de gênero pode trazer para as organizações, como um melhor desempenho financeiro e uma tomada de decisão mais eficaz. Essa temática é relevante no contexto acadêmico, pois contribui para a compreensão das estratégias e políticas implementadas no passado para promover a igualdade de gênero no ambiente corporativo.

comparação com aquelas empresas que estão estratificadas numa cultura patriarcal e ultrapassada (JIZI et AL., 2014).

Não menos oportuno, vale trazer um exemplo do quanto as mulheres são multiplicadoras de condutas éticas, criativas e socialmente responsáveis, para além de toda métrica econômica. A *Ellevest*⁹ é uma plataforma impulsionada por mulheres para mulheres que oferecem estratégias que investem em um mix personalizado de empresas que impactam nas áreas que o investidor mais se importa.

O impacto transcende as métricas econômicas convencionais. Estudos e pesquisas têm demonstrado que as mulheres desempenham um papel significativo na promoção de práticas empresariais sustentáveis, considerando não apenas o aspecto financeiro, mas também os pilares sociais, ambientais e de governança (ESG).

Além disso, é pertinente mencionar o papel da geração milenar, que tem atribuído grande importância aos aspectos de sustentabilidade, exigindo das empresas práticas responsáveis em termos ambientais, sociais e éticos. Essa sinergia entre a influência das mulheres e a conscientização geracional reforça a necessidade de valorizar a ética, a criatividade e a responsabilidade social como elementos-chave no contexto empresarial atual, contribuindo para a construção de organizações mais sustentáveis e conscientes.

3.3 Estado, corpo, maternidade e sexualidade

Foucault conforme já abordamos neste estudo dedicou-se à análise do corpo como uma entidade física e concreta, composta por carne, ossos, órgãos e membros. Para ele, o corpo é simultaneamente uma massa, um invólucro e uma superfície que persiste ao longo da história.

⁹ A *Ellevest* é uma plataforma financeira impulsionada por mulheres e destinada especificamente às mulheres. Ela oferece estratégias de investimento personalizadas que visam um mix de empresas que impactam áreas relevantes para os investidores. A plataforma foi projetada levando em consideração fatores específicos relacionados às mulheres, como expectativa de vida mais longa, pausas na carreira e diferenças salariais. Ao contrário de outras plataformas de investimento digital, a *Ellevest* oferece uma abordagem baseada em metas, onde os investidores podem investir em múltiplas metas simultaneamente, como comprar uma casa ou iniciar um negócio. Os portfólios da *Ellevest* são personalizados para cada meta com base no perfil, objetivos e prazos do investidor. Além disso, a plataforma oferece uma ampla variedade de portfólios únicos que são adaptados às necessidades específicas das mulheres. Essa abordagem diferenciada visa promover a igualdade de gênero no campo de investimentos e fornecer serviços financeiros que atendam às necessidades exclusivas das mulheres. A *Ellevest* se destaca como uma plataforma que busca fechar a lacuna de investimentos entre os gêneros, oferecendo não apenas serviços de investimento, mas também ferramentas de aprendizado para educar e capacitar as mulheres interessadas em investir.

Esse corpo material é moldável e pode ser transformado através de técnicas disciplinares e de biopolítica, ou seja, de práticas de poder que visam controlar e regular o comportamento dos indivíduos em sociedade. Desse modo, a experiência de subjetivação e sujeição está ligada à forma como o corpo é disciplinado e controlado pelos dispositivos de poder que operam sobre ele.

O corpo é concebido como uma entidade complexa, dotada de sua própria propriedade de existir. Ele está sujeito a ser afetado e experimentar diretamente ou indiretamente as relações de poder que o permeiam por meio de tecnologias políticas específicas e historicamente situadas. Diferentemente do sujeito, que não existe a priori, mas é uma construção resultante dos discursos e das relações de poder-saber que o constituem, o corpo preexiste como uma superfície esponjosa que absorve as diversas submissões e interferências direcionadas a ele. No entanto, como objeto dessas relações de poder-saber que moldam atitudes corporais e formas de subjetividade, o corpo é submetido a ações que se fundamentam em diferentes tecnologias e discursos historicamente elaborados.

O corpo é considerado uma estrutura fundamental para os processos de subjetivação, ou seja, para a formação do "ser" e para a sua limitação. De acordo com essa perspectiva, a constituição do ser humano como um sujeito específico, subjetivado de determinada maneira, só é possível por meio do corpo. Em outras palavras, o corpo é o caminho para a subjetividade.

O corpo humano sempre foi um tema central nas diversas sociedades e culturas ao longo da história. Na Idade Média, o corpo era visto com preconceito e tabus, sendo considerado como um obstáculo para a salvação da alma. Já na modernidade, o corpo foi tratado como objeto de estudo da ciência e como uma máquina a ser aprimorada e otimizada, em consonância com a emergência da racionalidade como forma de conhecimento dominante. A cisão entre corpo e alma foi um marco importante dessa época e resultou na desvalorização da corporeidade, que foi vista como inferior à razão.

No entanto, essa visão mecanicista do corpo também gerou a imposição de padrões de eficiência e classificação dos corpos, com a adoção de medidas corporais e a categorização de corpos em diferentes tipos. Essa cultura de padronização também se manifestou na busca por um ideal de beleza e saúde, que muitas vezes é inalcançável para a maioria das pessoas.

É importante destacar que a compreensão do corpo está intrinsecamente ligada ao lugar de poder que ele ocupa na sociedade, e que essa compreensão pode variar de acordo com as diferentes épocas e culturas. Nesse sentido, a análise histórica das concepções e significados do corpo pode nos ajudar a compreender melhor as relações de poder e saber que envolvem a corporeidade e a subjetividade humana.

O autor José Carlos Rodrigues (1975, p. 23) traz uma contribuição importante ao tema dos aspectos simbólicos do corpo humano, ao afirmar que o corpo é sempre uma representação da sociedade, um "fato social". Nessa perspectiva, o corpo é visto como uma ferramenta relevante de comunicação e possui uma dimensão política expressiva, mediando as relações entre os indivíduos. No entanto, o corpo feminino é frequentemente sobrecarregado com o peso de uma cultura patriarcal, que busca controlá-lo e impor poder sobre ele, reforçando a desigualdade de gênero e a estratificação hierárquica.

Apesar da insurgência de movimentos feministas lutando em prol do reconhecimento da mulher enquanto sujeito de direitos, buscando equalizar condições de trabalho, remuneração e benefícios, assegurar acesso ao ensino, garantir sistemas de saúde feminina especializada, bem como políticas públicas de erradicação da violência doméstica, por meio da conscientização, assistência e punibilidade, é inegável que ainda não temos o suficiente para que a mulher tenha uma vida digna em igualdade de condições, usufruindo de sua cidadania com plenitude. Pois, à mulher cabe ainda, nos dias de hoje, muitas escolhas difíceis e sujeições perversas vindas do Estado, dos demais mecanismos de poder e da lógica ideológica que os instrumentaliza.

O debate sobre a diferença entre os gêneros, bem como, as desigualdades e opressões que surgem delas, baseia-se em duas teorias: as teorias biológicas e as teorias que explicam a desigualdade de gênero como um fenômeno cultural. Com o tempo e o avanço tecnológico, as teorias biológicas foram contestadas, uma vez que se observou que as diferenças biológicas entre homens e mulheres existem, mas não são determinantes para explicar a desigualdade de gênero. O patriarcado e a desigualdade de gênero são conceitos políticos, e as relações de gênero são construídas culturalmente. Como afirma Saffioti (2004), a explicação para as desigualdades de gênero deve ser buscada no fenômeno cultural que constrói o masculino e o feminino. Assim, Saffioti (2004, p. 58) afirma:

Enquanto a coleta é certa e acontece cotidianamente, a caça é incerta. Um grupo de homens pode voltar da caçada com um animal de grande ou médio porte, fornecendo assim as necessidades de seu grupo, ou pode voltar sem nada. Logo, a atividade dos homens, realizada uma ou duas vezes por semana, não é confiável em termos de produto. Já a das mulheres lhes permite voltar à sua comunidade, sempre com algumas raízes, folhas e frutos. O controle da informação técnica e da solidariedade masculina na apropriação e gestão deste conhecimento foi o responsável pelo início da implantação da desigualdade de gênero nos tempos remotos da história humana.

Diante desta constatação colocada pela autora, tem-se que o corpo feminino tem sido historicamente alvo da ideologia de submissão em relação ao homem, revelando-se como uma

estratégia de poder na sociedade contemporânea, como uma estratégia de controle e exercício do poder do homem sobre o corpo feminino.

Essa forma de controle é característica da chamada sociedade de controle ou sociedade de risco. No artigo intitulado "Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle" Gilles Deleuze (1990, p. 2) identifica no enclausuramento a operação fundamental da sociedade disciplinar, que divide o espaço em instituições fechadas (escolas, hospitais, indústrias, prisões etc.) e organiza o tempo de trabalho. Deleuze chama esses processos de moldagem, pois um mesmo molde fixo e definido pode ser aplicado a diversas formas sociais. Por outro lado, a sociedade de controle é marcada pela interpenetração dos espaços, pela suposta ausência de limites definidos (a rede) e pela instauração de um tempo contínuo, no qual os indivíduos nunca conseguem concluir nada, pois estão sempre envolvidos em um estado de formação permanente e em uma dívida impagável, como prisioneiros em um campo aberto. Segundo Deleuze, o que ocorre aqui é uma constante e universal modulação que atravessa e regula as estruturas sociais.

O biopoder governa a vida das pessoas, indo além da mera aplicação da lei. De acordo com Foucault, a sexualidade é um dos elementos mais instrumentalizados pelo poder, sendo utilizada em diversas estratégias. Não há uma única estratégia para a sexualidade, mas sim múltiplos objetivos e diversos meios empregados nas políticas sexuais, abrangendo ambos os sexos, diferentes faixas etárias e classes sociais. Além disso, a ideia de reduzir todo o sexo à sua função reprodutiva e à sua forma heterossexual e adulta não explica a complexidade das políticas sexuais em relação aos corpos femininos e masculinos (FOUCAULT, 1988, p. 98).

Na prática, o que temos é que as mulheres foram moldadas e limitadas pelos papéis sociais atribuídos a elas ao longo da história, estabelecendo, com isso, padrões de comportamento que evoluíram com o tempo. As percepções da subjetividade e do corpo feminino também mudaram de acordo com os contextos políticos, econômicos, históricos e socioculturais, especialmente durante o período patriarcal, em que as mulheres tinham funções limitadas à reprodução e eram subjugadas pelo poder masculino. Com o advento do capitalismo, as mulheres assumiram papéis produtivos no mercado de trabalho, além de suas responsabilidades reprodutivas, obtendo um espaço maior na sociedade (BORIS e CESIDIO, 2007).

Por essa razão, diante da multiplicidade de papéis, funções e deveres destinados as mulheres, vários eram os atores e poderes atuando para modelar um conceito formatado de mulher e aplicá-lo como imposição. O conceito foucaultiano de poder é caracterizado pelo biopoder, que surgiu na segunda metade do século XVIII, com o objetivo de complementar o poder disciplinar e atender às complexidades sociais decorrentes do processo de

industrialização, urbanização e aumento demográfico. O biopoder se estende além das esferas do Estado, sendo exercido por meio de um conjunto de pequenos poderes que atuam em todas as áreas da sociedade. É importante destacar que o poder não é algo que age verticalmente na vida dos indivíduos, mas em um sentido circular e ascendente, ou seja, em alguns momentos, os indivíduos estão exercendo poder, enquanto em outros, estão submetidos a ele. O triunfo do capitalismo não teria sido possível sem o controle disciplinar e efetivo pelo novo biopoder, que criou para si, através de tecnologias apropriadas, os corpos dóceis de que necessitava.

De acordo com Foucault, o desenvolvimento do capitalismo foi fundamentalmente dependente da submissão dos corpos ao aparelho produtivo, através de mecanismos que controlassem e ajustassem a população aos processos econômicos. Nesse sentido, o capitalismo precisava que os corpos crescessem em produtividade, usabilidade e docilidade, sem que isso os tornasse mais difíceis de controlar. Foucault ressalta a importância de métodos de poder capazes de ampliar as forças e habilidades dos corpos para o trabalho, sem resistência ou desobediência. Tudo isso demonstra que o capitalismo exige um controle constante dos corpos, a fim de garantir sua funcionalidade e rentabilidade (FOUCAULT, 1987).

O biopoder, conceito desenvolvido por Foucault, caracteriza-se pelo exercício direto do poder sobre a vida dos indivíduos como membros de uma população específica, por meio do disciplinamento dos corpos. Com a ascensão da sociedade industrializada, ocorreu uma transformação do poder centrado na individualidade para o poder direcionado às massas, dando origem à Biopolítica, que diz respeito ao controle das populações pelo Estado.

Nesse contexto, o controle da sexualidade emerge como uma ferramenta significativa de sujeição e controle, situada entre o domínio do corpo individual e o âmbito populacional, dependendo da disciplina e regulação normativa. Segundo Foucault, a vida e a morte não são fenômenos naturais, mas sim estão submetidas ao poder soberano, o qual assume a responsabilidade de preservar a vida dos súditos e tem a capacidade de tirar a vida de quem lhe convier. Essa concepção do poder sobre a vida é essencial para compreender como o controle da sexualidade se relaciona com o poder biopolítico exercido pelo Estado.

Através dessa análise, é possível discernir as estratégias e dispositivos utilizados para regular e normatizar as práticas sexuais, e como tais práticas estão intrinsecamente ligadas aos mecanismos de poder que governam as vidas individuais e coletivas. Deste modo, temos que as manifestações relativas à sexualidade são permeadas por diversos significados atribuídos por valores e práticas culturais, que evidenciam as diferentes socializações experimentadas pelos indivíduos em suas vidas, tais como família, escola, meios de comunicação, redes de amizade e vizinhança.

Para Foucault, a questão da sexualidade nas sociedades ocidentais está profundamente enraizada em um processo de busca pela verdade e pela iluminação. Esse processo, que se consolidou especialmente a partir do Cristianismo, estabeleceu a necessidade de se fazer da sexualidade algo a ser examinado, vigiado e confessado. Nas sociedades cristãs, falar sobre sexualidade era permitido, desde que fosse para proibi-la. Esse controle sexual se tornou parte de uma economia complexa, em que as proibições e as normas tinham uma função importante.

É importante ressaltar que Foucault não via o sexo como algo natural, mas como um conceito historicamente construído, que sofreu uma série de mudanças ao longo dos séculos. Na verdade, ele entendia que a repressão da sexualidade na Modernidade não se limitou apenas à moral cristã, mas se ampliou para outras esferas, como a médica e a psicológica. A psiquiatrização e a medicalização da sexualidade, por exemplo, foram fundamentais para que ela fosse tratada como uma questão patológica, que necessitava de cuidados e intervenções específicas.

Com isto, temos que essas novas formas de poder apoderam-se do desejo sexual, dos corpos e dos prazeres através da regulação e normatização dos modos de conduta de homens e mulheres, daquilo que estes, podem ou não falar, podem ou não fazer, através da instauração de novas classificações de tipos sexuais e códigos normalizadores do comportamento sexual. Poder e sexo passam a interferir um no outro. Não, como se fosse restringir, delimitar ou evitar o sexo, mas investir-se em sujeitos, corpos e prazeres, “reforçar-se mutuamente” e assim “proporcionar lugares de saturação máxima” (FOUCAULT, 1982, p. 47).

Do exposto, deriva que a sexualidade feminina tem sido historicamente definida em relação à masculina, ou seja, surge como sujeita ao desejo masculino, “tal vocabulário de significantes sexuais é indicativo de que as mulheres são socializadas para serem passivas, parceiras sexuais receptivas, enquanto os homens são socializados para perseguir, penetrar e dominar” (SOUZA, BALDWIN e ROSA, 2000, p. 491). Pois, a sexualidade feminina durante muito tempo foi repreendida pela sociedade apoiada por valores patriarcais e religiosos de modo que o lugar social da mulher estava condicionado à capacidade de gerar filhos. Para isto e para que pudesse cumprir a sua função, a esposa deveria permanecer pura, ou manter relações sexuais após o casamento, com a finalidade de procriação (SILVA, 2014). Com declínio do sistema feudal, o governo burguês se fortalece a partir de uma estrutura marcadamente rígida e hierarquizada, onde, o controle sobre o corpo e a sexualidade eram pontos de preocupação desse sistema com vistas a garantir a sua própria reprodução (PINHO, 2008).

Na metade do século XIX, a medicina relaciona os órgãos genitais e sexualidade feminina às doenças de caráter amplo, associadas à instabilidade emocional: agressividade e

loucura, e como tratamento desenvolveram uma série de meios, que incluíam desde cirurgias invasivas até reclusão domiciliar (ROHDEN, 2008). Já no Brasil-Colônia, dominar a sexualidade feminina foi o objetivo de algumas Leis do Estado, da Igreja, e o desejo dos pais, uma vez que, esta seria uma segurança da família, sociedade e a própria ordem das instituições (SILVA et AL., 2005). Neste período o sexo tinha função apenas procriadora ou reprodutiva para a classe, os desejos, insatisfações e direitos sexuais femininos tinham pouca relevância para o meio social. E, desse modo, a sexualidade foi tornando-se um assunto vetado para a mulher, fato que, em alguns contextos culturais, colabora para minimizar oportunidades de conhecer o corpo e expressar suas experiências.

A partir da Revolução Industrial, a mulher adquiriu maior independência na inserção ao mercado de trabalho, o que contribuiu para o desenvolvimento de novas configurações sexuais. Somente após, com a Revolução Sexual e o surgimento da pílula anticoncepcional, houve uma mudança no olhar e prática do sexo no cotidiano das pessoas, principalmente mulheres, já que agora era possível praticar o sexo pelo prazer e não apenas pela reprodução.

Nesse cenário de descobertas essa mulher agora é confrontada com o conhecimento da potência do próprio corpo, como instrumento de prazer, como ferramenta emancipadora e criativa. A possibilidade de usufruir do sexo como potência e libertação está no cotidiano das relações sociais, nas muitas experiências de subordinação do desejo, do discurso e do corpo feminino ao masculino, em práticas heteronormativas e que reforçam estereótipos de masculinidade associados à dominação e controle, e de feminilidade, a aceitação, delicadeza, sutileza, permissão e submissão.

Quando se trata da vivência da maternidade, as mulheres enfrentam desafios únicos. Durante a gestação, as mudanças corporais e psicológicas podem interferir na relação da mulher com seu próprio corpo, como a percepção de uma baixa atratividade física, incapacidade de sedução e a sensação de perda de controle. Conforme destacado por Silva e Figueiredo (2006), essas mudanças podem ser bastante impactantes. De acordo com Badinter (1985), a maternidade é uma tarefa que desperta uma força mágica e potente na mulher, que a capacita a cumprir esse papel de forma plena. Como a gestação é de origem biológica, acredita-se que a maternidade esteja intimamente ligada a esse processo. De fato, a reprodução não seria completa se a mulher não garantisse a sobrevivência do feto até o nascimento.

A necessidade de garantir a sobrevivência da cria criou uma série de explicações sobre a relação entre o instinto de vida e o instinto materno, dando origem a diferentes concepções sobre a maternidade. Simone de Beauvoir (1970) foi uma das primeiras a questionar o instinto materno, o que gerou debates entre psicólogos e sociólogos. Na época, a maioria dos

movimentos feministas eram compostos por mulheres, o que levou a suposição de que o discurso sobre o instinto materno era mais militante do que científico.

Esse debate sobre o instinto materno revela como a maternidade é um tema complexo e multifacetado, que não pode ser compreendido de forma simplista. De fato, a maternidade pode ser entendida como uma construção social, que varia de acordo com o contexto histórico e cultural em que se insere. Ao longo da história, a maternidade foi construída de diferentes formas, e suas representações foram influenciadas por fatores como a Religião, a Política, a Economia e a Ciência. Por isso, é importante questionar as verdades estabelecidas sobre a maternidade e explorar suas múltiplas dimensões, levando em consideração as diferentes perspectivas e experiências das mulheres.

Naquela época, a prioridade era garantir a sobrevivência das crianças, e isso também se tornou uma preocupação do Estado. Com esse objetivo, os médicos, moralistas e administradores se uniram para persuadir as mulheres da importância de cuidar de seus filhos, incluindo amamentá-los. As mulheres eram convencidas com promessas de felicidade e respeito, caso fossem boas mães e cidadãs. Em uma sociedade patriarcal, ser mãe era valorizado, o que elevava a posição da mulher perante a família e a sociedade. Embora não tenha garantido a igualdade entre homens e mulheres, essa valorização da maternidade tornou mais fácil para as mulheres aceitarem essa tarefa (BADINTER, 1985).

Com o tempo, porém, as mulheres passaram a lutar por igualdade de direitos e oportunidades em todas as áreas da vida, incluindo a maternidade. Algumas questionaram a imposição da maternidade como um dever e um ideal a ser perseguido a qualquer custo, enquanto outras defendiam o direito à maternidade escolhida e consciente, em que a mulher pudesse decidir livremente se e quando ter filhos, assim como participar igualmente na criação e cuidado dos mesmos. Essas lutas feministas ajudaram a transformar a compreensão social da maternidade e a estabelecer políticas públicas que reconhecessem a importância da paternidade responsável e do envolvimento dos pais na criação dos filhos.

A respeito da maternidade, a filósofa Elisabeth Badinter (1985) argumenta que o que se espera das mulheres em relação ao instinto maternal ou amor materno é, na verdade, uma construção social. Ela afirma que essa visão sobre a maternidade abnegada e a família que conhecemos atualmente surgiu no final do século XVIII, quando a exclusividade feminina na gestação, parto e amamentação foi enfatizada, o que gerou uma dominação sobre as mulheres, que ainda é presente em nossa sociedade. A mulher, segundo essa visão, é destinada a cuidar dos filhos em detrimento de suas ambições pessoais, sendo que essa ideia parte do pressuposto

de que o que parece universal é instintual e, portanto, inevitável e imutável (CHODOROW, 1990).

Para as mulheres, a felicidade e realização estavam intimamente ligadas ao papel de serem boas mães e desfrutarem do amor maternal. Pois,

A subjetividade feminina será construída como satélite do desejo alheio, conformada pela dependência afetiva, econômica e legal e por um modelo de maternidade incondicional, abnegado e altruísta, como um papel vitalício exercido por toda a vida (LOBO, 2008, p. 69-70).

Com isto, tem-se que o modelo de maternidade incondicional, abnegado e altruísta, que exigia dedicação vitalícia, foi construído como um papel central na subjetividade feminina, condicionada pela dependência afetiva, econômica e legal. A construção dessa subjetividade também foi influenciada pela figura da "dona de casa", que promoveu discursos favoráveis à manutenção da estrutura social da época. Na era moderna, foi criado um padrão de feminilidade que tinha como principal função promover a união entre a mulher e o lar. Esse papel feminino, além de garantir a ordem e o cotidiano da família, também contribuiu para a manutenção do status de virilidade do homem burguês. Assim, no início do século XX, a mulher foi valorizada por suas habilidades domésticas, gestão impecável do lar e cuidado da família, o que reforçou sua permanência no espaço privado.

A ideia predominante na época era que a felicidade estava ligada à harmonia familiar. O amor entre marido e mulher deveria ser estendido aos filhos e, conseqüentemente, a mulher assumiu o papel de cuidadora da família. Com o tempo, essa responsabilidade se estendeu ao marido e suas necessidades mais básicas. No entanto, as mulheres que desafiavam essa norma social eram alvo de preconceito e zombaria.

Clarice Lispector frequentemente apresenta personagens femininas que parecem não se enquadrar em sua vocação biológica, como é o caso de Macabéia (LISPECTOR, 1977/1988), cujos ovários estão murchos, e de G.H. (LISPECTOR, 1996), cujos ovários estão secos. Em outras obras, como em "A Hora da Estrela" (LISPECTOR, 1977), Lispector apresenta personagens femininas sem filhos, como é o caso de Joana e de Laura, que parecem lidar com uma sensação de incompletude decorrente da falta de filhos. Nessas obras, a maternidade é retratada de forma aterrorizante, com ênfase no aspecto carnal e orgânico, algo que parece ser repellido pelas personagens femininas.

Seus olhos continuavam monotonamente me olhando, os dois ovários neutros e férteis. Neles eu reconhecia meus dois anônimos ovários neutros. E eu não queria, ah, como eu não queria! Eu seria obrigada a continuar a reconhecer. E reconhecia na barata o insosso da vez em que eu estivera grávida. Lembrei-

me de mim mesma andando pelas ruas ao saber que faria o aborto, doutor, eu que de filho só conhecia e só conheceria que ia fazer um aborto. Mas eu ao menos estava conhecendo a gravidez. Pelas ruas sentia dentro de mim o filho que ainda não se mexia, enquanto parava olhando nas vitrines os manequins de cera sorridentes. E quando entrara no restaurante e comera, os poros de um filho devoravam como uma boca de peixe à espera. [...] Gravidez: eu fora lançada no alegre horror da vida neutra que vive e se move (LISPECTOR, 1996, p. 59-60).

Assim, a mulher assumiu a realidade quase mandatória de que, em um dado momento, lhe estaria reservado o papel de mãe, que deveria gerar, nutrir e proteger, responsabilizando pela entrega de um cidadão forte e produtivo ao Estado. Quando por razões físicas ou do destino a experiência materna lhe é negada (impossibilidade de engravidar; indisponibilidade para ter um parceiro sexual; ou a perda de um filho no decorrer da vida) a esta mulher estaria reservada a função de cuidar dos filhos dos outros, ser proativa, adotar, “pegar para criar”, além do papel de uma “maternidade” secundária que seria a de cuidar de idosos e parentes com necessidades especiais.

Ainda durante os primeiros meses após o parto toda dinâmica e complexidade física e emocional da gestação, inicia-se o processo de adaptação a nova rotina e ao novo sujeito que se apresenta em formação e crescimento. Nesse período muitas se deparam com a inquietude de ter que lidar com as expectativas do retorno ao mercado de trabalho, cuidado com a criança e suas necessidades diversas.

Observa-se que as demandas individuais de cada mulher não podem ser claramente separadas das demandas sociais. A sociedade tende a enxergar as mulheres de maneira genérica, com altas expectativas e pouco respeito às suas necessidades individuais. Como resultado, muitas mulheres voltam ao trabalho logo após os primeiros meses do nascimento da criança, buscando manter sua independência financeira e seu papel no mercado de trabalho.

Infelizmente, elas muitas vezes enfrentam as consequências de uma cultura corporativa patriarcal e discriminatória. No entanto, a legislação brasileira oferece proteção contra a discriminação das mulheres no ambiente de trabalho. A Lei nº 9.799 (BRASIL, 1999) que garante às mulheres um período de licença maternidade. Além disso, a Lei nº 11.770 (BRASIL, 2008) permite que as mulheres tenham até 180 dias de licença remunerada no setor privado e 120 dias no setor público para cuidar de seus recém-nascidos.

Embora as leis brasileiras garantam a proteção das mulheres contra a discriminação no mercado de trabalho, a realidade prática vivenciada por elas dentro de estabelecimentos e organizações revela a existência de dois tipos de discriminação: a formal e a informal. A discriminação formal ocorre quando um homem e uma mulher desempenham a mesma função

e executam as mesmas tarefas, mas o trabalho realizado pelo homem é mais valorizado do que o trabalho realizado pela mulher, simplesmente porque foi realizado por uma mulher. Por outro lado, a discriminação informal, praticada principalmente por superiores e colegas de trabalho, é mais comum em ambientes majoritariamente masculinos e pode se manifestar como assédio moral ou sexual no contexto de trabalho. As organizações que ignoram esse tipo de discriminação tendem a criar um ambiente de trabalho hostil para as mulheres.

Além disso, a mulher ainda enfrenta estigmas no que se refere ao cuidado da criança, função atribuída a ela devido à construção social do seu papel. Como resultado, a mãe/mulher é responsabilizada em caso de enfermidade ou acidentes com a criança, o que pode impactar diretamente a rotina de trabalho e tornar ainda mais difícil a aplicação de medidas de equidade no mercado de trabalho.

Com isto, tem-se que o papel socialmente atribuído às mulheres tem impacto direto no processo de seleção e demissão de empregados, já que durante entrevistas de emprego, é comum questionar se a candidata tem filhos e quem será o cuidador enquanto trabalha ou se possui rede de apoio (PUCCINI, ARON e SANTIAGO, 2015).

Os dados do IBGE mostram que as mulheres representam 54% dos 6,46 milhões de empregados e, frequentemente, são subocupadas, trabalhando menos de 40 horas semanais devido a outras ocupações (IBGE, 2019). Além disso, a liderança feminina é desqualificada e vista como inferior à masculina, dificultando a ascensão das mulheres nas empresas. Isso ocorre porque as mulheres, em geral, não são educadas e preparadas culturalmente para liderar.

É importante salientar que definir gênero a partir da diferença biológica entre os sexos leva a uma oposição binária entre homens e mulheres, ignorando suas singularidades e particularidades. Clarice Lispector apresenta uma forte contestação à imagem da mãe como a personificação da feminilidade, ao invés disso, ela mostra a mulher em sua natureza crua e orgânica. Em sua obra "A paixão segundo G.H.", a autora revela a vida e a maternidade como algo brutal e inumano.

Ali estava eu boquiaberta, ofendida e recuada diante do ser empoeirado que me olhava. Tome o que eu vi: pois o que eu via com um constrangimento tão penoso e tão espantado e tão inocente era a vida me olhando. Como chamar de outro modo aquilo horrível e cru, matéria-prima e plasma seco, que ali estava, enquanto eu recuava para dentro de mim em náusea seca, eu caindo séculos e séculos dentro de uma lama, era lama, e nem sequer lama já seca mas lama ainda úmida e ainda viva, era uma lama onde se remexiam com lentidão insuportável as raízes de minha identidade (LISPECTOR, 1996, p. 38).

Na proposta de Foucault, a tomada de consciência em busca da autenticidade e da busca da própria verdade e sentido, desvencilhando-se de discursos postos e arquitetados para uma finalidade duvidosa, pode advir de transformações no conjunto de tecnologias sociais, como o cinema, os discursos, as epistemologias, as práticas institucionalizadas e cotidianas. O objetivo dessa transformação é livrar os indivíduos de preconceitos pré-determinados baseados exclusivamente em fatores biológicos sempre que possível, levando em consideração que as pessoas são moldadas por influências sociais, familiares, históricas, econômicas, educacionais e políticas. Essa abordagem reconhece que as pessoas são seres complexos e multifacetados, e que suas características e comportamentos são moldados por uma variedade de fatores que transcendem sua biologia.

Portanto, é com vistas a se pensar no uso destas tecnologias sociais colocadas em tela por Foucault que, no próximo capítulo buscar-se-á pensar o modo como esse movimento de emancipação feminina pode ser levado a cabo a partir da literatura, mas, sobretudo, da escrita proposta por Momesso et Al (2018) como uma ferramenta de significação e ressignificação do mundo e do próprio sujeito em si. Destacando-se que conforme trabalho por Momesso em seus projetos com adolescentes envolvendo a literatura¹⁰, o ato de “escrever” pode ser viabilizado em vários espaços, com destaque hoje aos espaços de mediação online como blogs, WhatsApp, Instagram entre outros.

¹⁰ Com destaque ao projeto de pesquisa conduzido pela Professora Maria Regina Momesso, intitulado: "Iracema na contemporaneidade: o ser mulher e o ser mãe na adolescência" que investigou como os adolescentes de ensino médio técnico se relacionavam com os saberes sobre o corpo desejoso, o corpo grávido e o corpo transformado na adolescência. O objetivo era compreender as transformações históricas, sociais, culturais e ideológicas que possibilitavam mudanças na forma de ver e pensar a gravidez na adolescência. A pesquisa buscou verificar como os adolescentes pensavam as mudanças do corpo virgem e desejoso para o corpo transformado pela maternidade, problematizar questões relacionadas à formação da mulher e mãe brasileira na atualidade e promover debates entre os adolescentes do ensino médio técnico. Instrumentos de comunicação utilizados no cotidiano dos adolescentes, como WhatsApp, redes sociais e aplicativos, foram utilizados para análise crítica dos discursos produzidos pelos sujeitos. Assim como este trabalho, a Projeto Iracema na contemporaneidade: o ser mulher e o ser mãe na adolescência também se baseou na análise de discurso francesa e nas ideias de Michel Foucault, relacionando-as à literatura, processos de subjetivação, práticas discursivas, ética do cuidado de si e cuidado de si e dos outros.

4 – LITERATURA E EMANCIPAÇÃO

4.1 O movimento sufragista e sua influência na literatura feminina

O movimento sufragista das mulheres foi um dos principais movimentos sociais do século XX, que exigiu o direito ao voto e à participação política para as mulheres. Esse movimento teve uma grande influência na sociedade da época, abrindo caminho para a conquista de direitos e avanços importantes.

O movimento sufragista foi uma luta histórica liderada por mulheres que buscavam o direito ao voto e a igualdade de direitos políticos. Esse movimento se originou no final do século XIX em países como os Estados Unidos e a Inglaterra, e se expandiu por todo o mundo ao longo do século XX.

A luta pelo direito ao voto feminino começou a se intensificar no final do século XIX, quando a sociedade começou a questionar a exclusão das mulheres do processo democrático. A primeira manifestação pública pelo sufrágio feminino ocorreu em 1848 nos Estados Unidos, na cidade de Seneca Falls, onde uma convenção de mulheres reivindicou o direito ao voto e à igualdade de direitos políticos e civis.

Na Inglaterra, o movimento sufragista foi liderado por mulheres como Emmeline Pankhurst e suas filhas, que fundaram a União Social e Política das Mulheres (WSPU) em 1903. O WSPU se tornou conhecido por suas táticas radicais de militância, que incluíam greves de fome, manifestações, vandalismo e até mesmo atentados terroristas em alguns casos. A luta do WSPU foi importante para chamar a atenção da mídia e do público para a causa do sufrágio feminino e pressionar os governos a tomarem medidas em favor das mulheres.

Este movimento também se espalhou por outros países europeus, como França e Alemanha, e por países colonizados, como Índia, Austrália e Nova Zelândia. Na Nova Zelândia, por exemplo, as mulheres conquistaram o direito ao voto em 1893, tornando-se o primeiro país do mundo a conceder esse direito às mulheres.

A luta por seu direito à participação e voto foi uma batalha árdua e prolongada, que envolveu a organização de movimentos políticos, sociais e culturais liderados por mulheres. O movimento sufragista contribuiu para o avanço dos direitos das mulheres em todo o mundo, ao abrir caminho para que elas pudessem participar ativamente da vida política e influenciar as decisões que afetavam suas vidas e seus direitos.

Importante destacar a contribuição de Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft como exemplos de lutas pelo rompimento das barreiras iluministas que oprimiam as mulheres,

visando a busca por faculdades emancipatórias que o iluminismo lhes negou. Segundo Puleo (1999), para retomar os debates feministas, foi preciso a criação de um referencial teórico que surgiu naturalmente de mulheres como Gouges e Wollstonecraft¹¹, que buscavam ser consideradas sujeitos ativos e possuidoras de direitos civis e políticos.

Os Salões Literários, como afirma Joan Scott (2005), foram a primeira manifestação intelectual organizada a partir desse referencial teórico que surgia e reacendeu os debates feministas. Na França, onde as mulheres se manifestavam publicamente, abordando temas que até então eram segregados no espaço privado, os salões foram grandes aliados. Mesmo estando localizados na esfera doméstica, eles tinham fortes vinculações públicas, já que eram neles que se gestava boa parte da cultura e da política do momento (NIELLSON, 2016).

Os salões literários foram uma espécie de limbo entre público e privado, situados em casas de mulheres burguesas. Eles proporcionaram um espaço intermediário entre o público e o privado, permitindo que as mulheres, proibidas de dialogar na Assembleia Francesa, ocupassem um espaço onde poderiam se expressar livremente e participar da vida política e cultural da época. Foi através desses espaços que as mulheres passaram a ter voz e a reivindicar seus direitos, tornando-se uma das principais forças do movimento feminista que se consolidou nas décadas seguintes.

Dessa forma, na compreensão da narrativa construída sobre as sufragistas inglesas, é importante ressaltar a relevância da linguagem literária como fonte para a compreensão do passado. Essa abordagem tem sido discutida por estudiosos como Michel Foucault e pelos estudos feministas, que enfatizam a necessidade de se considerar a especificidade da linguagem literária como um discurso sobre o passado, que nunca se confunde com ele.

Ao analisar a linguagem literária, é possível identificar como as sufragistas inglesas foram representadas e construídas narrativamente, bem como entender as formas pelas quais a literatura pode ter contribuído para a consolidação e perpetuação de estereótipos e preconceitos de gênero. Além disso, é importante destacar que a literatura não é apenas uma forma de representação do passado, mas também uma forma de o construir e o reinterpretar pois, reflete as ideologias e os valores presentes em determinado momento histórico.

¹¹ Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft foram duas importantes figuras do movimento sufragista, que lutou pela igualdade de direitos civis e políticos para as mulheres. Gouges, uma feminista francesa do século XVIII, escreveu a "Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã" em resposta à "Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão" da Revolução Francesa, e lutou por igualdade de direitos e pelo fim da ordem patriarcal em que vivia. Wollstonecraft, uma escritora inglesa do final do século XVIII, também defendia a igualdade de gênero e escreveu "Reivindicação pelos Direitos das Mulheres". Ambas as mulheres foram pioneiras em sua luta pela emancipação feminina e influenciaram o movimento sufragista e feminista subsequente.

É válido ressaltar que, embora a análise da linguagem literária seja uma ferramenta importante para a compreensão da história das sufragistas inglesas, não se pode negligenciar a importância das discussões acerca da análise do documento e da narrativa histórica. A análise da linguagem literária deve ser utilizada em conjunto com outras fontes históricas, como jornais, diários, cartas e documentos oficiais, a fim de se obter uma compreensão mais ampla e complexa do período em questão.

De forma ativa e inevitável, a literatura feminina também foi influenciada pelo movimento sufragista, e muitas mulheres escritoras da época usaram a literatura como uma forma de expressar suas ideias e lutar pelos seus direitos. As obras literárias produzidas pelas escritoras sufragistas refletem a luta pela igualdade de gênero, e muitas vezes foram escritas em um estilo mais livre e ousado do que a literatura tradicional da época.

Um exemplo de obra literária produzida por uma escritora sufragista é "Um Teto Todo Seu", de Virginia Woolf (2020a). Nesse ensaio, Woolf explora as barreiras que as mulheres enfrentam na sociedade para expressar sua criatividade e produzir obras literárias. A autora argumenta que, para que as mulheres possam escrever, é necessário que elas tenham independência financeira e liberdade para pensar e agir sem as restrições impostas pela sociedade patriarcal.

Outra obra literária importante produzida por uma escritora sufragista é "O Quarto de Jacob", de Virginia Woolf (2020b). Nesse romance, Woolf explora as questões de gênero e sexualidade, e questiona a ideia de que as mulheres devem se submeter aos desejos e expectativas dos homens. A protagonista, uma mulher livre e independente, desafia as normas sociais e busca viver de acordo com seus próprios desejos e necessidades.

Além de Virginia Woolf, outras escritoras sufragistas também produziram obras literárias importantes que refletiam as questões de gênero e a luta pelo direito ao voto. Um exemplo é a escritora britânica Emily Pankhurst (1914), que escreveu "My Own Story", um relato autobiográfico sobre sua luta pelo sufrágio feminino. Outra escritora importante foi Elizabeth Cady Stanton (1895), que escreveu "The Woman's Bible", um livro que questionava a interpretação da Bíblia sobre as mulheres e defendia a igualdade de gênero.

Hoje em dia, a literatura feminina continua a refletir as questões de gênero e a luta pelos direitos das mulheres. As escritoras contemporâneas usam a literatura como uma forma de expressar suas experiências e questionar as normas sociais que restringem a liberdade e os direitos das mulheres.

Um exemplo de obra literária contemporânea que reflete essas questões é "A Cor Púrpura", de Alice Walker (1991). Nesse romance, a autora explora as questões de gênero e

raça, e mostra como as mulheres negras sofrem uma dupla opressão na sociedade. A protagonista, Celie, enfrenta abuso e violência ao longo de sua vida, mas encontra força e solidariedade entre outras mulheres que também sofrem as mesmas opressões.

Outra obra literária importante e contemporânea é "Sejamos Todos Feministas", de Chimamanda Ngozi Adichie (2014). Nesse ensaio, a autora defende a importância do feminismo como um movimento que busca a igualdade de gênero e a eliminação das desigualdades e opressões sofridas pelas mulheres na sociedade. Adichie explora como o patriarcado é uma estrutura que prejudica tanto homens quanto mulheres, e como a luta feminista é essencial para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Além disso, a literatura feminina contemporânea também tem dado mais espaço e voz para mulheres de diferentes origens e vivências, como mulheres negras, trans, lésbicas, entre outras. Essas escritoras trazem novas perspectivas e experiências que desafiam as normas sociais e contribuem para uma maior diversidade e representatividade na literatura.

Dessa forma, podemos observar que o movimento sufragista das mulheres teve um grande impacto na literatura feminina, abrindo caminho para que as mulheres pudessem expressar suas ideias e lutar pelos seus direitos. As escritoras sufragistas produziram obras importantes que refletiam as questões de gênero e a luta pelo sufrágio feminino, e essas questões continuam a ser exploradas e questionadas na literatura feminina contemporânea.

A literatura feminina hoje em dia tem um papel fundamental na luta pelos direitos das mulheres, e as escritoras continuam a explorar as questões de gênero e a desafiar as normas sociais que restringem a liberdade e os direitos das mulheres. É importante que essas vozes continuem a ser ouvidas e valorizadas, para que possamos construir uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Rompendo as barreiras temáticas, a literatura feminina contemporânea também tem se dedicado a desconstruir e questionar estereótipos de gênero e a representação das mulheres na cultura popular. Por meio de personagens complexas e realistas, as escritoras têm trazido uma nova perspectiva sobre a experiência feminina e a diversidade das vivências das mulheres.

Também podemos observar a presença de temas como violência sexual, misoginia, assédio e opressão nas obras de escritoras contemporâneas. Esses temas são importantes para conscientizar sobre as formas de violência e opressão que as mulheres enfrentam na sociedade, além de incentivar o diálogo e a reflexão sobre a cultura do estupro e a necessidade de combater essas violências.

Por fim, é importante ressaltar que a literatura feminina contemporânea não se limita a questões de gênero e feminismo, mas aborda uma ampla variedade de temas e gêneros literários,

como ficção científica, romance, poesia, entre outros. Essa diversidade de temas e estilos literários contribuiu para a riqueza da literatura contemporânea e a sua importância na sociedade.

4.2 A busca por referências em Clarice Lispector. Lugar de mulher é onde ela desejar

No Brasil, é importante destacar que a literatura produzida por mulheres não era amplamente reconhecida e valorizada no cânone literário tradicional. A historiografia literária brasileira, por exemplo, demonstra que na década de 1950, a obra "A história da literatura brasileira" de Lúcia Miguel Pereira (1974), prestava homenagem apenas ao nome de Júlia Lopes de Almeida como escritora da época. Somente décadas depois, a partir dos anos 1970 e 1980, conforme apontado por Zolin (2009a), houve um crescimento significativo na publicação de literatura escrita por mulheres, abrindo novas possibilidades para as escritoras emergentes.

Nesse contexto de mudanças, é importante ressaltar o papel de Clarice Lispector, considerada como a precursora de uma "tradição para a literatura da mulher no Brasil, gerando um sistema de influências que se fará reconhecido na geração seguinte" (VIANA, 1995, p. 169). Ela foi uma das primeiras escritoras a abordar temas considerados tabus, como a sexualidade feminina, e seu estilo literário inovador e experimental foi fundamental para o desenvolvimento da literatura escrita por mulheres no país. Além disso, ela também contribuiu para a desconstrução de estereótipos e preconceitos relacionados às mulheres na sociedade brasileira, abrindo caminho para a valorização e reconhecimento da literatura produzida por mulheres e inaugurando a ocupação de um novo espaço no universo feminino.

[...] ela não tem coragem de desagradar, também como escritora. [...] a mulher ainda se acha espantada e lisonjeada por ser admitida no mundo do pensamento, da arte, que é um mundo masculino: nele mantém-se bem comportada; não ousa perturbar, explorar, explodir; parece-lhe que deve fazer com que perdoem suas pretensões literárias com sua modéstia, seu bom gosto; aposta nos valores seguros do conformismo; introduz na literatura somente essa nota pessoal que se espera dela: lembra que é mulher com alguma graça, alguns requebros e preciosismos bem escolhidos; assim é que sobressairá redigindo best-sellers; mas não se deve contar com ela para se aventurar por caminhos inéditos (BEAUVOIR, 1980, p. 476).

A obra de Clarice Lispector aparece como uma alternativa à hegemonia social, e muitas vezes, engajada, da produção estética que predominava a época. Clarice surge como escritora capaz de entender a alma humana e suas singularidades.

Assim ela se coloca no cenário literário brasileiro se apresentando diretamente em torno das relações de gênero que trazem à tona as diferenças sociais entre os gêneros, as quais

cerceiam quaisquer possibilidades de a mulher atingir a sua plenitude existencial, nas palavras de Foucault, uma estética de si. Estamos, portanto, diante de uma escritora que inaugura uma nova fase da trajetória de literatura brasileira de autoria feminina no Brasil, marcada pelo protesto e pela ruptura em relação aos valores dominantes, ou seja, uma escrita de fundo feminista.

Um dia desses tive um ódio muito forte, coisa que eu nunca me permiti; era mais uma necessidade de ódio. Então escrevi um conto chamado “O búfalo”, tão, tão forte, que, por experiência, fui ler para Mafalda, Armando Pires (um rapaz que mora aqui e trabalhava na União Pan-Americana) e para Maury, e eles sentiram até um mal-estar. O rapaz disse que o conto todo parece feito de entranhas... Maury, é claro, não gostou: assustou-se com a violência. É a história de uma mulher que vai ao Jardim Zoológico para aprender com os bichos como odiar. Mas é primavera e os animais estão mansos, mesmo o leão lambe a testa da leoa. Essa mulher, que só aprendeu a perdoar e a se resignar a amar, precisa pelo menos uma vez tocar no ódio de que é feito o seu perdão. Entende-se que ninguém tem culpa: ela está tentando odiar um homem cujo “único crime impune” é não amá-la. Na verdade, por mais irracional que fosse, ela o odiava, só que não conseguia sentir em cheio o próprio ódio. Depois é que vem o búfalo. Mas estou vendo que estou matando a história, contando-a desse jeito. Um dia vocês verão (LISPECTOR, 2007, p. 269-270).

Assim, partindo da ideia de que, nessa nova fase de produção da literatura as escritoras e por consequência suas leitoras, começaram a se permitir a questionar os modelos femininos de submissão e restrição herdados da sociedade patriarcal, bem como, passaram a representar essas angústias em suas obras e escritas de si.

Importante compreender quais são os principais discursos simbólicos do sistema representacional do patriarcado que operam nessa narrativa como mecanismos de opressão feminina, quais gatilhos limitadores das ações femininas apresentados por Clarice e que até hoje estão presentes nas realidades de mulheres.

A escritora brasileira Clarice Lispector é conhecida por sua obra literária que aborda temas como a condição feminina, a subjetividade e a existência. Em sua obra, a figura da mulher é frequentemente retratada como uma personagem complexa, questionadora e empoderada.

Lispector escreveu sobre mulheres que buscam sua própria identidade e independência, desafiando as normas sociais de gênero e questionando sua posição na sociedade. Em suas histórias, as personagens femininas são descritas como seres que buscam sua própria verdade e questionam as expectativas impostas sobre elas. Essas personagens são vistas como indivíduos completos e não como objetos, e suas jornadas internas são tão importantes quanto as externas.

O lugar da mulher na ordem social e cultural, a identidade feminina, as relações entre o poder-saber e as posições de sexo e gênero figuram entre os

principais temas de Lispector. Estes temas já estão presentes nos primeiros contos da década de 40 do século XX e se estendem até as últimas obras (FRANCO-JÚNIOR, 2011, p. 99)

Além disso, a obra de Lispector também apresenta uma crítica às normas sociais de gênero e às estruturas de poder que perpetuam a desigualdade de gênero. Suas personagens femininas são retratadas como seres que questionam as expectativas impostas sobre elas e buscam sua própria verdade e independência, desafiando as normas sociais de gênero e questionando sua posição na sociedade.

Em razão de toda estrutura social imposta as mulheres que se ousavam produzir literaturas, estas, eram obrigadas a se impor e a romper com as barreiras estereotipadas que as confinavam a certas ocupações dentro da sociedade, tais como, as de mãe, esposa e dona de casa. Neste cenário, as mulheres que apresentavam alguma propensão para o trabalho voltado para as artes, principalmente na escrita, e na música, tinham que percorrer um caminho mais árduo que os homens, pois eram instadas a dar, mesmo que indiretamente explicações à sociedade relativas ao seu desejo de compor trabalhos artísticos. Ao oposto do homem, para quem os dons e ofícios já são situações postas e naturalizadas.

As mulheres precisavam buscar sua identidade e reafirmar sua individualidade na escrita e, portanto, havia uma tendência de temas em suas narrativas: sua própria condição de mulher. Neste contexto a obra de Clarice Lispector atua exatamente no sentido de propor essas provocações acerca do feminino, seus desafios, desejos e frustrações, exercendo para si e estimulando para as “outras” (leitoras mulheres) uma prática intensa de “escrileitura”, como veremos em capítulo adiante.

Clarice percorre sua obra problematizando o papel social da mulher e suas personagens femininas costumam demonstrar uma insatisfação e incompletude latentes, favorecendo debates profundos sobre os desejos femininos e as amarras sociais que os limitam e/ou dificultam realização.

Em uma das personagens do conto “A imitação da rosa”, presente em *Laços de Família* (1977), para a personagem Laura, a condição de mulher casada sem filhos coloca a personagem em crise e, ao mesmo tempo, faz com que ela represente um desvio, pois, em nossa sociedade, em que o casamento para a mulher é a regra, a impossibilidade de gerar filhos, o não exercício da maternidade, se constitui numa espécie de desvio. Neste texto, Laura, detentora de um útero infrutífero, ficou fadada a encontrar nas limitações do espaço doméstico, no qual se encontrava encerrada, um mecanismo de resistência viável para suportar o peso de não ter sido capaz de realizar o seu potencial criador, cumprindo, assim, seu destino de mulher.

A personagem Laura adotou o mecanismo da insanidade para resistir à experiência de representar cotidianamente uma fissura na ordem do sistema patriarcal. Ainda, seguindo a perspectiva foucaultiana, Tânia Navarro Swain (2007) considera que, no decorrer dos anos os estudos feministas e os movimentos das mulheres, bem como a literatura de autoria feminina atuou para a criação de espaços diversos, práticas e teorias que atuem na representação de gênero, na medida da crítica à produção e reprodução do sistema sexo/gênero por meio das instituições sociais. Pensando assim, Clarice Lispector em sua produção literária, não só explora o espaço heterotópico como estratégia literária, mas também trabalha por meio dos seus textos para a criação desses espaços outros.

Clarice Lispector, embora nunca tenha se declarado como uma escritora engajada nas demandas feministas, problematiza em vários momentos questão da maternidade antes mesmo de as primeiras pensadoras feministas, a exemplo de Simone de Beauvoir, terem questionado, discutido e desmistificado o desejo de maternidade e o amor materno como essência do feminino. O tratamento que ela oferece à situação contraditória e ambígua das suas personagens femininas e masculinas, que vivem em estado de simultâneo aprisionamento e rebelião, numa sociedade de bases patriarcais (HELENA, 1997, p. 27).

Percebe-se que nas narrativas de Clarice, a presença da força feminina surge nos contos nas passagens em que as personagens femininas vislumbram a possibilidade de fazer escolhas e atribuir um sentido às próprias vidas, escapando da solidão que as afeta nas relações conjugais. Esses aspectos são traços que, desde os primeiros escritos, marcam as obras de Lispector. Em 1940, por exemplo, a autora escreve o conto “A fuga”, publicado postumamente na coletânea *A bela e a fera* (1999), em que conta o drama vivido por Elvira, uma mulher casada que questiona o peso de uma relação conjugal estagnada, onde: “Doze anos pesam como quilos de chumbo e os dias se fecham em torno do corpo da gente e apertam cada vez mais. Volto para casa” (LISPECTOR, 1999, p. 73), bem como, o sentido da própria vida. “Eu era uma mulher casada. Agora sou uma mulher” (LISPECTOR, 1999, p. 71). Neste texto, o casamento se mostra como um grande erro que conduz as mulheres aos contratos conjugais em nome da estabilidade e do bem-estar, mas acabam aprisionando-as e anulando-as enquanto sujeitos autônomos, capazes de gerir a própria vida.

Desde seu primeiro romance “Perto do coração selvagem” (Lispector, 1944/1998), passando pelos inúmeros contos e suas obras mais conhecidas “A paixão segundo G.H.” (Lispector, 1964/1998), “Água-viva” (Lispector, 1973/1998) e “A hora da estrela” (Lispector, 1977/1988), Clarice marcou época e deixou na literatura brasileira (quicá universal) um rastro indelével.

As mulheres, em Clarice Lispector, parecem recuar diante do horror da maternidade, horror marcado pela carne viva, pelo orgânico, pelo que do real é refratário ao simbólico. Elas não são essencialmente mães, como pode ser o caso, por exemplo, em Marguerite Duras, cuja obra é abundante em figuras maternas, sejam elas amáveis e dedicadas aos seus filhos até o esquecimento de si mesmas. Não que as mães estejam ausentes de seu universo, mas a maternidade aparece, na obra de Clarice, de modo particular: as mulheres são, em sua maioria, estéreis, praticante de abortos, incapazes de serem mães. A maternidade é frequentemente ligada ao mundo orgânico, à matéria viva.

Clarice escreve como mulher. Não da mulher, nem sobre a mulher, mesmo que também o faça. Para além do conteúdo de seu trabalho, seu estilo é feminino. Lembremos aqui essa diferença, ressaltada por uma das principais estudiosas de nossa autora, a crítica literária e feminista Hélène Cixous (1989).

O feminino é o que Cixous descreve como excessivo, como desestabilizador (SHIACH, 1997). Essa desestabilização da linguagem tem na obra de Lispector um lugar de excelência. O estilo feminino da autora se expressa em “uma poética que comunica a experiência das mulheres” (SHIACH, 1997, p. 214). Com mestria, a escritora circula por personagens de ambos os sexos, adentrando na alma de homens e mulheres com igual naturalidade.

Novamente fica claro que Clarice Lispector, ao elaborar suas personagens femininas que agem em enfrentamento as instâncias críticas aos diversos discursos simbólicos do sistema representacional do patriarcado, sobretudo àqueles intrinsecamente relacionados à instituição familiar e ao contrato conjugal, também trabalha para que a sua produção literária funcione como um espaço outro, heterotópico, que serve, principalmente, para questionar discursos hegemônicos, desestabilizar as noções conservadoras de sexo/gênero e abrir caminho para novas formas de representação, que não só interrogam esse sistema de base patriarcal, mas agem para desestabilizá-lo.

Dentre tantas aberturas possíveis que sua obra inaugura, é impossível não se perceber o modo como a autora lida com temáticas delicadas, difíceis e de resistente da articulação no contexto da feminilidade. O que uma mãe transmite a seus filhos? O que uma mulher transmite, enquanto mulher, à cultura? Quais discursos impositivos e limitadores estão sendo consciente e inconscientemente apresentados pela sociedade? A quem eles servem? Questões, evidentemente, demasiado amplas, e talvez sem resposta pronta e imediata.

O casamento e a maternidade ainda habitam o imaginário social como condições para que as mulheres se sintam completas, felizes e realizadas, desconsiderando uma série de opções e desejos íntimos e pessoais. Nesse contexto, cabia e ainda cabe às mulheres que não podem,

ou simplesmente não querem ter filhos, o peso do estigma de fugirem ao seu destino biológico e a perda de sua inteligibilidade social. Como a cobrança social é ainda maior em relação àquelas que são casadas, essas mulheres que são impossibilitadas de gerar filhos sofrem com o sentimento de angústia, com a culpabilidade, com o sentimento de inferioridade e com a vergonha, sentidos usados no processo de assujeitamento das mulheres devido ao fato de não terem sido capazes de dar um filho aos maridos.

Clarice nos apresenta elos entre a figuração literária do sujeito inscrito no feminino e seu campo mais amplo das práticas sociais e institucionalizadas. Em sua obra, ela dá a conhecer que entende a literatura como uma forma de produção de sentido, na qual a construção de identidades não é uma mera forma de reproduzir as desigualdades sociais. Ela compreende que tais identidades repousam sobre relações culturais intersubjetivas e sobre quadros ideológicos de referência, apresentando as suas personagens como representação mais ou menos verdadeira de uma realidade feminina datada e externa ao texto (HELENA, 1997).

Outros estudos sobre as obras de Clarice Lispector apontam para o fato de as suas personagens tenderem a recorrer a diferentes estratégias, como, por exemplo, a acomodação, a loucura, a morte, para resistir aos mecanismos de opressão do sistema sexo/gênero, caracterizados nessas narrativas por diferentes dispositivos discursivos, como a ideia de amor romântico e o dispositivo da escolha, no caso de Ana, ou a maternidade obrigatória, no caso de Laura personagem acima mencionada. Laura junto das demais personagens cunhadas por Clarice: Anas, Elviras, Joanas, Lóris, atuam como instâncias críticas a diversos discursos simbólicos do sistema representacional do patriarcado, dispositivo da escolha, ideal de amor romântico e, aos sentidos sociais atrelados à maternidade, fatores estes que são responsáveis por tornar, sobretudo, o casamento um lugar de aprisionamento e de anulação do sujeito feminino e limitador de que elas pudessem exercer suas potências em outras esferas sociais, como no mundo corporativo, por exemplo.

A importância de Clarice Lispector como representação da mulher empoderada reside no fato de que sua obra oferece uma representação diferente e mais complexa da figura feminina do que a encontrada na maioria das obras literárias da época. Suas personagens femininas são retratadas como seres completos, com pensamentos e emoções complexas, e não apenas como objetos de desejo ou como meras acompanhantes dos personagens masculinos. Além disso, sua obra também oferece uma crítica às normas sociais de gênero e às estruturas de poder que perpetuam a desigualdade de gênero.

Toda sua obra oferece uma representação complexa e empoderada da figura feminina, retratando mulheres que buscam sua própria identidade e independência, desafiando as normas sociais de gênero e questionando sua posição na sociedade.

Isto posto, a produção literária feminina atua de forma essencialmente engajada na tentativa de dilacerar os discursos tradicionais em torno da mulher, colaborando para sua reversão. Interferindo na ordem social, seus conceitos operatórios envolvem a questão do gênero e estão profundamente implicados no descortinar de um novo posicionamento, visando “[...] despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades” (ZOLIN, 2009b, p. 218). Clarice nos permite observar o potencial de mulheres corajosas, passionais e desejosas de uma ética de si, estimulando condutas e promovendo provocações para que possam ocupar espaços diversos em aderência a sua própria verdade e motivação. Escrever, nos ensina Clarice, é profundamente feminino. Ler Clarice também o é.

4.3 Mulheres protagonistas e líderes. Muito além da “dona de casa”

As mulheres têm ocupado cada vez mais posições de liderança e protagonismo em grandes empresas, contudo, ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar a paridade de gênero na gestão dessas organizações. De acordo com dados da OCDE, apenas 29% das posições de liderança nas grandes empresas são ocupadas por mulheres. Esse número é ainda menor quando se considera apenas as posições de CEO, onde apenas 7% são ocupadas por mulheres.

Essa desproporção de gênero na liderança tem sido objeto de estudo de diversas disciplinas, incluindo a Economia e a Sociologia. Alguns estudos sugerem que a falta de representatividade feminina na liderança é resultado de barreiras institucionais e estruturais, tais como discriminação de gênero, falta de políticas de igualdade de gênero e falta de modelos de liderança feminina. Outros estudos apontam para fatores culturais e individuais, tais como estereótipos de gênero e auto-seleção de gênero.

O empreendedorismo feminino tem crescido nos últimos anos, mas as mulheres ainda enfrentam desafios significativos para criar e manter seus negócios. De acordo com dados da OCDE, as mulheres são menos propensas do que os homens a empreender e, quando o fazem, enfrentam dificuldades adicionais para obter financiamento e apoio.

A análise das características das mulheres empreendedoras revela que elas são, em geral, indivíduos com grande capacidade de liderança e com forte senso de responsabilidade social. Isso as torna capazes de enfrentar desafios e

superar obstáculos em um ambiente de negócios altamente competitivo (GOMES Et AL, 2005, p. 13).

A liderança feminina tem sido associada a vários aspectos positivos, incluindo aumento da inovação, melhoria da governança e melhoria da satisfação dos funcionários. Além disso, as mulheres líderes tendem a adotar estilos de liderança mais colaborativos e participativos, o que pode levar a um ambiente de trabalho mais positivo e motivado.

O empreendedorismo feminino tem se mostrado cada vez mais relevante no cenário econômico brasileiro, sendo que as mulheres têm se destacado na criação de novos negócios e na inovação em setores tradicionalmente dominados por homens. Isso tem permitido a ampliação da participação das mulheres na economia e aumentado a representatividade delas na sociedade (LIMA, 2016, p. 4).

A autonomia e emancipação feminina tem sido um tema recorrente na Economia e na Sociologia Política. A autonomia econômica das mulheres tem sido associada a uma série de benefícios, incluindo melhoria da saúde e bem-estar, melhoria da educação das crianças, e melhoria da segurança financeira da família. Além disso, a autonomia econômica tem sido vista como uma ferramenta importante para a promoção da igualdade de gênero e para o empoderamento das mulheres.

No entanto, é importante destacar que a inclusão de mulheres na liderança não deve ser vista como um objetivo em si mesmo, mas sim como parte de um processo mais amplo de igualdade de gênero e de inclusão social. É importante lembrar que a liderança feminina não garante automaticamente políticas e práticas inclusivas e que as mulheres líderes também podem reproduzir desigualdades de gênero e outras formas de exclusão.

Além disso, é preciso levar em conta que a autonomia e emancipação feminina não podem ser alcançadas apenas através da inclusão de mulheres na liderança, mas também através de políticas e práticas que promovam a igualdade de gênero em todas as esferas da vida. Isso inclui políticas de licença-maternidade e paternidade, cuidado infantil acessível, igualdade salarial, entre outras. Assim, o processo de emancipação feminina tem sido um tema recorrente na Economia e na Sociologia Política, e é importante levar em conta que isto deve ser visto como um processo “micro” que parte de um processo mais amplo “macro” de igualdade de gênero e inclusão social.

O conceito de "dona de casa" tem sido questionado dentro desse movimento, pois é visto como uma forma de opressão que limita as escolhas e as oportunidades das mulheres. A ideia de que as mulheres devem se dedicar exclusivamente ao cuidado da família e da casa é

considerada como uma forma de discriminação e desvalorização do trabalho doméstico e do trabalho realizado por mulheres.

Além disso, Clarice Lispector foi reconhecida por sua contribuição para a valorização do trabalho doméstico e do trabalho das mulheres. Suas obras mostram a importância e o valor desses trabalhos, que são frequentemente desvalorizados e invisibilizados na sociedade. Sua obra pode ser vista como um exemplo de como a literatura pode contribuir para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento feminino, tendo sido inspiração para as leitoras.

Nas décadas de 1960 e 1970, houve uma série de conquistas importantes para as mulheres. No Brasil, a Constituição de 1967 garantiu o direito à igualdade de salário entre homens e mulheres, e a Lei de Cotas de 1971 assegurou a reserva de vagas para mulheres em concursos públicos. Além disso, a criação do Instituto Nacional da Mulher (INAM) em 1979, foi um passo importante para promover a igualdade de gênero no país.

No mundo, também houve avanços significativos para as mulheres nos negócios. Em 1963, a Equal Pay Act foi aprovada nos Estados Unidos, garantindo o direito à igualdade salarial entre homens e mulheres. Em 1970, a Lei dos Direitos Civis foi modificada para incluir a discriminação de gênero. Em 1975, a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres foi adotada pela ONU, o que foi um passo importante para promover a igualdade de gênero a nível mundial.

É preciso reconhecer que, mesmo com esses avanços, ainda há muito a ser feito para garantir a igualdade de gênero nos negócios. Ainda há uma grande desigualdade salarial entre homens e mulheres, e as mulheres ainda enfrentam barreiras significativas para o acesso a posições de liderança e ao financiamento para seus negócios. É importante continuar lutando por essas mudanças, pois elas são fundamentais para o desenvolvimento econômico e social sustentável (SANDBERG, 2013, p. 44).

Essas conquistas foram fundamentais para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres nos negócios pois permitiram que as mulheres tivessem mais oportunidades e acesso ao mercado de trabalho, além de garantir a igualdade salarial e acesso a cargos públicos. No entanto, é importante ressaltar que ainda há um longo caminho a ser percorrido para alcançar a paridade de gênero no mercado de trabalho e na sociedade em seus múltiplos cenários de existência.

5 – CUIDADO DE SI, “ESCRILEITURA”, E FORMAÇÃO DO SUJEITO

5.1 Poder, estética da existência e verdade

Para Michel Foucault o poder é uma força presente em todas as relações sociais e que não pode ser entendido como algo que possa ser possuído ou transferido por indivíduos ou instituições específicas. Em vez disso, o poder é difuso e se manifesta através de práticas discursivas e comportamentais que são internalizadas e reproduzidas pela sociedade.

A estética da existência também é importante para compreender a relação entre poder e indivíduo. Como Foucault argumenta, a estética da existência se refere a como os indivíduos se relacionam com eles mesmos e com o mundo ao seu redor. Isso inclui não apenas a forma como se relacionam com o mundo externo e as regras a ele inerentes, jogos de poder e imposições culturais, mas também como se relacionam consigo mesmos através de práticas de autocuidado.

O cuidado de si é um conceito fundamental na compreensão da formação do sujeito. Como Michel Foucault argumentou, o indivíduo não é apenas uma entidade passiva que é moldada pelas forças externas da sociedade, mas também é ativo na construção de si mesmo através de práticas de autocuidado. Essas práticas de autocuidado não apenas afetam a forma como o indivíduo se relaciona consigo mesmo, mas também como se relaciona com o mundo ao seu redor.

O cuidado de si é uma forma de resistir às normas e expectativas impostas pela sociedade e reivindicar a própria existência. Isso inclui não apenas cuidados físicos, mas também cuidados mentais e emocionais. Por exemplo, o indivíduo pode praticar o autocontrole emocional através da meditação ou da prática de terapias, a fim de lidar com as pressões e exigências da sociedade. Além disso, o cuidado de si também pode incluir a tomada de decisões informadas sobre a saúde, como a escolha de alimentação saudável e exercícios regulares.

Essas práticas de autocuidado não apenas afetam a forma como o indivíduo se relaciona consigo mesmo, mas também como se relaciona com o mundo ao seu redor. Ao se cuidar, o indivíduo pode resistir às normas e expectativas impostas pela sociedade e reivindicar sua própria existência. Isso pode incluir a rejeição de papéis sociais impostos, como a ideia de que as mulheres devem se dedicar exclusivamente ao cuidado da casa e dos filhos, ou a negação de estereótipos de gênero e orientação sexual.

Além disso, o cuidado de si também pode ser visto como uma forma de resistir às verdades impostas pela sociedade. A verdade é uma força poderosa na sociedade, e como Foucault argumentou, a verdade é produzida e mantida pelo poder. Ao se cuidar, o indivíduo

pode desafiar as verdades impostas e buscar verdades alternativas, reivindicando sua própria verdade e existência.

O autocuidado é uma forma importante de resistir ao poder opressivo e às verdades impostas pela sociedade. Ao se cuidar, os indivíduos podem reivindicar sua própria existência e resistir às normas e expectativas impostas pela sociedade. As verdades impostas pela sociedade são usadas para controlar e domesticar os indivíduos, e é importante desafiar essas verdades e buscar verdades alternativas. Ao se cuidar e resistir às verdades impostas pela sociedade, os indivíduos podem reivindicar sua própria verdade e existência.

É através da compreensão dessas nuances do poder, estética da existência, autocuidado e verdade que os indivíduos podem resistir e se libertar das forças opressivas da sociedade moldando-se em aderência a sua própria verdade e liberdade de experienciar a vida e suas oportunidades. E, a escrita, como veremos a seguir pode ser um instrumento para se atingir tal objetivo.

5.2 Escrita como ferramenta para o cuidado de si

A leitura e escrita são ferramentas fundamentais para a formação do sujeito, pois permitem que os indivíduos construam sua própria compreensão do mundo e de si mesmos. A leitura, por exemplo, permite que os indivíduos explorem diferentes perspectivas e ideias, desafiando as verdades impostas pela sociedade e buscando verdades alternativas. A escrita, por sua vez, permite que os indivíduos expressem suas próprias verdades e existências, reivindicando sua própria voz e autonomia. A esse processo de leitura e escrita com presença e busca de conhecimento e reconhecimento, chamamos neste trabalho de “escrita” (MOMESSO, 2020, sp.).

Os processos de leitura e escrita (entendidas como qualquer forma de expressar-se e interpretar por meio de signos verbais e não verbais, ou por meio de práticas mais complexas como as discursivas e não discursivas), os quais transformam-se em tecnologias, dispositivos fulcrais que ajudam a tecer a vida, nossos modos de existir, ser, sentir, agir e compreender a si e ao mundo que nos rodeia. O indivíduo que não compreende os meandros das práticas de “escrita” da vida, dos modos de existir e de se constituir enquanto sujeito na relação com os outros, é um ser fragilizado, suscetível aos jogos de verdade, é alguém que tem a ilusão de ser dono de si, de seu discurso e de condução de sua vida, quando ao contrário é um indivíduo frágil que pode ser conduzido pela ignorância, pela reprodução de determinados discursos, é alguém sem liberdade, com a ilusão de ser livre.

Assim sendo a “escrileitura” é ferramenta importante para o autocuidado emocional e intelectual. A leitura e escrita também podem ser vistas como práticas discursivas que são internalizadas e reproduzidas pela sociedade. A linguística, como disciplina, tem mostrado como a linguagem está intrinsecamente ligada ao poder e como as estruturas linguísticas e as normas sociais são utilizadas para perpetuar as desigualdades de poder.

Assim, ao se dedicar à leitura e escrita regularmente, os indivíduos podem desenvolver sua capacidade crítica e analítica, bem como resistir às normas linguísticas e sociais impostas e reivindicar sua própria existência e verdade.

A leitura pode ser vista como uma forma de cuidado de si, pois permite que o indivíduo explore suas próprias perspectivas, emoções e pensamentos, bem como amplie sua compreensão do mundo ao seu redor. Através da leitura, o indivíduo pode desafiar as verdades impostas pela sociedade e buscar verdades alternativas, reivindicando sua própria verdade e existência. Na Revista Marie Claire:

Uma levanta a outra. Fundado em 2016 por Rijarda Aristóteles, uma cearense que nunca colocou limites em suas aspirações, o Clube Mulheres de Negócios de Portugal se alimenta da premissa de que mulheres podem e devem apoiar umas às outras, trabalhar juntas, fechar parcerias e investir em negócios criados por outras mulheres. Marie Claire viajou até Portugal para acompanhar o primeiro encontro presencial desde a pandemia do grupo que une empresárias de quatro continentes através da língua portuguesa (CORTÊZ, 2022, sp.).

A leitura também pode ser uma forma de autocuidado emocional, pois permite que o indivíduo explore suas próprias emoções e sentimentos através da imersão em histórias e personagens fictícios. Isso pode ajudar a aliviar o estresse e a ansiedade, bem como aumentar a compreensão e a empatia em relação a outras pessoas e situações.

Caso relevante que tomou as notícias neste início de 2023 é a renúncia da primeira-ministra da Nova Zelândia, Jacinda Ardern, por motivos de Burnout, sobre isso a Revista Forbes publicou:

Porque a decisão de Jacinda Ardern faz tanto sentido para as mulheres. Pesquisa indica que 53% das mulheres estão com seus níveis de estresse maiores do que há um ano (KING, 2022, sp.).

Entrevistei Jacinda Ardern quando ela assumiu o cargo de primeira-ministra da Nova Zelândia. Na época, Ardern era a líder mais jovem do mundo (tendo assumido o cargo aos 37 anos) e uma inspiração para muitas mulheres. Apesar de sua idade, Ardern não era ingênua sobre as dificuldades que enfrentaria para integrar trabalho e vida doméstica. A primeira-ministra acredita que o desafio mais significativo que as mulheres encontram em suas carreiras é a expectativa constante de ter que fazer mais em todos os aspectos da vida. “Ser

uma irmã melhor, uma filha melhor, uma parceira melhor, melhor em nosso trabalho, melhor em cuidar – tudo. Acho que carregamos tanta expectativa e culpa. É difícil saber como equilibrar isso, diz Jacinda Arden. (KING, 2022, sp.).

Além disso, também pode ser uma forma de autocuidado intelectual e educação com capacitação técnica, pois permite que o indivíduo amplie seu conhecimento e compreensão sobre diferentes assuntos e temas. Isso pode incluir desde a literatura clássica, a livros técnicos e científicos. Isso pode ajudar a desenvolver habilidades críticas e analíticas, bem como aumentar a capacidade de comunicação e resolução de problemas.

"Hoje, nós temos a responsabilidade de acreditar que somos capazes. Dados mostram que mulheres precisam estar 100% prontas para aplicar para vagas, enquanto homens podem ter apenas 60% dos requisitos", disse Rachel Maia durante o painel. "Então, antes de gerar a oportunidade em nível corporativo, é preciso trabalhar o aspecto do indivíduo. Afinal, se houver a oportunidade e não tiver quem preencher? O mundo corporativo é feito por CPFs. Então, nós, individualmente, temos de ser protagonistas dessa revolução", continuou. (REVISTA EXAME, 2022).

No contexto da emancipação feminina e dos movimentos feministas das décadas de 60 e 70, é interessante observar o interesse crescente das mulheres por literaturas inspiradoras, autoajuda, cuidados estéticos, revistas femininas e romances.

Esses tipos de textos, muitas vezes considerados "fúteis" ou "superficiais" pela sociedade, foram fundamentais para a emancipação feminina, pois permitiram que as mulheres explorassem sua própria existência e verdade, além de fornecer ferramentas para o autocuidado e a resistência a normas e expectativas impostas pela sociedade.

Por exemplo, a literatura inspiradora e de autoajuda permitiu que as mulheres explorassem sua própria força e potencial, desafiando a ideia de que as mulheres eram fracas e dependentes. Os cuidados estéticos, por sua vez, permitiram que as mulheres reivindicassem seu direito à beleza e à expressão de sua própria existência, além de ganhos financeiros com esse mercado.

“Nunca pensei em fazer outra coisa”, afirma a influenciadora e empreendedora de beleza Mari Maria, dona da marca Mari Maria Makeup, ao falar sobre sua trajetória profissional à Forbes. No final de 2022 ela foi considerada uma das influenciadoras de beleza mais bem pagas do mundo pela lista da plataforma britânica Cosmetify. A única brasileira a figurar no ranking – acima de famosos nomes do ramo, como Boca Rosa (Bianca Andrade) e Bruna Tavares – lança a sua nova linha de maquiagens, Ginger Glow, na próxima segunda-feira (23) com expectativa de repetir o sucesso de seus produtos anteriores (GUIDO, 2023, sp.).

As revistas femininas e romances também foram fundamentais na emancipação feminina, pois permitiram que as mulheres explorassem suas próprias desejos e emoções, desafiando a ideia de que as mulheres não tinham desejos sexuais ou interesses românticos. Além disso, esses textos também forneceram e ainda fornecem exemplos de mulheres fortes e independentes, desafiando a representação tradicional da mulher como submissa e dependente. Nas revistas as personagens são reais, conhecidas por outros veículos de comunicação (artistas de TV, celebridades, entrevistador e entrevistado) e atualmente também estão nas redes sociais, ou seja, estão mais próximos do público leitor que busca sempre por referências, inspirações, modelos sociais de personas. Um processo de elaboração de personalidade e identidade que é muito comum e particular.

A maternidade pode ser um dos momentos mais lindos e desafiadores da vida da mulher. Junto com ela vem os sonhos, os planos, a expectativa do futuro e, também, as marcas no corpo causadas pela gestação, como estrias, celulites, ganho de peso e a cicatriz gerada pela cesariana. Para desmistificar o tabu em torno dessas mudanças, Vogue Brasil conversou sobre o tema com Ju Ferraz, nossa colunista de Wellness. Mãe de Matheus, de 17 anos, ela engravidou ainda muito nova e, na época, não pôde escolher se o parto seria normal ou cesariana. Aqui, ela compartilha sua experiência. [...] "Engraçado falar em cicatriz quase 18 anos depois do nascimento de Matheus. Lembro que era uma menina na época. Costumo dizer que aprendi a ser mãe dele, e ele aprendeu a ser o meu filho. Éramos duas crianças juntas e eu não tive muito tempo para escolher se o parto seria natural ou cesariana (GARDESANI, 2022, sp.).

É importante destacar que esses conteúdos virtuais direcionados para mulheres são também uma grande fonte de renda para as empresas de mídia, já que o mercado de editoriais e marketing voltado para esse público é significativo e em constante crescimento. Essas empresas exploram a demanda do público feminino por conteúdo relacionado à autoestima, moda, beleza, comportamento, relacionamentos, carreira e desenvolvimento pessoal e profissional, oferecendo um amplo leque de opções para seus consumidores, como se pode observar nos dois trechos a seguir retirados de uma mesma revista, publicada no mesmo mês:

Ana Luiza considera que essa é uma prática que vem se naturalizando. “As pessoas ainda sentem vergonha de vender as próprias roupas. Mais do que vergonha, é uma espécie de culpa por vender em vez de doar. Mas a realidade é que sempre tem aquelas roupas que nem são doadas nem vestidas, ficam se acumulando no armário. Essas são as peças que geralmente são vendidas. Quem tem o hábito de doar não vai deixar de fazer isso”, argumenta. Há relatos e documentos históricos que mostram que já no século 17 havia um mercado aquecido de compra e venda de peças usadas em Veneza e Londres, inclusive de famílias nobres. Nos anos 1980 e 1990, as visitas aos brechós tornaram-se mais populares. A moda circular é uma postura contra o impacto da indústria têxtil, a segunda mais poluente.

Atualmente, nem o segmento de luxo escapa dessa tendência de mercado, pelo contrário. Segundo outro estudo realizado pela BCG, a compra e venda de itens luxuosos de segunda mão alcançou 36 bilhões de dólares no mundo, cerca de 9% do mercado desse setor. O crescimento é puxado pelas vendas online, responsáveis por 25% do total, sendo os millenials e a Geração Z os maiores consumidores. “A experiência de compra de itens usados na internet é tão similar àquela de comprar uma peça nova que esse consumo mais sustentável vai se consolidando de forma orgânica”, comenta Ana Luiza. (OLIVEIRA, 2022, sp.).

Se o devaneio é verdade ou não, não podemos dizer. Mas o fato é que boa parte da população ainda sofre com um ideal de relacionamento amoroso como única possibilidade de felicidade. E isso não é culpa nossa. A psicanalista Ana Suy, autora do livro “A Gente Mira no Amor e Acerta na Solidão” (Editora Paidós), defende que os primeiros fatores estão atrelados à reprodução e à economia. “Faz pouquíssimo tempo que separamos a maternidade da feminilidade. Agora, as mulheres podem ter sexo para se divertir, e não apenas procriar. Mesmo assim, essa necessidade do relacionamento em prol da reprodução ainda marca a maioria de nós, graças aos ideais familiares que nos atravessam diariamente.”

Para ela, as raízes econômicas vêm logo em seguida, já que, historicamente, o casamento não surgiu para sermos felizes e, sim, como uma negociação entre famílias. “Nunca foi sobre estar satisfeito. Essa ideia delirante da relação como fonte exclusiva de felicidade é bem moderna. É nela que juntamos as nossas expectativas e depositamos no outro. Queremos que o próximo seja parceiro, conselheiro, acolhedor, verdadeiro, nos dê filhos, divida as contas. E por mais que seja inalcançável, continuamos a insistir na ideia”. (ADOLFO, 2022, sp.).

Através do compartilhamento de histórias e experiências de outras mulheres, esses conteúdos permitem que as leitoras se identifiquem e se inspirem, desenvolvendo uma maior confiança e autoconhecimento. Esses conteúdos também oferecem dicas e ferramentas para ajudar as mulheres a superar desafios e alcançar seus objetivos, seja na vida pessoal ou profissional.

Como exemplo, a revista Forbes publicou uma matéria a respeito de um livro guia direcionado para sucesso das mulheres no mercado de trabalho com a seguinte chamada:

5 conselhos de carreira de mulheres bem-sucedidas. Selecionamos algumas das melhores dicas vindas de um livro que reúne 180 conselhos de mulheres incríveis (BROWNLEE, 2023, sp.).

O livro "The Epic Mentor Guide: Insider Advice for Girls Eyeing the Workforce" de 180 Boss Women Who Know é uma obra que se propõe a fornecer orientações e conselhos valiosos para jovens mulheres que buscam ingressar no mercado de trabalho. A obra apresenta contribuições de 180 mulheres bem-sucedidas, que atuam em diferentes áreas profissionais e compartilham suas experiências e estratégias de sucesso. O livro abrange temas variados, desde a preparação para as Olimpíadas até a escolha de trajes para o ambiente de trabalho, e tem como

objetivo fornecer informações práticas para ajudar as leitoras a alcançar seus objetivos profissionais.

As revistas femininas e conteúdos virtuais direcionados para mulheres também têm um papel importante na promoção de causas sociais e filantrópicas. Muitas vezes, esses conteúdos destacam as histórias de mulheres empreendedoras e líderes empresariais que estão engajadas em causas sociais e filantrópicas, inspirando outras mulheres a seguir o mesmo exemplo e a contribuir para a comunidade.

Temos exemplos atuais de mulheres que alcançaram projeção e reconhecimento por seus trabalhos no universo corporativo com desdobramento positivo à sociedade local e ao estímulo à Educação, a Tecnologia e a Inovação.

Marillyn Hewson – CEO da Lockheed Martin, uma das maiores empresas de defesa e tecnologia aeroespacial do mundo. Ela é a primeira mulher a ocupar o cargo de CEO da empresa e tem mais de 30 anos de experiência na indústria aeroespacial.

Ginni Rometty – CEO da IBM, uma das maiores empresas de tecnologia do mundo. Ela é a primeira mulher a ocupar o cargo de CEO da empresa e tem mais de 30 anos de experiência na indústria de tecnologia. Diz ela:

Aprendi a aceitar desafios que nunca pensei fazer antes. Sucesso e conforto não podem coexistir (ROMETTY, 2017, sp.).

Mary Barra – CEO da General Motors, uma das maiores fabricantes de automóveis do mundo. Ela é a primeira mulher a ocupar o cargo de CEO de uma grande montadora de automóveis, desempenhando um papel de liderança na iniciativa "Mulheres nas áreas STEM", cujo objetivo é inspirar e incentivar mais meninas e mulheres a seguir carreiras nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática. Segundo ela:

Quando olhamos para as habilidades que vamos precisar e vemos os alunos que estão estudando tecnologia, engenharia e graduações tipo STEM, vemos uma lacuna entre gêneros e queremos abordar esse aspecto (NA PRÁTICA, 2017).

Luiza Helena Trajano – CEO da Magazine Luiza, uma das maiores varejistas de eletrodomésticos e eletrônicos do Brasil. Ela é a fundadora e atual CEO da empresa, e é reconhecida como uma das principais líderes empresariais do país.

Melinda Gates – Co-chair da Fundação Bill e Melinda Gates, uma das maiores organizações filantrópicas do mundo. Ela é responsável por liderar o trabalho da fundação na área de saúde e desenvolvimento global e é reconhecida como uma líder global na promoção de mudanças sociais positivas.

As mulheres CEO de grandes empresas são exemplos inspiradores de liderança e sucesso em campos tradicionalmente dominados por homens. Essas líderes têm sido responsáveis por liderar organizações de sucesso e proporcionar mudanças significativas no setor em que atuam, promovendo condições inclusivas e respeitadas no ambiente de trabalho, fornecendo capacitação e preocupando-se com políticas sustentáveis de gestão e produção.

Cota é um processo transitório para acertar uma desigualdade”. Essa é a mesma resposta que ela dá sempre que perguntada sobre sua opinião acerca de cotas para mulheres em conselhos de empresas. O Magazine Luiza procura, nesta causa, liderar pelo exemplo, sendo uma das nove empresas listadas na B3 com três mulheres no conselho (INFOMONEY, 2018).

De acordo com a perspectiva foucaultiana, as revistas e romances de gênero feminino foram fundamentais na construção das subjetividades femininas, permitindo que as mulheres explorassem seus próprios desejos e emoções, desafiando a ideia de que as mulheres não possuem desejos sexuais ou interesses românticos. Esses textos também forneceram e continuam a fornecer exemplos de mulheres fortes e independentes, desafiando a representação tradicional da mulher como submissa e dependente.

A partir dessas representações, as mulheres são convidadas a se reconhecerem em certos modelos e a se submeterem a certas normas e valores. As revistas e romances, por exemplo, propõem modelos de personagens reais, conhecidos por outros veículos de comunicação, que são apresentadas como modelos de personalidade e identidade para serem seguidos e imitados, e atualmente também estão presentes nas redes sociais, o que amplia ainda mais essa proposta. Esse processo de elaboração de personalidade e identidade é uma forma de poder que se exerce sobre o indivíduo e que se relaciona com as formas de subjetivação.

Esses textos também forneceram um espaço para discussões e reflexões sempre atualizadas em razão da periodicidade das publicações (quinzenais ou mensais), sobre temas como igualdade de gênero, violência doméstica e discriminação, contribuindo para a conscientização e o movimento feminista.

É importante notar que esses textos também foram criticados por algumas feministas por perpetuar padrões de beleza e comportamento tradicionais e reforçar a ideia de que as mulheres devem se adequar a certos padrões para serem consideradas "adequadas" ou "aceitáveis". No entanto, convém lembrar que esses textos foram uma forma importante de resistência e reivindicação de existência para muitas mulheres que não tinham acesso a outras formas de resistência ou meios de expressão.

5.3 Experiência modernas de escrita e autocuidado

A popularidade da leitura de textos na internet tem aumentado significativamente nos últimos anos, devido à facilidade de acesso e à variedade de opções disponíveis. A internet oferece uma gama de meios virtuais de leitura, tais como blogs, revistas femininas, grupos de discussão e podcasts, que permitem aos indivíduos, especialmente às mulheres, terem acesso a uma ampla gama de conteúdos e expressarem-se de forma mais livre e autônoma.

A possibilidade de acesso à leitura de textos na internet tem sido especialmente importante para as mulheres, que historicamente têm enfrentado barreiras para o acesso à educação e à informação. A internet é um meio de democratizar o acesso à informação e à educação, permitindo que as mulheres tenham acesso a conteúdo e perspectivas que possam ser difíceis de encontrar em outros meios. Além disso, os espaços virtuais, como blogs e revistas femininas, permitem que as mulheres compartilhem suas próprias verdades e histórias, desafiando as verdades impostas pela sociedade e construindo sua própria compreensão do mundo.

Além de proporcionar acesso à informação e educação, a internet também proporciona espaços seguros para o autocuidado emocional e intelectual. Os grupos de discussão e podcasts, por exemplo, permitem que as mulheres explorem suas próprias emoções e sentimentos, ampliem seu conhecimento e compreensão sobre diferentes assuntos e temas.

Atualmente, a leitura de textos nos espaços virtuais é cada vez mais comum e acessível. A internet oferece uma variedade de opções para a leitura, desde blogs, revistas femininas, até grupos de discussão e podcasts. Esses espaços têm permitido que as pessoas, especialmente as mulheres, tenham acesso a uma variedade de conteúdos e possam se expressar de forma mais livre e autônoma.

[...] O hipertexto é dinâmico, está perpetuamente em movimento. Com um ou dois cliques, obedecendo por assim dizer ao dedo e ao olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada. Ele se redobra e desdobra à vontade, muda de forma, se multiplica, se corta e se cola outra vez de outra forma. Não é apenas uma rede de microtextos, mas sim um grande metatexto de geometria variável, com gavetas, com dobras. Um parágrafo pode aparecer ou desaparecer sob uma palavra, três capítulos sob uma palavra ou parágrafo, um pequeno ensaio sob uma das palavras destes capítulos, e assim virtualmente sem fim, de fundo falso em fundo falso [...] (LÉVY, 1993, p. 40-41).

Essa facilidade de acesso a conteúdo na internet tem sido fundamental para o empoderamento feminino. As mulheres têm tido a oportunidade de se expressar livremente,

sem serem limitadas pelos estereótipos sociais e pela falta de representatividade na mídia tradicional. Além disso, esses espaços virtuais têm permitido a construção de comunidades de apoio e solidariedade entre as mulheres, o que tem sido fundamental para a promoção de uma cultura de igualdade de gênero.

A internet tem permitido que as mulheres tenham acesso a uma variedade de conteúdos e informações sobre temas relacionados ao empoderamento feminino, como direitos sexuais e reprodutivos, violência de gênero, entre outros. Isso tem sido fundamental para a construção de uma consciência crítica sobre esses temas e para a luta por mudanças sociais. Também tem possibilitado o acesso a conteúdos escritos por mulheres e minorias, que historicamente foram sub-representados na literatura tradicional. Esses espaços virtuais de escrita permitem que essas vozes sejam ouvidas e valorizadas, desafiando as verdades impostas pela sociedade e construindo sua própria compreensão do mundo.

Outra vantagem da leitura de textos na internet é a possibilidade de interação e troca de saberes entre leitoras. Através de comentários e grupos de discussão, as mulheres podem se conectar e se apoiar mutuamente, compartilhando suas próprias experiências e conhecimentos. Isso proporciona um ambiente seguro para o autocuidado emocional e intelectual, permitindo que as mulheres explorem suas próprias emoções e sentimentos.

O surgimento de espaços virtuais, como blogs e Instagram, tem permitido a criação de espaços seguros para trocas de saberes e cuidado de si entre mulheres. Esses espaços virtuais de escrita permitem que as mulheres compartilhem suas próprias verdades e histórias, desafiando as verdades impostas pela sociedade e construindo sua própria compreensão do mundo.

As redes sociais e a internet em geral oferecem espaços virtuais para as mulheres se expressarem e se conectarem. Esses espaços permitem que as mulheres compartilhem suas histórias e verdades, desafiando as narrativas dominantes e construindo sua própria compreensão do mundo (SILVA, 2015, p. 45).

Os grupos de mulheres no Facebook, por sua vez, proporcionam um espaço para a troca de conhecimentos e empoderamento. Esses grupos permitem que as mulheres compartilhem suas próprias experiências e aprendizados, além de fornecerem um ambiente seguro para discussões sobre temas como igualdade de gênero, violência doméstica e discriminação.

Os podcasts, assim como as revistas femininas, também têm se tornado uma forma importante de escuta e compreensão de histórias e opiniões de mulheres. Esses formatos permitem uma maior abrangência de temas e opiniões, além de serem acessíveis para as pessoas

em todos os lugares, possibilitando a troca de conhecimentos e a formação de opiniões críticas. Esses meios virtuais de leitura têm criado espaços seguros onde as mulheres podem se conectar e compartilhar suas experiências, aprendizados e opiniões, contribuindo para o empoderamento e a conscientização sobre questões de gênero.

Os temas tratados por mulheres em espaços virtuais, como maternidade, menopausa, corpo e saúde, aceitação e saúde mental, são temas cruciais para a compreensão da existência feminina e para a compreensão das desigualdades de gênero. A partir da perspectiva sociológica, é importante compreender como esses temas são construídos socialmente e como eles contribuem para a opressão e desequilíbrio de condições na sociedade.

A maternidade, por exemplo, é um tema frequentemente discutido em espaços virtuais, como blogs e grupos de mulheres no Facebook. Essas discussões permitem que as mulheres compartilhem suas próprias experiências e aprendizados, além de discutirem questões como a licença-maternidade, a amamentação e a criação de filhos. Essas discussões também permitem que as mulheres explorem suas próprias emoções e sentimentos em relação à maternidade, contribuindo para o autocuidado emocional. É importante compreender a maternidade como sendo construída socialmente como uma responsabilidade exclusiva da mulher, o que demanda a necessidade de reformular conceitos, ideias e regras, para promover o discurso da divisão nas tarefas no cuidado com os filhos e as responsabilidades domésticas com os homens e toda rede de apoio.

A menopausa também é um tema frequentemente discutido em espaços virtuais, especialmente em grupos de mulheres no Facebook. Essas discussões permitem que as mulheres compartilhem suas próprias experiências e aprendizados, além de discutirem questões como os sintomas físicos e emocionais da menopausa e as opções de tratamento. Essas discussões também permitem que as mulheres explorem suas próprias emoções e sentimentos em relação à menopausa, contribuindo para o autocuidado físico e emocional.

O corpo e saúde mental também são refletidos em espaços virtuais, como blogs e Instagram. Essas discussões permitem que as mulheres compartilhem suas próprias experiências e aprendizados sobre cuidados com o corpo, alimentação saudável, e atividade física. É importante compreender como esses padrões estéticos são construídos socialmente e como eles contribuem para a opressão e desigualdade das mulheres, considerando também como a indústria da beleza e a medicina estética exploram esses padrões para lucrar com a insatisfação das mulheres com seus corpos.

Outro tema bastante tratado nos espaços de “escrileitura” feminina são os relacionados à sexualidade. Seja pela via dos textos escritos e publicados nas redes, podcasts ou posts com

imagens e pequenos textos assertivos e chamativos, sem dúvida o virtual e o “anonimato” que nele é possível se constitui num espaço seguro para trocas de informações, conselhos e experiências, o que favorece o acolhimento e o conhecimento sobre aspectos relacionados ao corpo, prazer e desejo.

A partir do movimento feminista dos anos 60 e 70, as mulheres começaram a reivindicar o direito à sua própria sexualidade e a questionar essas construções sociais da sexualidade feminina. Em espaços virtuais, como blogs e grupos de mulheres no Facebook, WhatsApp entre outros, as mulheres continuam a discutir e desafiar essas construções sociais da sexualidade feminina, discutindo temas como o direito à escolha, a consentimento, a violência sexual e a representação da sexualidade feminina na mídia. A partir desses espaços virtuais de “escrileitura”, as mulheres podem se conectar e se apoiar, compartilhando suas próprias experiências e aprendizados sobre sexualidade e construindo uma narrativa mais positiva e empoderadora da sexualidade feminina.

A reivindicação da sexualidade feminina foi um dos principais temas discutidos pelo movimento feminista nos anos 60 e 70. As feministas questionaram a construção social da sexualidade feminina como algo passivo e submisso, e lutaram por direitos sexuais e reproductivos para as mulheres. A luta pelo direito à contracepção e o aborto, bem como a luta contra a violência sexual, foram alguns dos temas cruciais desse movimento (DWORKIN, 1981, p. 96).

Clarice Lispector contribuiu para a representação da sexualidade feminina na literatura, explorando temas como desejo, prazer e a construção social da sexualidade feminina em suas obras. Sua escrita é um testemunho da forma como esses temas são importantes desde então e ainda hoje, e como a literatura pode ser um meio para desafiar as construções sociais da sexualidade feminina e contribuir para a emancipação das mulheres.

Durante sua carreira, Clarice Lispector escreveu para várias revistas femininas, como "Mulher", "O Cruzeiro" e "Manchete". Essas revistas eram populares entre as mulheres e eram conhecidas por seus artigos sobre moda, beleza, saúde e relacionamentos. Clarice Lispector utilizou esses espaços para discutir temas importantes para as mulheres e desafiar as expectativas sociais sobre as mulheres.

Por exemplo, em um artigo escrito para a revista "Mulher" intitulado "O Feminino", Clarice Lispector escreve: "O feminino é um mundo ainda não explorado. Ainda não sabemos quem é a mulher. Ainda não sabemos o que é ser mulher". Essa afirmação indica como Clarice Lispector utilizou esses espaços para questionar e desafiar a construção social da feminilidade e da mulher.

A escrita de Clarice Lispector para revistas femininas foi uma contribuição importante para a representação da mulher na literatura brasileira e para o empoderamento das mulheres. Sua escrita sobre temas como a identidade, a existência, a sexualidade feminina e a maternidade desafiou as expectativas sociais sobre as mulheres e contribuiu para a construção de uma narrativa mais positiva e empoderadora da existência feminina. As reflexões de Clarice Lispector, que foram publicadas nas revistas femininas, foram fundamentais para o entendimento da representação da mulher na sociedade e para o empoderamento das mulheres. A partir da análise de seus escritos em revistas femininas, é possível compreender como Clarice Lispector utilizou esses espaços como meios para desafiar as normas e estereótipos sociais sobre as mulheres, e para propor uma representação mais complexa e diversa da existência feminina.

Existe uma triste tendência, agravada nos últimos anos, para estandarizar a beleza e os tipos femininos. Influenciada pelo cinema, a mocinha escolhe uma artista de bastante renome e passa a ser o seu carbono. [...] Belezas em série, belezas de catálogo, numeradas, como se adquiridas por encomenda postal. [...] Sejam vocês mesmas! Estudem cuidadosamente o que há de positivo ou negativo na sua pessoa e tirem proveito disso. A mulher inteligente tira partido até dos pontos negativos. [...] Por favor, meninas, sejam vocês mesmas! (LISPECTOR apud NUNES, 2008, p. 48)

Conheço inúmeras mulheres que definham de tédio. [...] O ser humano inativo torna-se triste, consome-se e não sente o menor prazer em viver. O trabalho é necessário não somente como justificativa para a vida em sociedade como para a saúde, a alegria e a juventude (LISPECTOR apud NUNES, 2008, p. 54).

Sua escrita sobre temas como a sexualidade feminina e a maternidade contribuiu para a construção de uma narrativa mais positiva e empoderadora desses temas, que eram frequentemente negligenciados na sociedade da época.

6 – O CUIDADO DE SI: A PROPOSTA DA REVISTA DIGITAL

Os livros e revistas interativos são uma forma inovadora de publicação literária que permite ao leitor interagir com o conteúdo através de elementos digitais. Esses elementos podem incluir hiperlinks, vídeos, áudios, quiz, jogos e outras formas de interatividade. Essa forma de publicação tem ganhado cada vez mais espaço devido ao aumento do uso de dispositivos eletrônicos e a popularidade das mídias digitais.

Esse tipo de texto oferece uma maior flexibilidade na forma como o conteúdo é apresentado e consumido. Eles permitem ao leitor personalizar sua experiência de leitura, escolhendo quais elementos interativos desejam utilizar e como deseja utilizá-los. Além disso, eles também permitem ao leitor realizar anotações, criar listas de tarefas, e até mesmo realizar exercícios e atividades práticas.

Publicações interativas também possibilitam a incorporação de elementos multissensoriais, como vídeos e áudios, que podem ser utilizados para enriquecer a experiência de leitura e torná-la mais imersiva. Esses elementos também podem ser usados para melhorar a compreensão do conteúdo e torná-lo mais acessível para diferentes tipos de leitores, incluindo aqueles com necessidades especiais.

Além disso, permitem ao autor e editor criar conteúdo dinâmico e atualizá-lo continuamente, o que é útil em campos como educação e treinamento, onde o conhecimento é constantemente atualizado.

Dessa forma, a proposta a que se pretende neste trabalho é apresentar uma forma inovadora de publicação literária que permite ao leitor interagir com o conteúdo através de elementos digitais, fixando a atenção do leitor de forma ativa e com envolvimento e presença. Eles são uma ferramenta valiosa para melhorar a experiência de leitura e torná-la mais imersiva e acessível para diferentes tipos de leitores.

6.1 Aspectos técnicos e criativos da sua elaboração

A proposta é uma revista digital, veiculada na plataforma Instagram, voltada para mulheres na faixa dos 30 aos 60 anos, cujo objetivo é promover o autocuidado. Esta revista seria uma ferramenta para auxiliar as mulheres na compreensão de si mesmas e no desenvolvimento de práticas saudáveis de cuidado, abordando temas como saúde mental, física

e emocional, além de questões relacionadas a relacionamentos, carreira e desenvolvimento pessoal.

A revista apresentará uma série de técnicas e dicas para auxiliar as mulheres na reflexão sobre si mesmas, incluindo exercícios de autorreflexão, meditação e atividades práticas. Além disso, incluiria elementos interativos, como hiperlinks, vídeos, áudios, questionários e jogos, para possibilitar a interação do leitor com o conteúdo e personalizar sua experiência de leitura.

A proposta busca combinar elementos estéticos, lúdicos e literários para criar uma experiência de leitura enriquecedora e única para as leitoras. Além das técnicas e dicas para o autocuidado, que serão apresentadas de forma científica e fundamentada, a revista incluirá elementos visuais, como aquarelas, fotografias e colagens, que serão utilizados como estratégia de comunicação e para auxiliar na compreensão do conteúdo.

A inclusão de elementos musicais também será considerada para contribuir na criação de um ambiente mais propício para o autocuidado, e serão selecionadas com base em sua relação com os temas abordados. Além disso, os textos que farão a composição do trabalho incluirão poesias e textos escritos por mulheres, com o objetivo de promover a diversidade e representatividade na perspectiva abordada na revista, e ajudar as leitoras a se conectarem e se inspirarem com a escrita de outras mulheres.

Além disso, a revista digital proposta será construída com elementos interativos, como questionários, jogos, perguntas e respostas, com o objetivo de aumentar a participação e envolvimento das leitoras no processo de aprendizado e reflexão. Estes elementos ajudarão as leitoras a se conectarem com o conteúdo de forma mais significativa e a personalizar sua experiência de leitura.

Também incluirá seções dedicadas à saúde mental e emocional, fornecendo informações sobre como lidar com problemas comuns, como ansiedade e depressão, e como desenvolver uma autoestima mais elevada, além de fugir da regra das imposições de padrões de beleza e comportamento. Também abordará de forma lúdica e criativa uma seção dedicada aos cuidados estéticos e beleza, com dicas e técnicas para ajudar as mulheres a se sentirem melhor consigo mesmas e a se cuidarem de forma saudável.

A partir inclusão de uma seção de comunidade, as mulheres poderão se conectar e compartilhar suas experiências, dar e receber suporte e encorajamento mútuo. Isso contribuirá para criar uma comunidade de apoio e solidariedade entre as leitoras, o que é fundamental para o processo de autocuidado. Dessa forma, a publicação da revista digital proposta, é esperada para proporcionar benefícios tanto para as leitoras individuais quanto para o grupo de mulheres

em suas mais diversas realidades, destacando-se o acolhimento e o autocuidado como elementos fundamentais para o desenvolvimento positivo e saudável dos indivíduos.

Em primeiro lugar, a revista se apresenta como um convite para o autocuidado das leitoras, auxiliando-as no desenvolvimento de habilidades e estratégias para cuidar de si mesmas fisicamente, mentalmente e emocionalmente de modo a ter um impacto positivo na saúde geral das leitoras, melhorando sua qualidade de vida e bem-estar.

A revista, a partir de seção específica nela inclusa também buscará contribuir para a promoção de uma comunidade de apoio e solidariedade entre as leitoras, criando um ambiente seguro e inclusivo para a troca de conhecimentos e experiências. O que deve auxiliar as leitoras a se sentirem menos sozinhas e isoladas, e a serem acolhidas no processo de autocuidado.

Ademais, a revista digital pretende perseguir a promoção de uma maior representatividade e diversidade nas perspectivas abordadas, auxiliando a romper tabus e estereótipos, e dando voz a temas importantes como maternidade, menopausa, corpo e saúde, aceitação e saúde mental. Isto, com vistas a contribuir para a promoção de uma sociedade mais igualitária e inclusiva. Esse material pode ser direcionado para ser utilizado em grupo, como em grupos de leitura ou terapia. Escolha essa que pode permitir que as leitoras discutam seus pensamentos e sentimentos sobre o que estão lendo, compartilhando suas experiências e aprendizados com outras pessoas.

O nome escolhido para a página revista digital veiculada via página no aplicativo Instagram é "@Olhepraela". O título foi escolhido por representar a proposta da página de ser um espaço para se olhar para si mesma, como um espelho que reflete não só a aparência física, mas também a essência e a alma da mulher, permitindo uma conexão profunda consigo mesma.

A teoria de Michel Foucault destaca a importância do cuidado de si como um processo fundamental para a formação do sujeito. Segundo o filósofo francês, o cuidado de si é uma prática ética e estética que visa a transformação do indivíduo, permitindo-o conhecer-se a si mesmo, desenvolver sua capacidade de reflexão, e transformar sua relação consigo mesmo e com o mundo. A revista digital, através de suas estratégias lúdicas e artísticas, pode ser vista como um meio para estimular o cuidado de si e a reflexão crítica sobre a própria existência, contribuindo para a formação de sujeitos mais autônomos e conscientes de si mesmos.

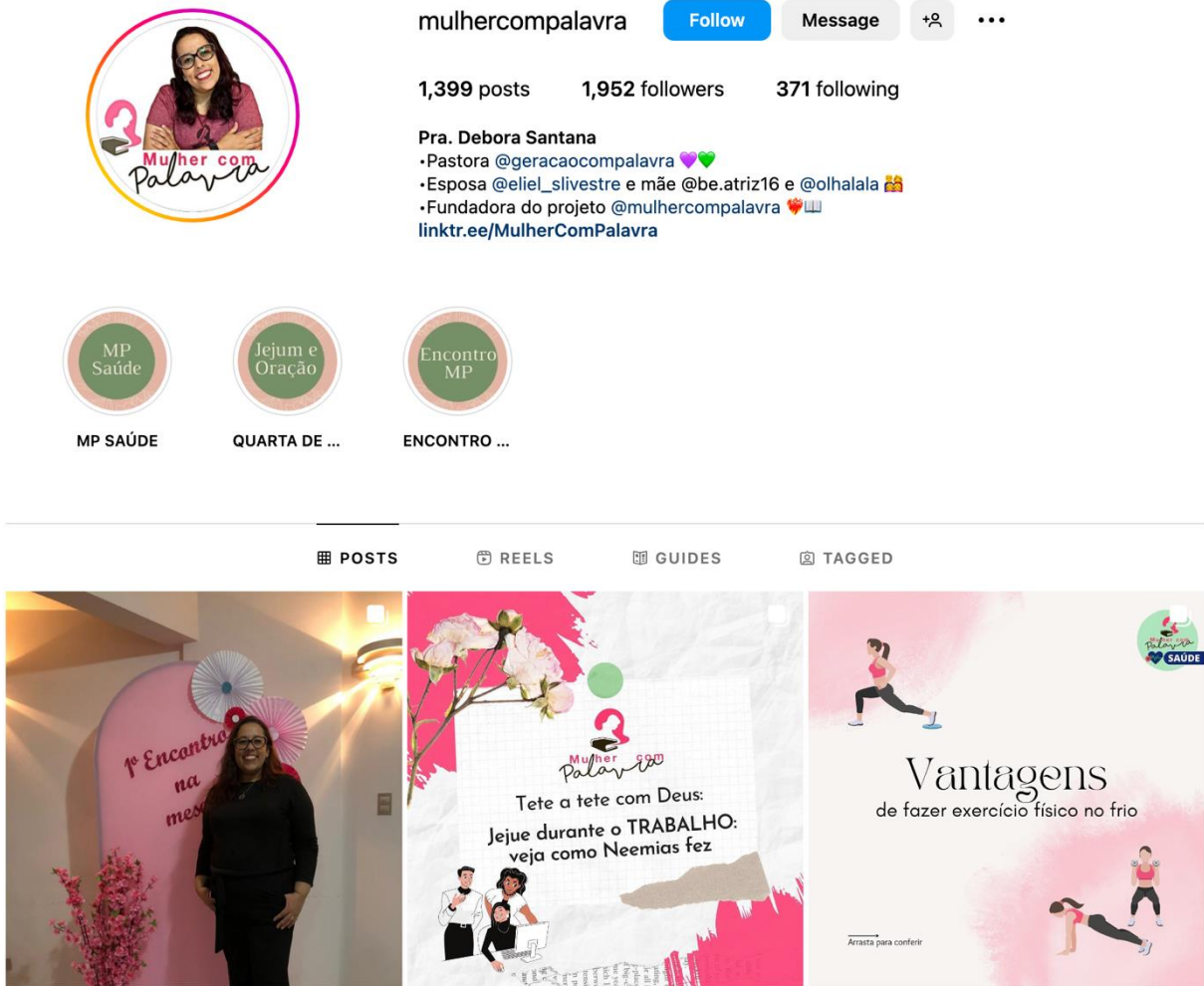
A partir da perspectiva foucaultiana, a revista digital também pode ser vista como uma forma de resistência às normas e estereótipos impostos pela sociedade, e de promoção de autonomia e autoafirmação das leitoras. A sociedade, através de seus mecanismos de controle, estabelece certos padrões de comportamento e de beleza, que são impostos às mulheres, e que muitas vezes as levam a se sentir inadequadas e insuficientes.

A revista digital é um formato de publicação que se caracteriza por sua interatividade e por seus recursos que permitem uma leitura mais dinâmica e envolvente. Esse formato tem sido considerado como uma inovação no campo da leitura e escrita e tem sido utilizado para diversos fins, incluindo autoajuda e autocuidado. Neste contexto, é possível considerar a revista digital como uma ferramenta para a formação do sujeito, tendo em vista que ele se apresenta como um meio de promover o autoconhecimento e o autocuidado, além de ser uma excelente opção para o processo de aprendizagem.

A título de exemplo de Revistas Digitais, as páginas de Instagram @mulhercompalavra, @narrativafeminina, @silviadoesdrawings e @mosaiceye são canais de “escrileitura” que desempenham um papel significativo na promoção do cuidado de si, fornecendo interações positivas e reflexões benéficas para seus seguidores. Essas revistas digitais destacam-se pela sua abordagem inclusiva, diversidade de temas e capacidade de criar um ambiente virtual propício para a interação e o engajamento do público.

O @mulhercompalavra é uma página do Instagram dedicada às mulheres, com e a inclusão de outros gêneros, com forte destaque às criações e produções femininas. Com uma abordagem multidisciplinar, abrangendo literatura, comportamento, psicologia e cultura, essa revista digital oferece um espaço de discussão e reflexão sobre temas relevantes para o público feminino. Seus 10,6 mil seguidores demonstram o envolvimento e a interação da comunidade em torno dos conteúdos compartilhados.

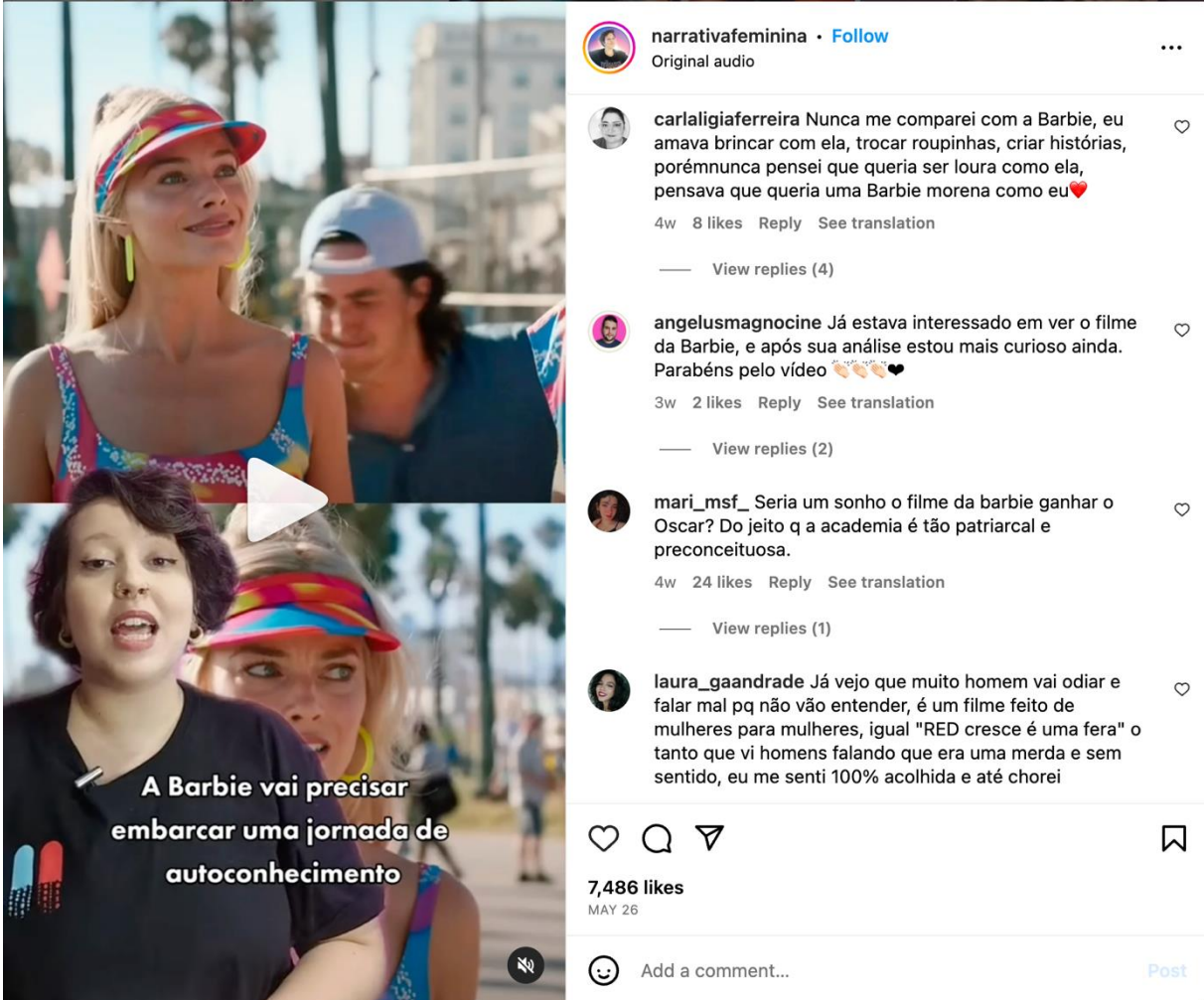
Imagem 1 – Página de Abertura da Revista Digital @mulhercompalavra.



Fonte: <https://www.instagram.com/mulhercompalavra/>

Já a @narrativafeminina destaca-se por sua ênfase na participação das mulheres nas obras do cinema e televisão mundiais, indo além dos temas de cultura e comportamento feminino. Ao ampliar a visibilidade e o protagonismo feminino nessas indústrias, essa Revista Digital incentiva outras mulheres a se envolverem nesses campos e contribui para uma perspectiva mais abrangente e inclusiva no cenário audiovisual. Através do compartilhamento de conteúdo inspirador e informativo, essa página proporciona uma plataforma para a reflexão e a discussão sobre a representação feminina nas mídias, promovendo a conscientização e a valorização da contribuição das mulheres nesse contexto.

Imagem 2 – Postagem e interação da Revista Digital @narrativafeminina.



narrativafeminina · Follow
Original audio

carlaliaferreira Nunca me comparei com a Barbie, eu amava brincar com ela, trocar roupinhas, criar histórias, porém nunca pensei que queria ser loura como ela, pensava que queria uma Barbie morena como eu ❤️
4w 8 likes Reply See translation
View replies (4)

angelusmagnocine Já estava interessado em ver o filme da Barbie, e após sua análise estou mais curioso ainda. Parabéns pelo vídeo 🙌🙌🙌❤️
3w 2 likes Reply See translation
View replies (2)

mari_msf_ Seria um sonho o filme da barbie ganhar o Oscar? Do jeito q a academia é tão patriarcal e preconceituosa.
4w 24 likes Reply See translation
View replies (1)

laura_gaandrade Já vejo que muito homem vai odiar e falar mal pq não vão entender, é um filme feito de mulheres para mulheres, igual "RED cresce é uma fera" o tanto que vi homens falando que era uma merda e sem sentido, eu me senti 100% acolhida e até chorei

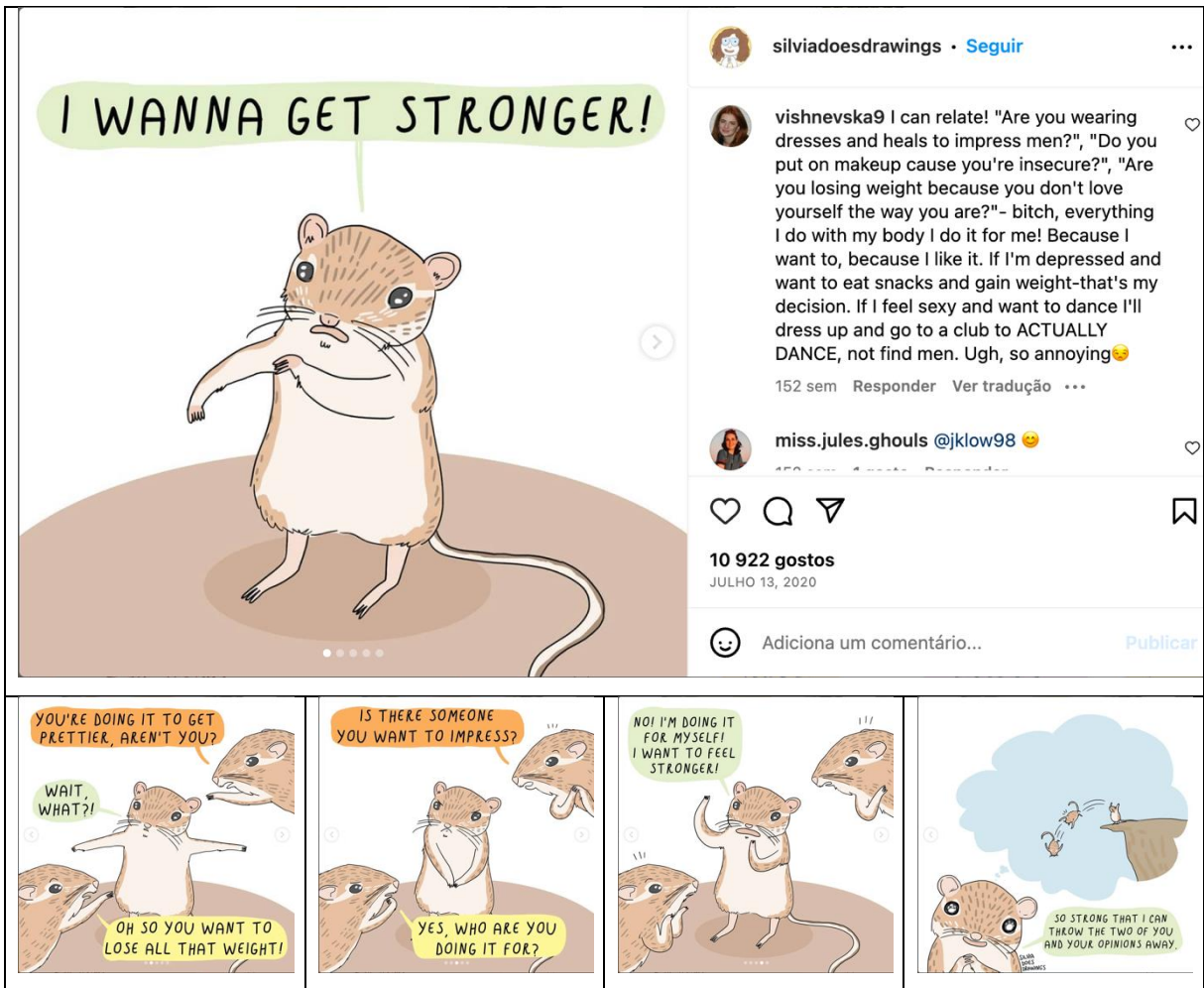
7,486 likes
MAY 26

Add a comment... Post

Fonte: <https://www.instagram.com/narrativafeminina/>

A Revista Digital @silviadoesdrawings, por sua vez, destaca-se pela sua abordagem singular no compartilhamento de mensagens sobre saúde mental e autocuidado por meio de ilustrações. A artista Silvia Carrus utiliza sua arte para transmitir mensagens positivas e acolhedoras sobre a vida, abordando situações cotidianas com um toque bem-humorado, leve e gentil. Suas ilustrações abordam temas como ansiedade, autoaceitação e amor-próprio, encorajando seus seguidores a cuidarem de sua saúde mental e encontrarem conforto nas pequenas coisas. Essa Revista Digital desempenha um papel importante ao oferecer um espaço seguro e reconfortante no Instagram, onde as pessoas podem se identificar com as situações retratadas e encontrar apoio emocional.

Imagem 3 – Postagem e interação da Revista Digital @silviadoesdrawings.



Fonte: <https://www.instagram.com/silviadoesdrawings/>

A página @mosaiceye, idealizado pela artista indiana Chetna, destaca-se por sua proposta de empoderamento feminino como ferramenta essencial para o cuidado com a saúde mental. Por meio de suas criações artísticas, Chetna inspira mulheres e pessoas não-binárias a se reconectarem com sua força interior, criatividade e capacidade transformadora. Além das obras de arte, essa revista digital promove a interação através de facilitação de círculos de comunidade e práticas de alquimia e cura. Com mais de 81 mil seguidores, o @mosaiceye oferece um espaço inspirador onde as pessoas podem encontrar arte, sabedoria e apoio em sua jornada de empoderamento e autocuidado.

Imagem 4 – Postagem e interação da Revista Digital @mosaiceye.



Fonte: <https://www.instagram.com/mosaiceye/>

Dessa forma, a Revista Digital "Olhe pra Ela" encontra inspiração nessas revistas digitais, visto que fornecem um ambiente propício para o compartilhamento de experiências, conhecimentos e perspectivas diversas, permitindo que suas seguidoras se sintam empoderadas, encorajadas e inspiradas em suas jornadas pessoais. Ao utilizar essas revistas digitais como fontes inspiradoras, a revista "Olhe pra Ela" busca oferecer um conteúdo enriquecedor e significativo, promovendo a reflexão, a valorização do autocuidado e a construção de uma comunidade virtual engajada em torno do bem-estar feminino e seus pares.

A partir da teoria foucaultiana, é possível compreender a publicação interativa como uma ferramenta para o autoconhecimento, reflexão, educação e expressão criativa. Esse tipo de abordagem literária com seu formato interativo e seus recursos, pode ajudar as pessoas a se tornarem mais conscientes das normas e estruturas impostas pela sociedade e a questioná-las de forma crítica.

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese teve como objetivo compreender o processo de emancipação, empoderamento e autoconhecimento feminino, bem como sua representação na literatura produzida por mulheres. Para tal, foi utilizado como base teórica a obra do filósofo Michel Foucault, especificamente a sua terceira fase de produção acadêmica, que aborda a temática do cuidado de si e da estética da existência.

Ao longo da pesquisa, foi possível observar que a inserção da mulher no mercado de trabalho, ocorrida no século XIX, como resultado da Revolução Industrial, ainda se encontra pautada por diversos empecilhos, tanto legislativos quanto culturais. Ainda que a maioria da população brasileira seja composta por mulheres, a participação delas na política e em cargos gerenciais ainda é muito restrita. Além disso, ainda é possível observar uma diferença salarial entre homens e mulheres que ocupam cargos similares.

A literatura produzida por mulheres também foi analisada, com o objetivo de compreender como essas autoras representam o processo de emancipação e empoderamento feminino em suas obras. Foi possível observar que, no Brasil, a literatura feita por mulheres simplesmente não constava no cânone tradicional. Somente a partir dos anos 1970 e 1980 é que houve uma "explosão de publicações" de mulheres, abrindo um leque de possibilidades para as novas escritoras.

Com base na análise dos textos de mulheres presentes em blogs, revistas e publicações em redes de domínio público, é possível compreender como se dá a troca de experiências nos espaços virtuais de comunicação. A partir do levantamento realizado foi possível identificar as representações sociais que estão presentes nos textos produzidos por mulheres e como elas se relacionam com o processo de emancipação, empoderamento e autoconhecimento feminino.

A revista digital proposta nesta tese, como uma forma de impulsionar uma visão criativa e reflexiva da pós-graduação, tem o objetivo de reconhecer as necessidades da sociedade e apresentar soluções inovadoras. A partir da teoria foucaultiana do cuidado de si e da estética da existência, a revista digital propõe um convite ao cuidado de si, permitindo que as mulheres possam lapidar-se de modo a conquistarem papéis de destaque na gestão e liderança no mundo dos negócios.

Uma revista digital é uma publicação eletrônica que apresenta conteúdo informativo, educativo, de entretenimento ou de interesse específico, de forma semelhante a uma revista tradicional, mas disponível em formato digital. Em vez de ser impressa em papel, a revista

digital é distribuída e acessada por meio de dispositivos eletrônicos, como computadores, tablets, smartphones e *e-readers*. Ademais, tem-se que as revistas digitais geralmente são projetadas para serem lidas em telas digitais, com recursos interativos e multimídia, como links, vídeos, áudios e animações, que enriquecem a experiência do leitor. E, portanto, elas podem ser acessadas por meio de sites, aplicativos específicos ou plataformas de leitura digital.

Uma das principais vantagens das revistas digitais é a sua acessibilidade e disponibilidade instantânea. Os leitores podem baixar, assinar ou acessar as revistas digitalmente a qualquer momento e em qualquer lugar, desde que tenham uma conexão com a internet. Além disso, a revista digital oferece a possibilidade de interação com o conteúdo, permitindo aos leitores comentar, compartilhar e até mesmo participar de discussões relacionadas ao tema abordado de modo que, a partir delas, constroem-se redes de interação, conhecimento, apoio mútuo etc., em que, a leitora deixa de ocupar apenas um papel passivo e também pode escrever sobre aquilo que leu cotejando com suas experiências e vivências, ou seja, como diria Momesso (2020), *escriber*.

De um modo geral - e aí reside a nossa principal motivação pela escolha desse formato as revistas digitais têm se tomado cada vez mais populares devido à sua conveniência, capacidade de atualização em tempo real e potencial de alcance global de modo que, elas, se constituem numa alternativa moderna e sustentável às revistas impressas tradicionais, proporcionando uma experiência de leitura dinâmica e interativa.

No que se refere ao seu suporte tecnológico tem-se que o conteúdo da revista pode ser facilmente adaptado para ser veiculado através do Instagram, uma das redes sociais mais utilizadas atualmente, especialmente pelo público feminino. Aplicativo esse que oferece diversas ferramentas para publicação de conteúdo visual e interativo, além de possuir muitas contas ativas, o que aumenta a possibilidade de alcance e interação com o público-alvo.

Uma das vantagens da revista no Instagram é a proximidade com o público, já que a rede social possibilita um diálogo mais direto e imediato com os seguidores. Além disso, o Instagram vem se tomando cada vez mais relevante nos últimos anos, com diversas marcas e empresas investindo em estratégias de marketing nessa plataforma. A acessibilidade também é um fator positivo, já que a maioria das pessoas possui acesso à internet e um smartphone, o que permite o acesso ao conteúdo da revista digital de qualquer lugar.

Outro aspecto positivo da revista publicada via Instagram é o baixo custo de produção e veiculação, o que permite que projetos independentes possam ser criados e mantidos sem grandes investimentos financeiros. Isso torna o Instagram uma opção viável para empreendedores e profissionais que desejam criar conteúdo de qualidade para o público

feminino sem a necessidade de grandes recursos financeiros. Por fim, usar essa ferramenta via Instagram pode criar uma relação de proximidade e confiança com o público-alvo, fidelizando seguidores e criando uma comunidade engajada em torno do conteúdo produzido.

A utilização de uma revista online como ferramenta de cuidado de si é ainda mais inovadora, pois propõe um ambiente seguro e confiável para a reflexão e transformação pessoal, em que o leitor pode aprender e se inspirar a partir de exemplos reais e histórias inspiradoras.

Assim, ao trazer esse tema para uma vivência prática acessível por meio das redes sociais, a proposta é tornar o autocuidado algo mais presente e presente na rotina das mulheres. Pois, por meio de atividades e conteúdos interativos, é possível incentivar a reflexão sobre si mesma, a percepção dos próprios sentimentos e a busca por uma vida mais equilibrada e saudável. Além disso, a interação por meio das redes sociais permite que as mulheres se conectem e compartilhem experiências, o que pode ser um estímulo para o cuidado de si e para o fortalecimento da autoestima e autoconfiança, mas sobretudo, para o desenvolvimento de novas práticas de escrita e leitura como é o caso, de fomentar a escrita através própria revista em si.

No contexto da pós-graduação, a revista digital proposta e o estudo envolvido, representam uma oportunidade para ampliar a visão criativa e reflexiva dos estudantes. A abordagem interdisciplinar, que inclui as teorias de Michel Foucault, permitiu a compreensão das necessidades da sociedade e a proposta de soluções inovadoras. Além disso, a revista online é uma ferramenta pedagógica valiosa que permite aos estudantes aplicar teorias e conceitos de forma prática.

A partir da teoria foucaultiana, foi possível entender como as questões de gênero e a representação das mulheres estão intrinsecamente ligadas aos discursos e práticas sociais. O conceito de cuidado de si, proposto por Foucault, foi utilizado como base para a revista digital proposta, como uma forma de convidar as mulheres a cuidarem de si mesmas e de suas vivências.

Observou-se também que a literatura produzida por mulheres no Brasil ainda enfrenta desafios para ser reconhecida e valorizada como merece. A história literária brasileira é marcada por uma forte presença masculina, e a contribuição das escritoras ainda é subestimada e pouco estudada. No entanto, ao longo das últimas décadas, tem-se assistido a uma maior produção literária de mulheres e a uma maior valorização dessas escritoras.

A obra de Clarice Lispector tem sido fundamental nesse processo, abrindo caminhos para a literatura produzida por mulheres e sendo uma referência para as escritoras da geração seguinte. É importante destacar que a sua obra é marcada por uma escrita singular e poderosa,

que desafia os estereótipos de gênero e apresenta uma visão ampla e complexa da condição feminina. A sua obra foi fundamental para a construção de uma literatura que deu voz as mulheres, permitindo que elas se expressassem de forma autêntica e sem medo de serem julgadas ou silenciadas.

Em sua obra, ela questiona as normas sociais e as expectativas impostas às mulheres, mostrando que é possível romper com essas barreiras e viver de acordo com sua própria verdade, sem perceber praticando o cuidado de si e fornecendo por meio de seus textos ferramentas para que outras pessoas, principalmente mulheres o façam, aproximando-se de Foucault e sua ideia de busca pela estética da existência e inspirando muitas de nós, mulheres, pesquisadoras, trabalhadoras, mães, filhas, fêmeas, amigas, amantes e esposas.

Esta pesquisa empreendeu uma exploração abrangente e aprofundada na trajetória de emancipação das mulheres, com especial atenção à busca pela igualdade de gênero e ao empoderamento no âmbito corporativo. Nesse contexto, torna-se inegável a interseção entre os objetivos da pesquisa e os propósitos delineados pelo ODS 5, estabelecido como um farol orientador na Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) compreendem uma série de metas que, em conjunto, buscam aprimorar a qualidade de vida das pessoas e do planeta, englobando áreas críticas como igualdade de gênero, erradicação da pobreza e proteção do meio ambiente.

A abordagem adotada nesta pesquisa encontra ressonância direta com os princípios enunciados pelo ODS 5, cujo escopo abraça a igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres em todas as faixas etárias. À medida que se empreende a análise das dinâmicas e obstáculos relacionados à representatividade feminina em posições de liderança no contexto corporativo, percebe-se uma sinergia essencial entre os resultados obtidos nesta pesquisa e as aspirações do ODS 5. A promoção da igualdade de gênero, a eliminação de discriminações e a erradicação de práticas nocivas que perpetuam desigualdades emergem como metas intrínsecas tanto à pesquisa quanto ao ODS 5.

A investigação aprofundada sobre a construção dos modos de existência de mulheres que ocupam cargos de liderança, aliada à análise dos processos de cuidado de si no ambiente corporativo, ecoa diretamente com a essência do ODS 5. As metas delineadas no ODS 5 não se restringem a uma busca superficial pela igualdade de gênero; elas compreendem a necessidade de confrontar e reformar estruturas sociais, econômicas e culturais que perpetuam a desigualdade. À medida que a pesquisa examina a maneira como as mulheres enfrentam desafios, superam obstáculos e desconstróem estereótipos para assumirem posições de

liderança, ela se alinha com o compromisso subjacente ao ODS 5 de promover uma transformação profunda e duradoura na realidade das mulheres em todo o mundo.

Dessa forma, a pesquisa em questão transcende o escopo acadêmico para convergir com um movimento global e engajado, espelhado nos ODS estabelecidos pela ONU. O estudo da representatividade feminina no mundo corporativo não só ilumina questões prementes na sociedade atual, mas também contribui para a realização de um dos pilares fundamentais da Agenda 2030. Ao conectar o âmbito acadêmico à urgência da igualdade de gênero e ao empoderamento feminino, a pesquisa assume um papel de protagonismo na promoção de ações positivas, sustentando a missão compartilhada tanto com os ODS quanto com a busca incessante pela justiça e equidade.

Relevante mencionar que o cenário corporativo, mesmo após avanços, ainda traz limitações a presença feminina em posições de liderança, fazendo com que a resistência das mulheres se manifestasse em busca de um lugar de destaque. Questões como a representatividade feminina, o autocuidado, a busca pela autonomia financeira e a ascensão do empreendedorismo feminino emergiram como temas centrais na agenda da resistência feminina perante os desafios sociais.

O foco da pesquisa estava em compreender, através da análise discursiva, a construção dos modos de existência de mulheres que ocupavam cargos de liderança no mundo corporativo. O estudo exploratório e bibliográfico proporcionou uma imersão aprofundada no problema de pesquisa, gerando hipóteses e insights que direcionaram a compreensão dos modos e da ética de existência das mulheres empoderadas. A perspectiva teórica fundada na abordagem foucaultiana do "Genealogia da Ética" forneceu um arcabouço conceitual sólido para a análise.

Os resultados desvendaram mulheres que, ao se tornarem modelos de empoderamento, desempenharam um papel crucial na quebra de estereótipos e na construção de uma nova narrativa. Uma figura notável nesse contexto foi Clarice Lispector, cuja "escrita de si" trouxe à tona personagens femininas profundamente conectadas com as dimensões da ética e estética de suas próprias existências. A interseção entre essas escritoras e o conceito de ética da existência demonstrou a importância da autoexploração e da transformação pessoal como ferramentas fundamentais para moldar uma identidade e estética genuínas.

Nesse sentido, este estudo revelou que o cuidado de si e o empoderamento foram fomentados através de práticas de "escrileitura". Isso permitiu que mulheres não apenas explorassem seu próprio ser, mas também identificassem oportunidades de mudança para forjar uma estética de existência única. O estudo demonstrou ainda a importância de cultivar espaços de representatividade e de expressão, desafiando as normas e estigmas de gênero historicamente

arraigados. A pesquisa apontou que, por meio de reflexão, autenticidade e empoderamento, as mulheres podem catalisar uma transformação significativa em diversos domínios da sociedade.

Em síntese, o trabalho em sua completude atuou como um reflexo das ações e esforços de resistência feminina no passado, que contribuíram para moldar um cenário mais equitativo e inclusivo. Ao explorar a literatura, a ética da existência e o empoderamento através da escrita, destacou-se a importância da persistência e do questionamento das normas sociais. Nesse contexto, as mulheres, através de sua autenticidade e resistência, fizeram avançar a agenda da igualdade de gênero e do empoderamento no mundo dos negócios, criando uma base sólida para futuras gerações.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ADOLFO, K. Solteira e feliz? Psicanalistas falam sobre felicidade sem relacionamento. **Claudia**, 09 dez. 2022. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/amor-sexo/solteira-feliz-psicanalistas-falam-felicidade-relacionamento/>>. Acesso em: 08 dez. 2022.
- AZEVEDO, J. **Metodologias qualitativas: análise do discurso**. Porto: Universidade do Porto, 1998.
- BADINTER, E. **Um Amor Conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAQUERO, R. V. A. Empoderamento: instrumento de emancipação social? uma discussão conceitual. **Revista Debates**, v. 6, n. 1, p. 173-187, 2012.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BEIJING DECLARATION AND PLATFORM FOR ACTION. 4th World Conference on Women, United Nations. 1995. Disponível em: <<https://www.un.org/womenwatch/daw/beijing/platform/>>. Acesso em: 28 nov. 2022.
- BERTH, Joice. O que é empoderamento? Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.
- BORIS, G. D. J. B.; CESIDIO, M. H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Mal-estar e Subjetividade**, v. 7, n. 2, pp. 451-478, 2007.
- BRASIL. **LEI Nº 3.071, DE 1º DE JANEIRO DE 1916. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1916.
- BRASIL. **DECRETO Nº 21.076, DE 24 DE FEVEREIRO DE 1932. Decreta o Código Eleitoral**. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1932.
- BRASIL. **LEI Nº 4.121, DE 27 DE AGOSTO DE 1962. Dispõe sôbre a situação jurídica da mulher casada**. Brasília: Presidência da República, 1962.
- BRASIL. **LEI Nº 6.515, DE 26 DE DEZEMBRO DE 1977. Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos, e dá outras providências**. Brasília: Presidência da República, 1977.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **LEI Nº 9.799, DE 26 DE MAIO DE 1999. Insere na Consolidação das Leis do Trabalho regras sobre o acesso da mulher ao mercado de trabalho e dá outras providências**. Brasília: Presidência da República, 1999.
- BRASIL. **LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da**

Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2006.

BRASIL. LEI Nº 11.770, DE 9 DE SETEMBRO DE 2008. Cria o Programa Empresa Cidadã, destinado à prorrogação da licença-maternidade mediante concessão de incentivo fiscal, e altera a Lei no 8.212, de 24 de julho de 1991. Brasília: Presidência da República, 2008.

BROWNLEE, D. 5 conselhos de carreira de mulheres bem-sucedidas. **Forbes Mulher**, 23 jan. 2023. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-mulher/2023/01/5-conselhos-de-carreira-de-mulheres-bem-sucedidas/>>. Acesso em: 23 jan. 2023.

BUTLER, J. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.

CIXOUS, H. **A hora de Clarice Lispector**. São Paulo: Nós Editora, 1989.

CHODOROW, N. J. **O psicossocial da diferença sexual: um ensaio de psicologia feminina**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

CORTÊZ, N. Uma levanta a outra. **Marie Claire**, 22 jun. de 2022. Disponível em: <<https://www.marieclaire.com.br/clubemulheresdenegociosdeportugal/>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

DELEUZE, G. Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle Gilles Deleuze, **L'Autre Journal**, nº 1, maio de 1990. Disponível em https://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Post-Scriptum_sobre_as_Sociedades_de_Controlo.pdf. Acesso em: 26 de abril de 2020.

DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

JIZI, M.I.; SALAMA, A.; DIXON, R.; STRATLING, R. Corporate governance and corporate social responsibility disclosure: Evidence from the US banking sector. **Journal of Business Ethics**, n. 125, p. 601–615, 2014.

DWORKIN, A. **Right-Wing Women**. New York: Perigee, 1981.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade III: O Cuidado de Si**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.

FOUCAULT, M. Conversa com Michel Foucault. Repensar a política. In: FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos VI**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 289-290.

FOUCAULT, M. **L'archéologie Du Savoir**. Paris: Gallimard, 1969.

FRANCO-JÚNIOR, A. Linguagem, diferença e poder na obra inicial de Clarice Lispector. In: RAPUCCI, C. A.; CARLOS, A. M. (Orgs.). **Cultura e representação: ensaios**. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2011. p. 97-123.

GARDESANI, J. Cicatriz na maternidade: 'Tinha medo de entender a marca que ficou no meu corpo.' **Vogue**, 13 mai. 2022. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/beleza/noticia/2022/05/cicatriz-na-maternidade-tinha-medo-de-entender-a-marca-que-ficou-no-meu-corpo-diz-ju-ferraz.html>>. Acesso em: 13 maio 2022.

GUIDO, G. Mari Maria pretende lucrar R\$ 12 milhões com nova linha de maquiagem. **Forbes Mulher**, 20 jan. 2023. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-mulher/2023/01/mari-maria-quer-lucrar-milhoes-com-novas-maquiagens/>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

HELENA, L. **Nem musa, nem medusa: itinerários da escrita em Clarice Lispector**. Niterói: EDUFF, 1997.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Divulgação Especial Mulheres no Mercado de Trabalho**. 2018. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Estudos_especiais/Mulheres_no_Mercado_de_Trabalho_2018.pdf. Acesso em: 17 nov. 2022.

IBGE. **Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil**. 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf. Acesso em: 17 nov. 2022.

INFOMONEY. **Luiza Helena Trajano: a empresária que fez o Magazine Luiza virar referência em inovação e diversidade**. 2018. Disponível: <https://www.infomoney.com.br/perfil/luiza-helena-trajano/>. Acesso em: 17 nov. 2022.

KABEER, N. **Gender Mainstreaming in Poverty Eradication and the Millennium Development Goals: A Handbook for Policy-Makers and Other Stakeholders**. London: Commonwealth Secretariat, 2005.

KING, M. P. Por que a decisão de Jacinda Ardern faz tanto sentido para as mulheres. **Forbes Mulher**, 22 jan. 2023. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-mulher/2023/01/por-que-a-decisao-de-jacinda-ardern-faz-tanto-sentido-para-as-mulheres/>>. Acesso em: 22 jan. 2023.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIMA, G. S. **Empreendedorismo feminino no Brasil: desafios da liderança feminina**. Tese (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2016.

LIMA, L. Mulheres não devem se sentir 100% prontas para ocupar espaços. **Exame**, 17 nov. 2022. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/negocios/mulheres-nao-devem-se-sentir-100-prontas-para-ocupar-espacos-diz-rachel-maia/>>. Acesso em: 17 nov. 2022.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G. H.**. Rio de Janeiro: Rocco, 1964/1998.

LISPECTOR, C. **Água-viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1973/1998.

LISPECTOR, C. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1944/1998.

LISPECTOR, C. **A bela e a fera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1977/1988.

LISPECTOR, C. **Correspondências/Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LISPECTOR, C. Os obedientes. In: LISPECTOR, C. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 07-10.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G.H.**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

LISPECTOR, C. **Laços de Família: contos**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977. p. 35-58.

LISPECTOR, C. O búfalo. In: LISPECTOR, C. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. p. 248-257.

LOBO, M. **Uma história universal da fêmea**. São Paulo: Selo Religare – W II Editores, 2008.

LOPES, C. Direito do trabalho da mulher: da proteção à promoção. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 405-430, 2006.

ONU MULHERES BRASIL. **Ganha-Ganha: Igualdade de Gênero Significa Bons Negócios. S.D.**. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/ganha-ganha/#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20Instituto,PIB%20global%20antes%20de%202025>. Acesso em: 17 nov. 2022.

MOMESSO, M. R.; Et AL. **Iracema na contemporaneidade: o ser mulher e o ser mãe na adolescência**. 2018. Disponível em: <http://prope.unesp.br/cic/admin/ver_resumo.php?area=100095&subarea=30267&congresso=41&CPF=48823625890>. Acesso em: 15 jun. 2023.

MOMESSO, M. R. Educação sexual pelo amor, realizando-se nas/pelas escrituras de diversas linguagens: projeto pqp. **Educação sexual e sexualidade: desafios, modos de existência, saberes e linguagens**, v. 7, n. 27, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5053>. Acesso em: 15 jun. 2023.

NIELSSON, J. G. **O liberalismo democrático-igualitário e a justiça feminista: Um Novo Caminho**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Direito) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2016.

NASCIMENTO, M. A. Gestão feminina: A liderança feminina nas organizações brasileiras. **Ideias & Inovação**, v. 4, n. 2, p. 57-66, 2018.

NUNES, A. M. **Só para mulheres: conselhos, receitas e segredos/Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

NUNES, A. M (Org.). **Clarice na cabeceira: jornalismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

OLIVEIRA, J. Moda circular: comprar de segunda mão para um consumo sustentável. **Claudia**, 09 set. 2022. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/moda/moda-circular-consumo-sustentavel/>>. Acesso em: 12 nov. 2022.

PANKHURST, E. **My Own Story**. 1914. Disponível em: <https://www.perlego.com/book/1821794/my-own-story-pdf>. Acesso em: 12 nov. 2022.

PEREIRA, L. M. **A história da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2003.

PINHO, A. L. História da Sexualidade Feminina. In: **Anais do XIII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA**, 2008; Guarabira, Paraíba, Guarabira, Universidade Estadual de Londrina, p. 1-11, 2008.

PUCCINI, B. C.; ARON, M. L.; SANTIAGO, E. B. Trabalhadora e mãe: papéis, identidade, consciência política e democracia. **Revista de Psicologia e Política**, v. 15, n. 34, p. 587-597, 2015.

PULEO, A. **Filosofía, género y pensamiento crítico**. Valladolid: Universidade de Valladolid, 1999.

REVISTA EXAME. "**Mulheres não devem se sentir 100% prontas para ocupar espaços**", diz Rachel Maia. 2022. Disponível em: <https://exame.com/negocios/mulheres-nao-devem-se-sentir-100-prontas-para-ocupar-espacos-diz-rachel-maia/>. Acesso em: 12 nov. 2022.

ROCHA, C. D.; SILVA, G. R.; SÉ, V. A.; FLORIANO, V. A. S.; MELO, F. A. O. O fenômeno teto de vidro na ascensão à posição hierárquica das mulheres no mercado formal: barreiras. In: **Anais do Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia - Gestão do conhecimento para a sociedade**, Resende, RJ, Brasil, 2014.

RODRIGUES, J.C. **O tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.

ROHDEN, F. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 15, p. 133-152, 2008.

ROMANO, M.; CIRILLO, A.; FAVINO, C.; NETTI, A. Esg (environmental, social and governance) performance and board gender diversity: The moderating role of ceo duality. **Sustainability**, v. 12, n. 21, p. 92-98, 2020.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANCHES, E. N. **Liderança feminina: desafios e oportunidades da diversidade de gênero no mercado brasileiro**. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SANDBERG, S. **Women, Work, and the Will to Lead**. Nova York: Perigee, 2013.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 2005.

SHIACH, M. O “simbólico” deles existe, detém poder – nós, as semeadoras da desordem, o conhecemos bem demais. In: BRENNAM, T. **Para além do falô**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Ventos, 1997). p. 205-224.

SILVA, A. **Mulheres na era digital: Apropriação e uso das tecnologias da informação e comunicação**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, A. C. História Das mulheres na Idade Média: Abordagens E Representações Na Literatura Hagiográfica (Século XIII). In: **Anais do IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA**; Jataí, Universidade Federal de Goiás, p. 1-15, 2014.

SILVA, G. C. C., Et AL. A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, v. 8, n. 2, p. 65-76, 2005.

SILVA, A. I.; FIGUEIREDO, B. Sexualidade na gravidez e após o parto. **Psiquiatria Clínica**, v. 25, n. 3, p. 253-264, 2005.

GOMES, F. A.; SANTANA, P. G.; SILVA, M. J. Mulheres empreendedoras desafios e competências. **Técnica Administrativa**, v. 4, n. 24, p. 3-14, 2005.

SOUZA, E.; BALDWIN, J. R., ROSA, L. A Construção Social dos Papéis Sexuais Femininos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 13, n. 3, p. 485-496, 2000.

STANTON, E. C. **The Woman's Bible**. 1895. Disponível em: <https://ecommons.cornell.edu/handle/1813/2585>. Acesso em: 12 nov. 2022.

SWAIN, T. N. Meu corpo é um útero? Reflexões sobre a procriação e a maternidade. In: MATOS, I. S.; SOIHET, R. (Orgs.). **Maternidade e Feminismo: diálogos interdisciplinares**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007. p. 12-39.

VIANA, L. H. Por uma tradição do feminino na literatura brasileira. In: **SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA**, 5, 1993, Natal. Anais... Natal: UFRN, Universitária, 1995, p. 168-174.

WALKER, A. **A cor púrpura**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1991.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. São Paulo: Lafonte, 2020a.

WOOLF, V. **O Quarto de Jacob**. São Paulo: Lafonte, 2020b.

ZILBERMAN, R. A estrela e seus críticos. In: ZILBERMAN, R.; Et AL. **Clarice Lispector: a narração do indizível**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, EDIPUC, Instituto Cultural Judaico Marc Chagal, 1998. p. 93-104.

ZILBERMAN, R. O espelho da literatura. **Portuguese Cultural Studies**, v. 1, n. Spring, p. 22-32, 2007.

ZOLIN, L. O. Literatura de Autoria Feminina. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. rev. e amp. Maringá: Eduem, 2009a. p. 327-336.

ZOLIN, L. O. Crítica Feminista. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. rev. e amp. Maringá: Eduem, 2009b. p. 217-242.

ANEXOS

ANEXO I - A Revista "Olhe pra Ela"

INTRODUÇÃO

A revista "Olhe pra Ela" foi concebida como uma plataforma de autocuidado e empoderamento feminino para mulheres de todas as idades. Com um design visualmente cativante, utilizando tons de azul e lilás, imagens ilustradas artisticamente de mulheres e conteúdo inspirador, a revista buscará promover uma jornada de autoconhecimento, bem-estar e reflexão pessoal. Neste anexo, exploraremos em detalhes o que se propõe ser a Revista como algo que avançará para além da conclusão da Tese. Como uma visão geral, será apresentado o que se pretende, a saber: o conceito, a proposta e como pretendemos dar desenvolvimento a mesma de modo que a revista também possa ser utilizada como ferramenta de jogos de aprendizagem e jogos de interação para adolescentes e adultos.

CONCEITO E PROPOSTA

O conceito central da revista "Olhe pra Ela" baseia-se na ideia de que o autocuidado é essencial para o crescimento pessoal e o empoderamento de qualquer sujeito, sendo em aderência a este trabalho, trabalharemos com o enfoque para o feminino. Através de um olhar compassivo para si mesma, cada mulher pode explorar sua verdadeira essência, superar desafios e abraçar sua individualidade. A revista busca fornecer um espaço seguro e inclusivo onde as mulheres possam se conectar, compartilhar experiências e encontrar recursos práticos para nutrir sua mente, corpo e espírito.

A revista buscará abordar uma ampla gama de temas relacionados ao autocuidado, incluindo saúde física e mental, relacionamentos, espiritualidade, desenvolvimento pessoal, moda, beleza e carreira. Através de artigos informativos, reflexões, atividades interativas e sugestões práticas, a revista busca capacitar as mulheres a viverem uma vida autêntica, plena e significativa.

Uma revista digital é uma publicação eletrônica que está disponível exclusivamente em formato digital, acessível através de dispositivos como computadores, tablets e smartphones. Ao contrário das revistas tradicionais impressas, as revistas digitais são distribuídas online, permitindo que os leitores tenham acesso instantâneo ao conteúdo, independentemente da sua localização geográfica. Dessa forma permite inclusive que sejam utilizadas como atividade guiada por professores em sala de aula, visto que, este, partirá do acesso de smartphone ou computador do aluno, para que em contato com o conteúdo da revista possa mediar debates e reflexões a partir de uma abordagem até mesmo multidisciplinar.

O conceito de revista digital baseia-se na convergência da tecnologia e da informação, aproveitando as vantagens do meio digital para oferecer uma experiência de leitura interativa e dinâmica. Por meio de recursos multimídia, como vídeos, áudios, animações e links, as revistas digitais vão além do simples texto e imagens estáticas, proporcionando uma abordagem mais envolvente e enriquecedora.

Uma das características distintivas das revistas digitais é a sua capacidade de oferecer conteúdo personalizado e segmentado. Com a utilização de ferramentas de análise de dados e perfis de usuários, as revistas digitais podem adaptar o conteúdo de acordo com os interesses e preferências individuais de cada leitor, proporcionando uma experiência de leitura altamente relevante e personalizada.

Além disso, as revistas digitais também se destacam pela sua acessibilidade e facilidade de compartilhamento. Os leitores podem acessar o conteúdo a qualquer momento e em qualquer lugar, utilizando os seus dispositivos eletrônicos. As revistas digitais podem ser facilmente compartilhadas através de redes sociais, e-mail ou outros meios de comunicação digital, ampliando assim o alcance e impacto do seu conteúdo.

No contexto atual, em que cada vez mais pessoas buscam informações e entretenimento online, as revistas digitais oferecem uma alternativa moderna e conveniente às publicações impressas. Elas proporcionam uma experiência de leitura interativa, personalizada e acessível, permitindo que os leitores desfrutem do conteúdo de forma mais envolvente e adaptada às suas preferências individuais. O conceito de revista digital está em constante evolução, aproveitando as inovações tecnológicas para proporcionar uma experiência de leitura cada vez mais rica e imersiva.

O desenvolvimento do Projeto da revista "Olhe pra Ela" envolve a escrita de textos de forma direcionada e objetiva com linguagem adequada ao público, aplicação de técnicas de designer gráfico, cores e ilustrações, além de sua abordagem sobre a produção de conteúdo digital. As imagens ilustradas de mulheres foram selecionadas para refletir a diversidade, a autenticidade e a beleza natural de todas as mulheres. A arte e a ilustração desempenham um papel fundamental na revista, fornecendo uma representação positiva e inspiradora das experiências femininas.

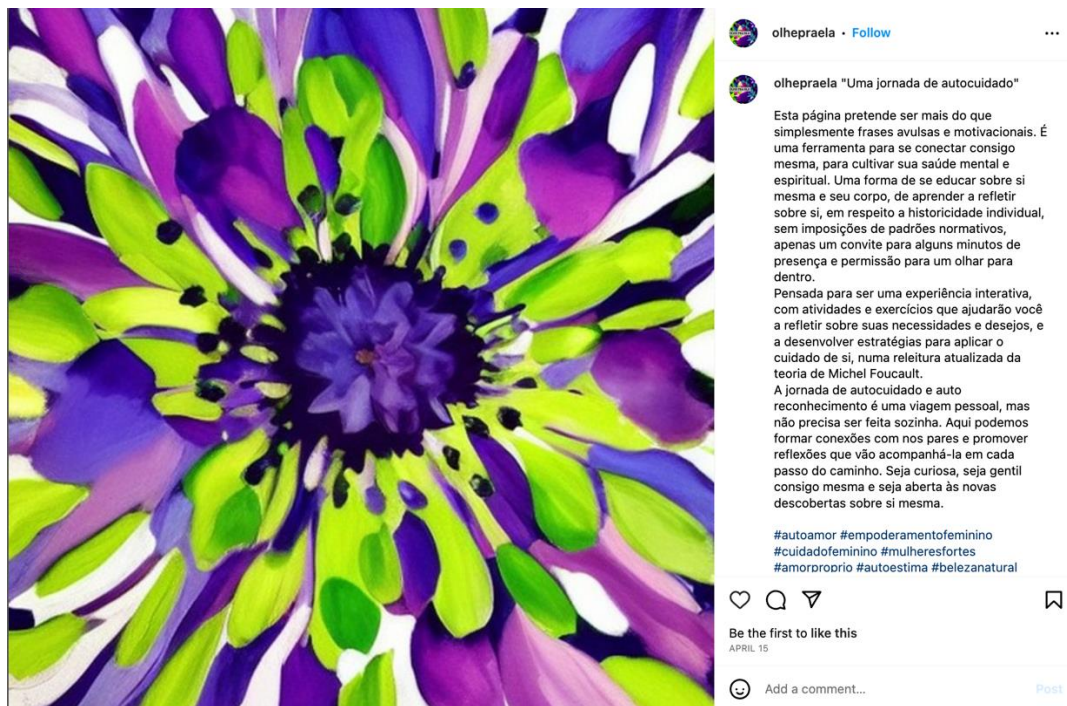
Além dos textos, a revista também apresenta seções com frases inspiradoras, reflexões, sugestões de práticas de autocuidado, recomendações de livros, filmes e podcasts, bem como links para entrevistas com mulheres influentes que compartilham suas experiências e perspectivas sobre o autocuidado e o empoderamento feminino.

A revista "Olhe pra Ela" está disponível na versão digital permite que as mulheres tenham acesso instantâneo ao conteúdo em seus dispositivos móveis, possibilitando o acesso qualquer momento e em qualquer lugar.

CONTEÚDOS

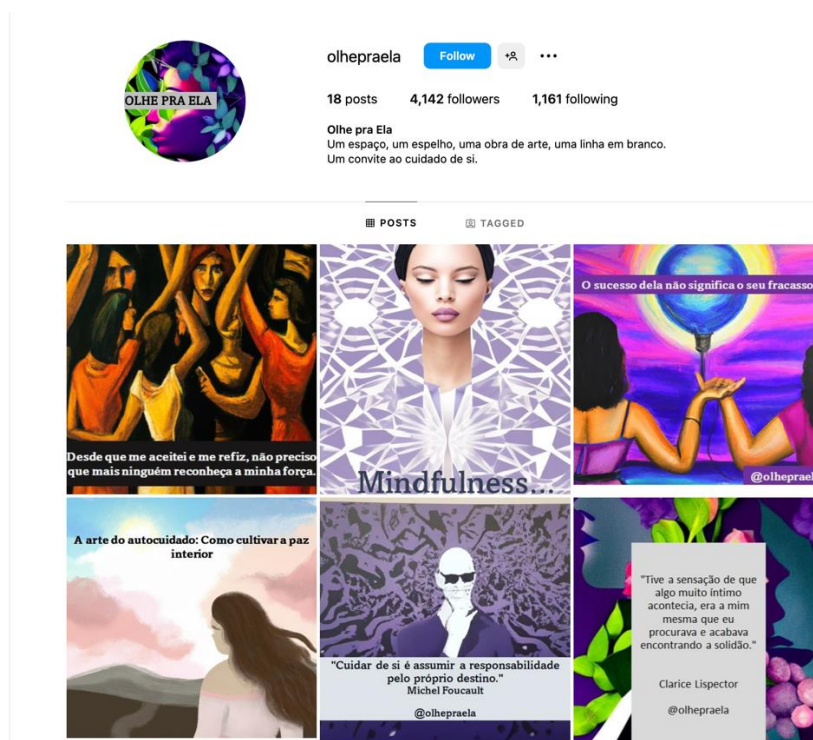
A seguir apresentamos algumas imagens extraídas das postagens on-line da própria revista com vistas a ilustrar o exposto neste Anexo.

Imagem 1 – Página de Abertura da Revista Digital @olhepraela.



Fonte: <https://www.instagram.com/olhepraela/>

Imagem 2 – Página Inicial da Revista Digital @olhepraela.



Fonte: <https://www.instagram.com/olhepraela/>

Imagem 3 – Exemplo de Postagem da Revista Digital @olhepraela que podem ajudar na prática do autocuidado e da meditação.



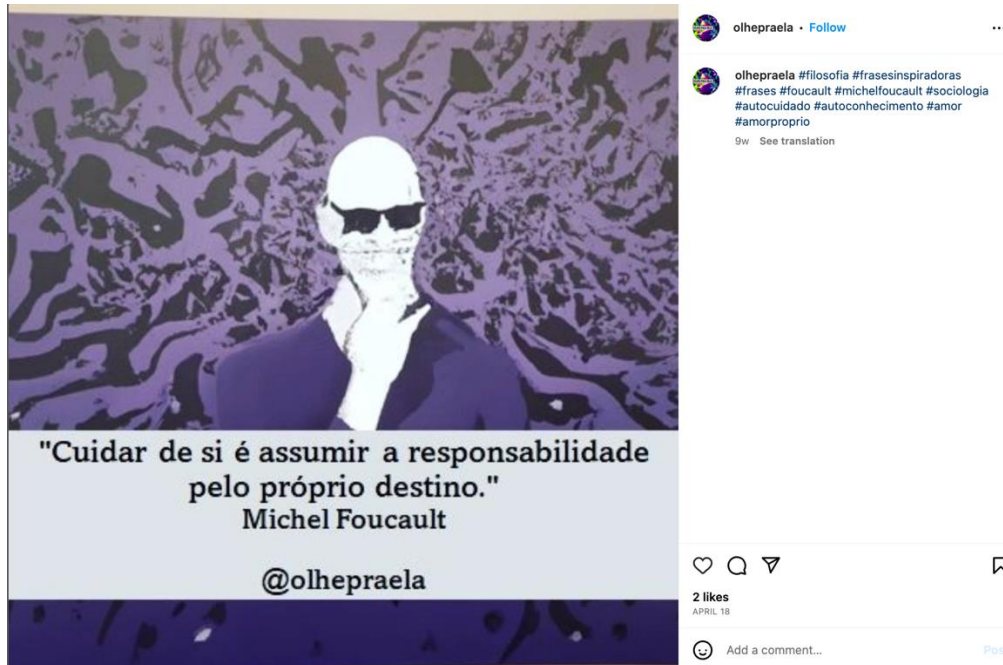
Fonte: <https://www.instagram.com/olhepraela/>

Imagem 4 – Exemplo de Postagem da Revista Digital @olhepraela relacionada ao autoamor e manutenção da autoestima.



Fonte: <https://www.instagram.com/olhepraela/>

Imagem 5 – Exemplo de Postagem da Revista Digital @olhepraela voltada a questão do cuidar de si e do autoconhecimento.



Fonte: <https://www.instagram.com/olhepraela/>

Imagem 6 – Exemplo de Postagem da Revista Digital @olhepraela relacionada saúde mental e o autocuidado.



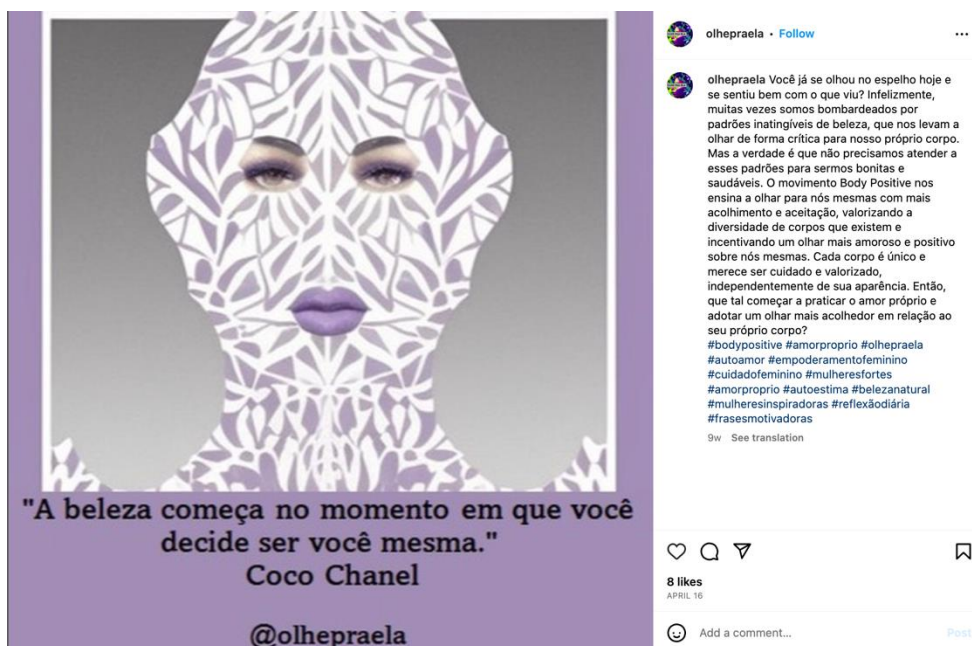
Fonte: <https://www.instagram.com/olhepraela/>

Imagem 7 – Exemplo de Postagem da Revista Digital @olhepraela relacionada ao processo de individuação e autoconhecimento da mulher.



Fonte: <https://www.instagram.com/olhepraela/>

Imagem 8 – Exemplo de Postagem da Revista Digital @olhepraela relacionada ao autoamor, ao autocuidado, a autoestima e ao destaque de sua beleza própria.



Fonte: <https://www.instagram.com/olhepraela/>

Imagem 9 – Exemplo de Postagem da Revista Digital @olhepraela que relaciona coisas da vida comum a prática do autocuidado da mulher.



Fonte: <https://www.instagram.com/olhepraela/>

Imagem 10 – Exemplo de Postagem da Revista Digital @olhepraela indicando alguns Podcasts ligados a temática feminina que podem ser livremente acessados na internet.



Fonte: <https://www.instagram.com/olhepraela/>